

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

Luísa da Rosa Olesiak

**NARRATIVAS DA VELHICE: ENTRELACES DO DISCURSO ACERCA
DO LUTO**

Santa Maria
2019

Luísa da Rosa Olesiak

NARRATIVAS DA VELHICE: ENTRELACES DO DISCURSO ACERCA DO LUTO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de concentração em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**.

Orientador: Prof. PhD. Alberto Manuel Quintana

Santa Maria, RS, Brasil
2019

Ficha gerada com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Olesiak, Luísa da Rosa
Narrativas da velhice: Entrelaces do discurso acerca do luto
Luísa da Rosa Olesiak. - 2019.
121 p. ; 30cm

Orientador: Alberto Manuel Quintana
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Huamas, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Santa Maria, RS, 2019.

1. Velhice 2. Luto 3. Finitude. I. Quintana, Alberto Manuel II. Olesiak, Luísa da Rosa

Luísa da Rosa Olesiak

NARRATIVAS DA VELHICE: ENTRELACES DO DISCURSO ACERCA DO LUTO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Psicologia.**

Aprovado em 07 de março de 2019:

Alberto Manuel Quintana, Phd UFSM)
(Presidente/Orientador)

Gabriela Casellato Brown Ferreira Santos, Dra.

Shana Hastenpflug Wottrich, Dra. (UNIPAMPA)

Santa Maria, RS

2019

AGRADECIMENTOS

À minha mãe e ao meu pai que, em toda a minha vida, dedicaram-se a mim e a minha construção enquanto pessoa, permitindo todo meu crescimento enquanto profissional. Por estarem sempre ao meu lado enquanto meu esteio e por promoverem sustentação e amor imprescindíveis em todo o meu desenvolvimento.

Ao professor Alberto, que no transcorrer da minha formação acadêmica se demonstrou um orientador e amigo, acolhendo e me auxiliando na construção de conhecimentos e aprendizados enquanto profissional e ser humano. Especialmente, por ter aceitado me acompanhar na caminhada desta temática.

Ao irmão Lucas, por todo zelo e apoio desde sempre e, em especial, na minha caminhada na Psicologia.

Aos meus avós, pelo cuidado contínuo, amor e compreensão que sempre dirigiram a mim, além de forte fonte de inspiração para a vida, bem como a presente pesquisa.

À minha amiga, e irmã de coração, Nathália, por, desde criança, ter oferecido amizade e carinho, fazendo parte da minha construção enquanto pessoa e, demonstrando apoio imprescindível aos meus anseios e conquistas.

À minha amiga Carla Stello, pela amizade e carinho construído, por ter sentido lado a lado e acolhido todas as angústias e alegrias do processo da Dissertação e da vida.

Às amigas que a Pós-Graduação em Psicologia me (re)apresentou, em especial, à Renata, Thamires, Mônica e Alessandra, por compartilharem comigo momentos tão especiais, com um olhar tão doce e afetuoso que construímos juntas. Por terem partilhado momentos de angústia, apreensão, alegrias e cuidado nesta trajetória que conquistamos.

À Caroline Colomé, por ter me acompanhado na pesquisa, sempre com muito cuidado e disposição. Também, por ter se tornado uma amiga e companheira nessa trajetória e ter sempre disponibilizado o seu olhar e disciplina.

À Mikaela, por todo suporte e amparo despendidos aos trabalhos. Por toda generosidade, doçura e acolhimento que resultaram em valiosas contribuições à pesquisa, sendo muito importante para um amparo e construção da mesma.

À Caroline Castro por ter me proporcionado através da sua companhia nestes anos de pós-graduação, a oportunidade de construir e transmitir conhecimentos e espaços de trocas, sempre na presença de muito afeto.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa e extensão, que sempre permitiram um espaço muito importante de aprendizado e companheirismo. Por compartilharem vários momentos de construção e questionamentos de aspectos que atravessam nossa prática e saber na Psicologia. Por terem tornado o caminhar na pós-graduação ainda mais enriquecedor.

Aos demais amigos queridos e familiares que, por vezes distantes, sempre se demonstraram companheiros e amorosos.

Aos demais professores e pesquisadores por todo aprendizado e por me acompanharem nesta construção de um olhar e escuta ao outro.

À Universidade Federal de Santa Maria, por toda estrutura e possibilidades que me proporcionou e por ter promovido imensos conhecimentos e reflexões à minha formação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

RESUMO

NARRATIVAS DA VELHICE: ENTRELACES DO DISCURSO ACERCA DO LUTO

AUTORA: Luísa da Rosa Olesiak
ORIENTADOR: Alberto Manuel Quintana

A velhice na contemporaneidade é perpassada por estigmas e uma vivência paradoxal, diante de uma sociedade que por um lado busca constantemente prolongar a vida, de modo a não se deparar com a morte, e por outro lança esforços para se distanciar dos reflexos de sua presença. Reflexos esses que se sobrepõe por meio de mudanças que tocam o sujeito, o seu corpo, psique e relações, de forma a retratar perdas inevitáveis no processo de desenvolvimento. Nesse cenário, a sociedade ocidental contemporânea, a qual preza pela produção e o imperativo da felicidade, possui como característica a aversão às perdas e à finitude, sendo essas extintas das reflexões e pautas sociais. Dessa maneira, muitas vezes, constroem-se imagens acerca da velhice, entrelaçadas na ideia que denota apenas aspectos saudáveis e alegria, afastando tudo que remete a possíveis perdas da ordem simbólica e real, o que reverbera na ausência de espaços para a elaboração das mesmas. Ademais, todo este processo demanda pensar acerca do olhar do outro direcionado aos idosos, o qual ainda hoje remete à ideia de fragilidade e do ser indefeso, de modo a não acolher as angústias e auxiliar na elaboração de suas vivências. Frente a isso, objetiva-se nesta pesquisa compreender como os sujeitos idosos significam a velhice, bem como, as suas percepções em relação à morte. Isso se deve ao entender que há inúmeras questões que perpassam a velhice, como a entrada em outro papel social, além da perda real do outro - cônjuge, familiares, amigos - bem como, as perdas simbólicas de si mesmo, por meio do trabalho, do corpo e de sua performance. Entende-se que a importância deste estudo se dá na medida em que se permite espaço de fala e reflexão ao idoso, de modo a fornecer subsídios para práticas de saúde que sejam mais próximas às suas demandas, bem como, um olhar e cuidado mais humanizado à vivência da velhice. Para tanto, foi utilizada uma pesquisa exploratória e descritiva, calcada no método clínico-qualitativo. Os sujeitos da pesquisa foram buscados nos cadastros em uma Estratégia de Saúde da Família responsável pela região Centro Leste de um município do interior do Rio Grande do Sul, que possui uma significativa demanda com idosos, sendo a amostra composta pelo critério de saturação dos dados. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas com questões abertas que, com o consentimento dos participantes, foram transcritas na íntegra para serem analisadas através da análise de conteúdo. A pesquisa comprometeu-se em respeitar todos princípios éticos presentes na resolução 510/2016 que rege a pesquisa com seres humanos. Nesse sentido, serão respeitados os princípios da autonomia, beneficência, não mal eficiência, justiça e equidade, garantindo os direitos e deveres dos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado.

Descritores: Velhice; Luto; Finitude.

ABSTRACT

THE OLD AGE NARRATIVE: SPEECH INTERTWINED ABOUT GRIEF

AUTHOR: Luísa da Rosa Olesiak

ADVISOR: Alberto Manuel Quintana

Old age is permeated by stigma and a paradoxical experience at contemporary times, in the face of a society that on one hand constantly seeks to prolong life to not encounter death, and on the other it strives to distance itself from the reflexes of its presence. Reflexes that overlap by changes that touch the subject means, his body, psyche and relationships, in order to portray inevitable losses in the development process. In this scenario, the contemporary Western society, which values the production and the imperative of happiness, has as characteristic the aversion to the losses and the finitude, being these extinct of the reflections and social guidelines. In this way, images are often constructed about old age, intertwined in the idea that denotes only healthy aspects and joy, removing everything that refers to possible losses of the symbolic and real order, which reverberates in the absence of spaces for the elaboration of the same ones. In addition, this whole process demands to think about the others look directed to the elderly, which still today refers to the idea of fragility and being defenseless, so as not to accept the anxieties and help them in the elaboration of their experiences. In the face of this, the objective of this research is to understand how the elderly subjects mean old age, as well as their perceptions regarding death. This is due to the understanding that there are innumerable questions that pervade old age, such as entering into another social role, as well as the real loss of the other - spouse, family, friends - as well as symbolic loss of self through work, of the body and its performance. It is understood that the study importance is given to the extent that space for speech and reflection is allowed to the elderly, in order to provide subsidies for health practices that are closer to their demands, as well as a more humanized look and care to the experience of old age. For that, an exploratory and descriptive research, based on the clinical-qualitative method was used. The subjects of the survey were searched for in a Family Health Strategy responsible for the eastern Region of Rio Grande do Sul state interior, which has a significant demand with elderly people, being the sample composed by the data saturation criteria. Data were collected through semi-structured interviews with open questions that with the consent of the participants were full transcript for analysis through content analysis. The research pledged to respect all ethical principles presented in the resolution 510/2016 that rules research with human beings. In this sense, the principles of autonomy, beneficence, efficiency, justice and equity will be respected, guaranteeing the rights and duties of the research participants, the scientific community and the State.

Keywords: Old age; Mourning; Finitude.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

APA – American Psychological Association

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

ESF – Estratégia de Saúde em Família

NEPES – Núcleo de Educação Permanente em Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

WHO – World Health Organization

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – Eixos Norteadores às Entrevistas

ANEXO II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ANEXO III – Termo de Confidencialidade

ANEXO IV – Autorização Institucional

ANEXO V – Carta de Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	1
2. INTRODUÇÃO	2
2.1 JUSTIFICATIVA	4
2.2 OBJETIVOS	8
2.2.1 Objetivo Geral	8
2.2.2 Objetivos Específicos	8
3. REFERENCIAL TEÓRICO	8
3.1 O Universo da velhice e suas nuances	8
3.2. Morte: Um diálogo possível?	15
3.3 A morte e a velhice no contemporâneo: Lutos e (des)investimentos	20
4. MÉTODO	24
4.1. Desenho do estudo	24
4.2. Cenário do estudo	26
4.3. Participantes da pesquisa	27
4.4. Procedimentos para coleta de dados	29
4.5. Análise dos dados	31
4.6. Aspectos Éticos	32
5. RESULTADOS	34
ARTIGO 01 - O VELHO E O OUTRO: IDENTIFICAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE SI NA VELHICE	35
ARTIGO 02 - O ENCONTRO COM AS PERDAS NA VELHICE E A REFLEXÃO DA PRÓPRIA FINITUDE	63
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
7. REFERÊNCIAS	93
ANEXO I – EIXOS NORTEADORES ÀS ENTREVISTAS	102
ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPANTES	103
ANEXO III – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	106
ANEXO IV – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	107
ANEXO V – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	108

1. APRESENTAÇÃO

Na presente pesquisa, buscou-se a compreensão quanto as narrativas que os sujeitos idosos constroem acerca da velhice e o seu enlace com o luto, no que condiz as perdas simbólicas e reais vivenciadas nessa fase da vida. O interesse na temática adveio da formação acadêmica e profissional da pesquisadora, bem como da sua inserção na pesquisa científica, nas quais os atendimentos e olhares lançados à velhice instigaram a busca por um maior aprofundamento neste universo. Nos discursos previamente compreendidos por meio da clínica e das leituras e participações em investigações científicas, pode-se também perceber a importância de uma atenção e elucidação dos dizeres e silêncios ao redor do luto e da velhice. Frente a intensas mudanças que perpassam o sujeito idoso no seu mundo interno e externo, de que forma se processam essas transformações psiquicamente e, de que modo, isso repercute nas esferas pessoais e sociais do seu envelhecer.

Nessa perspectiva, com a intenção de explorar aspectos relacionados à velhice e seu encontro com o luto, serão abordados, nesta pesquisa, temas como as modificações que perpassam o olhar direcionado ao idoso e a morte na cultura, tendo em vista que assim, poder-se-á, desenvolver subsídios teóricos para sustentar o processo de compreensão acerca da identidade do ser na velhice e do luto nesta área. Para isso, a pesquisa está estruturada após a Introdução da temática e Justificativa, em uma Fundamentação Teórica que inclui a partir de tópicos a discussão sobre: A velhice e suas nuances, objetivando discorrer sobre as conceitualizações para essa fase da vida na perspectiva psicanalítica, os estigmas sociais que perpassam a mesma e a sua construção cultural e histórica; Morte: um diálogo possível?, o qual aborda o fenômeno da morte em um contexto histórico e os seus significados atuais. E, por último, Morte e velhice no contemporâneo: Lutos e (des)investimentos, que apresenta as possibilidades de encontro com perdas reais e simbólicas na velhice, bem como as repercussões dessas na vivência do sujeito idoso.

Além desses aspectos, serão apresentados os dois artigos compostos na Dissertação, os quais demonstram os dados analisados e as suas respectivas reflexões teóricas, sendo eles: O velho e o outro: identificação e reconstrução de si na velhice e; O encontro com as perdas na velhice e a reflexão da própria finitude. Os respectivos artigos seguiram a formatação conforme

as normas da Publication Manual of the American Psychological Association (2010, 6ª edição) (APA).

Por meio disso, objetiva-se que os resultados da presente pesquisa possam, com os seus achados, contribuir para a qualidade de vida na velhice e nos seus encontros com as perdas, de modo ainda a ser facilitador da promoção de um luto saudável no campo da saúde. Assim as construções do estudo serão guiadas pela crença de que a Psicologia enquanto ciência possui uma engrenagem necessária para ampliar os estudos e atendimentos ao público dos idosos, através de suas reflexões e compreensões acerca das possíveis narrativas na velhice, auxiliando na estruturação de uma assistência que entenda e dialogue conforme a linguagem dos sujeitos idosos.

2. INTRODUÇÃO

A velhice no mundo contemporâneo desafia a fácil generalização, o seu retrato enaltece a complexidade, uma vez que não parece existir uma indagação e resposta social única para o que é a velhice, bem como porque o significado atribuído a essa vivência é rodeado por crenças e valores de ordem cultural (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Dessa forma, o campo velhice diz de um enlace com o outro, ou seja, de um endereçamento e construção de significados perpassados intrinsecamente por essa relação, e sobre como a sociedade presencia esse fenômeno e permite recursos para (des)investir no mesmo.

Ao longo dos séculos XX e XXI, decorreu um intenso desenvolvimento tecnológico obtido pela medicina, o qual produziu um aumento na eficácia, bem como na segurança dos procedimentos terapêuticos e dos cuidados em saúde, havendo assim um aumento na longevidade. Entretanto, diretamente a isso não decorreu uma reflexão sobre os impactos dessa nova realidade à forma como os sujeitos concebem a vida e a morte, bem como, ao modo que os olhares e as relações são percebidos pelos mesmos (SALLES, 2010). Dessa maneira, o progresso científico que promove um melhor controle sobre as doenças, o corpo e a vida de modo geral, não aplaca o temor das perdas envolto nas vivências dos sujeitos e de cada um em sua singularidade, bem como, as possíveis angústias e conflitivas nas relações interpessoais, sendo que isso se apresenta de modo singular no universo da velhice (MUCIDA, 2017). Diante desse cenário, muitas vezes, demonstra-se uma carência de ações que busquem a prevenção e

promoção de saúde, no que diz da compreensão e do acolhimento das conflitivas possíveis neste universo e do possível sofrimento envolto no mesmo.

A partir desse contexto, no intuito de se aproximar da velhice, percebe-se esta enquanto perpassada por meio de uma baliza cronológica, que retrata alguém como idoso a partir dos 60 anos de idade (WHO, 2002). Entretanto, a velhice condiz também a um processo pessoal e sócio-cultural. Beauvoir (1990), conceitua a velhice como um fenômeno de ordem biológica que possui reflexos na psique. Conforme a referida autora a velhice é compreendida na sua complexidade, não dizendo apenas de um aspecto cronológico e biológico, mas transpassado pela cultura, uma vez que possui uma dimensão que transforma a relação do sujeito com o tempo, bem como com o mundo e, assim, com a sua história singular.

Nessa linha, o envelhecer, de modo semelhante ao nascimento do sujeito, confronta-o com o desconhecido e o inominável. Introduce-se, desde cedo, uma rede discursiva que ornamenta os ideais da sociedade, vinculados ao mercado e à comercialização de uma eterna juventude e de um sujeito e corpo imunes ao tempo e às fragilidades naturais da condição de ser humano. Desse modo, muitas vezes, se ignora a velhice e busca-se um afastamento constante de tudo que remete, de modo imaginário, às perdas e à finitude. As próprias marcas do envelhecer, que demonstram a inscrição do real no corpo e nas vivências singulares desta fase, causam inquietudes e medos à sociedade, visto que esta não consegue mobilizar um significante que dê conta de nomeá-las por completo. Com isso, o que se encontraria na ordem da linguagem, se converte, muitas vezes, em angústias para o social, de modo a não se falar sobre ou se edificar um discurso que permite espaço apenas ao que se enquadra como a velhice idealizada (FARIAS; RODRIGUES, 2016).

Busca-se assim, apagar isso que adentra ao campo do não dizer, colocando como meta do sujeito contemporâneo transcender o inevitável, como o que concerne ao campo da velhice e da morte. O desafio da finitude parece, nessa lógica, explicitar sua vulnerabilidade constituinte, principalmente diante do que lhe é fatídico e imperioso: frente ao fim ou, ao menos, frente ao término da ilusão de bastar-se (ELIAS, 2001).

Conforme Andrade (2012), na literatura, discute-se de modo singular a aproximação dos sujeitos idosos com a finitude, em função, muitas vezes, das recorrências cotidianas que esse fenômeno apresenta, como a morte real do outro - cônjuge, familiares, amigos de idades semelhantes - ou até mesmo do próprio sujeito, devido as perdas de ordem social, corporal, dentre outras. Nessa perspectiva, a velhice coloca perdas de ordem simbólica e real, demandando assim de uma elaboração do luto frente a essas vivências (FREITAS; QUEIROZ; SOUZA, 2010). Isso tudo defronta o sujeito à finitude, a qual por mais que seja esperada

racionalmente no desenvolver das fases da vida, ainda é vista com espanto e surpresa, de modo a ser negada e afastada dos meios e discussões sociais.

Nessa ordem, é importante destacar que por mais que a morte, atualmente, ocorra de modo mais frequente nas idades mais avançadas, e sua presença simbólica, mediante as perdas cotidianas, possa se demonstrar de modo peculiar nesta fase, não significa que a velhice condiz ao caminho mais próximo e rápido para o fim de vida, bem como, que ela não atribui diversos ganhos e novas perspectivas futuras (ANDRADE, 2012). Entretanto, as perdas singulares deste momento, exigem uma reflexão sobre as vivências do luto e quais os sentimentos e percepções acerca da morte, uma vez que pensá-la condiz percebê-la enquanto uma experiência tão valiosa e significativa como qualquer outra, e que permite construir sentidos à própria vida (ÁRIES, 2017).

Defende-se assim, a importância de refletir acerca da velhice hoje e o seu espaço, os possíveis encontros com as perdas, bem como, com a demanda de um olhar do outro como sustentáculo à continuidade dos investimentos na vida. Dessa maneira, a presente pesquisa será calcada nos pressupostos psicanalíticos como principal olhar para abordar o sujeito, em vista de permitir adentrar a aspectos subjetivos e inconscientes que tangem às temáticas a serem desenvolvidas. Com o intuito de explorar questões relacionadas aos significados atribuídos à velhice, enquanto uma vivência singular e social, bem como, a aspectos da morte e da relação com o outro, abordar-se-á temáticas como os estigmas, o luto, as perdas e as relações interpessoais, uma vez que se compreende que essas fornecerão subsídios teóricos e reflexivos para pensar mais a fundo a vivência real do envelhecer.

2.1 JUSTIFICATIVA

Em decorrência do aumento da eficácia das tecnologias e cuidados na área da saúde, percebe-se o crescimento da expectativa de vida e a significativa queda na taxa de mortalidade infantil, além de o declínio da fecundidade, confirmando assim a tendência ao envelhecimento da população. A expectativa de vida no Brasil, passou a 74,9 anos em 2013, adentrando a 78,9 anos para as mulheres e 71,3 para homens. Dessa forma, atualmente há cerca de 10,2 milhões de brasileiros idosos, sendo que na previsão para 2050 consta cerca de 23,5 milhões, havendo pela primeira vez mais idosos do que crianças e jovens menores de 15 anos (IBGE, 2013).

Frente a essa nova realidade, instauram-se novas problemáticas que precisam de um olhar atento e reflexões sobre as vivências desta população. O Ministério da Saúde (2017) alerta

para o maior índice de morte autoinfligida em idosos de mais de 70 anos, sendo registrada nesta faixa uma média de 8,9 mortes por 100mil habitantes nos últimos seis anos, demonstrando-se assim mais prevalente neste campo. Nesse sentido, frente ao aumento do suicídio nesta faixa etária, questiona-se a ideia de como as perdas e o sofrimento estão sendo enfrentados e significados nesta fase, bem como, se há abertura de espaços para falar dos mesmos.

No que congrue com essa emergente realidade social, os registros de óbitos nas últimas décadas no Brasil, demonstram um aumento no contingente de sujeitos que chegam às “idades finais”, ou seja, um número maior de óbitos nas idades mais avançadas. Nessa linha, percebe-se, muitas vezes, a construção de uma crença social prévia de que o sujeito idoso se encontra mais preparado para a sua morte, por estar mais “próximo” da mesma e assim mais “pronto” para vivê-la (MUCIDA, 2017).

Embora a temática da morte seja uma constante em todas as sociedades, e a velhice, por sua vez, torne-se uma presença marcante na atualidade, silenciam-se ambas temáticas na medida em que são percebidas como o prenúncio do fim (VIANNA; LOUREIRO; ALVES, 2012). No que diz do encontro com o fim de vida, percebe-se este enquanto um tabu, tema interdito, o qual busca ser afastado dos olhares e pensamentos, devido à tamanha angústia que se deparar com ele produz. Isso se acentua ainda mais quando se adentra ao universo da velhice, o qual está associado no íntimo da representação social, à fragilidade, ao adoecer e à finitude, sendo que o olhar advindo do outro perpetua uma exclusão e afastamento, para não se deparar com aquilo que o defronta com a ideia insuportável de sua própria morte (MUCIDA, 2017; ÁRIES, 2017).

Demonstra-se assim, a complexidade envolta à velhice, bem como, à morte, ambas encobertas e relegadas a lugares distantes na sociedade e cultura, dificultando-se o encontro com essas questões. Com isso, muitas vezes, faz-se presente um esvaziamento simbólico de ambas categorias, diante do imperativo do novo, de uma sociedade que busca ao máximo prolongar a vida, mas ao mesmo tempo, distanciar-se dos reflexos da sua presença, apresentando-se uma ausência de lugar ao sujeito para se deparar com essas questões e elaborá-las (VILHENA; ROSA, 2016).

Os sujeitos idosos, muitas vezes vistos enquanto uma classe, são abordados como dependentes e indefesos e como seres que demandam serviços especializados, funcionando esses, em muitos casos, como um redutor da liberdade e autonomia na tomada de decisões acerca da sua vida. Dessa maneira, a velhice passa a ser incorporada no tecido social como perda das capacidades, constituindo assim mitos que retratam implicações ao modo como os sujeitos idosos se percebem (AGICH, 2008).

Nesse sentido, exalta-se a problemática da exclusão civil e social dos idosos, frente à ausência de conhecimento ou consciência sobre a importância desses na sociedade, com exceção a aqueles que demonstram melhores condições financeiras ou possuem como destaque o saber intelectual, o que não condiz com a realidade de toda população idosa. Isso se concebe frente uma lógica cultural, social e histórica acentuada pela perspectiva capitalista, diante da desvalorização social no que concerne à falta de poder financeiro e as perdas e diminuições na produção e capacidade laboral do sujeito (CAVALCANTE; SANTOS, 2015).

Mediante esse cenário, enquanto a percepção da sociedade, que orienta e rege as interações sociais, de forma usual se liga a uma rede simbólica que combina concepções biomédicas e culturais, a percepção de muitos profissionais, a qual geralmente guia as políticas de saúde, pode decair na supervalorização do saber biomédico em detrimento a aspectos culturais trazidos pelos sujeitos (GIACOMIN; SANTOS; FIRMO, 2013; LE BRETON, 2003). Frente a isso, pode ocorrer um distanciamento entre o discurso do idoso e da cultura assumida na lógica dos profissionais. Presencia-se assim, o despreparo presente, em muitos casos, dos profissionais, cuidadores e sociedade para lidar com a velhice, bem como com a temática do fim de vida (GIACOMIN; SANTOS; FIRMO, 2013; HANUS, 2009).

Tende-se a não considerar questões psicológicas, afetivas e éticas que se colocam em jogo na relação do outro com o idoso, de modo que, pode-se predominar uma visão curativa e restritiva ao partir de uma visão fragmentada do sujeito, em que se destaca e valoriza apenas uma parte de si. Isso faz com que resulte a possibilidade de instituição de uma verticalização das relações de cuidado, onde familiar e profissional podem assumir um papel de detentor do saber e o sujeito passa a ser visto como alguém que acata esse saber, demonstrando-se sem autonomia e voz ativa nessas relações. Com isso, se instaura uma distância e significativa diferença entre o olhar direcionado pelo social e a visão dos idosos (OLIVEIRA, 2012).

Nessa lógica, na cultura e nas relações regidas pela mesma – como as relações familiares e demais laços afetivos – podem se instituir diversas práticas discriminatórias para com o idoso, as quais podem se tornar segregatórias ao abraçarem o sentido de que “todos os idosos são iguais”. Dessa forma, na discriminação, que se trata de uma tentativa de excluir a diferença imposta e mantida pelo social, prevalece o modo imperativo de “um para todos”. Sendo assim, aplica-se a segregação destes sujeitos, como uma via do social para lidar com aquilo da ordem do “insuportável” (MUCIDA, 2017).

Segundo Elias (2001), a “fragilidade” dos sujeitos é, muitas vezes, suficiente para segregar, por exemplo, os que envelhecem, da sociedade. Os idosos podem se transformar em menos sociáveis e suas emoções e sentimentos menos intensos, contudo, sem que se exclua a

sua necessidade de um bom encontro com o outro. Desse modo, há o isolamento implícito dos sujeitos idosos da comunidade e de suas relações sociais, o gradual distanciamento e esfriamento das relações estabelecidas com quem eram afeiçoados, muito do que lhes permitia sentido, força e segurança. Coloca-se, dessa forma, por meio do isolamento precoce retratado socialmente entorno dos idosos, as dificuldades que muitos indivíduos possuem em identificar-se com os mesmos e os sentimentos que lhes despertam.

Nesse prisma, torna-se importante que os profissionais de saúde e sociedade rompam com a ausência de diálogo acerca da velhice e da ideia da morte, ideia essa subjacente nas perdas simbólicas e reais, permitindo assim, a compreensão dessas vivências na sua complexidade (VIANNA; LOUREIRO; ALVES, 2012). Nesse viés, quando existe uma aproximação nas linguagens e concepções, pode ocorrer uma potencialização no cuidado, e até mesmo na melhoria da qualidade de vida (OLIVEIRA, 2012). Cuidado esse, que se encontra na construção de um vínculo com o outro, como possibilidade de vida, de investimentos e elaboração do luto acerca de suas vivências. Com isso, permite-se adentrar as temáticas da velhice e finitude, a partir da ética e do compromisso com o outro, do olhar e recurso lançado a fim de possibilitar um trabalho sobre essa realidade, muitas vezes, irrepresentável.

Dessa maneira, apresenta-se a importância de abordar questões do envelhecer e suas dimensões psíquicas e sociais, uma vez que a velhice é uma vivência singular, porém experienciada coletivamente sobre as implicações culturais que se apresentam. Assim, se faz necessária a reflexão e discussão sobre o que é o envelhecer no contemporâneo, retratando e questionando estereótipos ainda presentes em nossa sociedade que regem muitas práticas de cuidado e olhares destinados aos sujeitos idosos. Espera-se assim, que por meio do estudo se possibilite a construção de um espaço de voz a esses sujeitos, bem como, de uma narrativa que permita (re)criar significados sobre as suas vivências e suas relações com o outro.

Conclui-se, a necessidade de abrir espaços de fala e compreensão sobre a velhice, bem como, a ideia da morte e do luto, por serem temáticas ainda muito associadas à estigmas e temores, que emanam de alguma forma na percepção da velhice. Dessa maneira, muitas vezes, por barreiras sociais, tanto estruturais quanto da sua lógica de funcionamento e relacionamento, se impõem aos idosos um isolamento e um cuidado fragmentado.

Nessa dialógica, buscar-se-á por meio do estudo implicações sociais importantes, em termos de um olhar e assistência psicossocial aos idosos, que possa gerar contribuições técnico-científicas para área das ciências sociais, humanas e da saúde. Além disso, jaz um impacto econômico que pode surgir da pesquisa através da redução dos custos decorrentes das repercussões de um luto complicado, os quais desencadeiam prejuízos marcantes para a saúde

mental do indivíduo na velhice. Isso se apresenta, uma vez que é possível que a pesquisa gere medidas preventivas e de apoio para um acolhimento maior à condição de perda, de forma a auxiliar na readaptação do sujeito enlutado na vida social e na construção e sustentação de redes de apoio. Assim, no intuito de promover recursos para romper com a lógica dessubjetivante ao envelhecer, a presente pesquisa se propõe a construir subsídios aos profissionais da saúde e a sociedade, por meio da melhor compreensão das vivências e dinâmicas da velhice, buscando a promoção de um olhar integral ao sujeito idoso.

2.2 OBJETIVOS

2.2.1 Objetivo Geral

- Esta pesquisa buscará compreender as significações atribuídas por sujeitos em idade igual ou superior à 70 anos, acerca da velhice na contemporaneidade.

2.2.2 Objetivos Específicos

- Entender quais conflitivas/ganhos atribuem a essa fase da vida;
- Identificar como percebem o olhar social para a velhice;
- Compreender como significam as perdas singulares na velhice;
- Como percebem a morte real e simbólica.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo busca abordar referenciais teóricos que embasaram a construção dessa investigação científica. Para tanto, serão discutidos aspectos referentes à velhice e o luto, abordando a morte sobre diferentes perspectivas. Pretende-se, a partir da exposição desses tópicos, construir reflexões e bases teóricas que sustentam a construção dos resultados dessa pesquisa.

3.1 O Universo da velhice e suas nuances

Frente aos vários fenômenos da realidade do ser humano, o envelhecimento encontra-se como o mais desejado, bem como, o mais temido pelos sujeitos. Na sociedade ocidental, passou-se a viver o paradoxo referente a busca por uma vida mais longa e a recusa das marcas

do envelhecer e da sua bagagem e imagem social (DAMINICO; SANTOS, 2009). Nessa linha, o envelhecer sendo algo, se não abreviada a vida, conquistado e vivenciado pelos sujeitos, transforma-se de um fenômeno biológico, psíquico e social da ordem do natural e “inevitável” a um fenômeno cultural da ordem do “indesejável” e que busca ser afastado dos olhares e vivências de cada ser (MOREIRA; NOGUEIRA, 2008).

Segundo Mucida (2017), apesar do destino inelutável do envelhecer, não existe uma velhice enquanto algo natural, uma vez que neste processo se encontra aquele que envelhece e o que “jamais envelhece em cada um”. Situa-se um corpo que torna presente marcas da sua história, conduzindo os modos como cada sujeito irá guiar as mudanças consequentes do envelhecimento. Nessa escrita da velhice se coloca o sujeito que “nunca envelhece”, isto é, existem traços de cada um que não se modificam com o passar o tempo e não se perdem. Dessa forma, a velhice não traz em cena, necessariamente, um outro sujeito. Existem características que acompanham a pessoa e a diferenciam de outra, por não mudarem no correr do tempo, o que corresponde a “atemporalidade psíquica”. Este conceito promove ao sujeito a perspectiva de que o tempo não passou, a sensação de continuidade frente ao mesmo, o que pode repercutir em dificuldade de se reconhecer na imagem real do espelho. Assim, em função do envelhecimento ser algo constante, da ordem de um processo, o qual não ocorre de uma única vez, ele é percebido de modo mais claro quando no outro.

Em “O inconsciente” Freud, (1915/2006a, p.214), retrata: “Os processos inconscientes são atemporais, isto é, não são ornados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não tem absolutamente qualquer referência ao tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema consciência”. Nessa linha, o inconsciente não se ordena de acordo com o transcorrer do tempo cronológico no que condiz uma história desenvolvimental ou linear.

Nessa perspectiva, a velhice se faz estranha, quando presente no próprio sujeito, se colocando como algo ainda não representável ao psiquismo, ou seja, algo ainda não nomeado nas suas redes de significação. O sujeito encontra-se assim apartado de significantes que o qualifiquem. Nessa ideia, não se reconhecer velho, demonstra a velhice a partir da lógica de um estranho-familiar. Este condiz a uma lacuna frente a qual o sujeito não possui palavras para nomear, sobrando-lhe procurar na rede de significantes, possíveis representações disso que lhe escapa. Deste modo, o estranho presenciado na velhice, se retrata no encontro com o real, sem um suporte efetivo do simbólico, ou quando esse registro e o registro do imaginário se apresentam incapazes, no momento, de fornecer um tratamento ao real (CARNEIRO, 2017; MUCIDA, 2017).

Nesse contexto, o envelhecimento, desde que o sujeito nasce não para de ser escrito em linhas, às vezes, incertas, ou até mesmo quase invisíveis, mas é contínuo. Torna-se assim difícil frente a essa falta de um intervalo, perceber em que instante a velhice se inscreveu de modo incisivo e radical. Nessa ideia, a velhice coloca o indizível, o “imprevisível”, e assim, emerge como um acontecimento para o sujeito. Este acontecimento condiz a um fato que não pode ser negado e se apresenta de modo súbito, inesperado. A associação da velhice a um acontecimento, demonstra que ninguém se encontra preparado completamente para adentrar à ela (MUCIDA, 2009).

Ao nomearem-se as etapas/fases da vida, como a infância, adolescência, adultez e velhice, se remetem ideias do que cada uma significa como perspectiva de vida, bem como o que podem colocar enquanto singularidades nas suas vivências. Assim, buscam também expressar, por exemplo, o sentido atribuído ao papel do velho em uma sociedade (ROSA, 2014).

Na busca de aplacar uma angústia frente ao que definiria a velhice, ou seja, o que esta de fato viria a ser, partem-se de pressupostos disponibilizados em uma cultura acerca do que é socialmente aceito e possível como determinante do ser e estar velho, apresentando-se, dessa forma, alguns marcos e construções que indicam um caminho para a busca dessa definição (ROSA, 2014). Frente a isso, procuram-se por meio de alguns discursos, dar conta de um significado a ser atribuído a velhice, trazendo delimitações do que consistiria a mesma, como se pode observar através da ciência, como a gerontologia e geriatria, do mercado e do direito, diante das leis e estatutos edificados acerca do envelhecer (CARNEIRO, 2017).

Nessa linha, a partir da Constituição Federal de 1988 passou-se a enfatizar a participação do sujeito idoso buscando atentar a essa população que se encontrava em intensa estigmatização e marginalização social no Brasil. Por meio de reflexões a partir da concepção do pleno usufruto dos direitos sociais, políticos e civis desses sujeitos, foram sendo lançados aspectos voltados a promoção de espaço e proteção aos idosos (CAVALCANTE; SANTOS, 2015). Isso se consolida mais notadamente, a partir da aprovação da Lei 10.741 em 2003, retratada como o Estatuto dos Idosos (BRASIL 2003, 2009). Este último prevê em seu primeiro artigo que sujeitos com idade igual ou superior a 60 anos passam a ter direitos garantidos e regulamentados, protegidos pela lei, os quais seriam próprios disto que se especifica como velhice.

O próprio mercado de trabalho assegura em lei, a aposentadoria que se delimita conforme as particularidades de cada profissão, mas presume, até então, a idade como um aspecto que delimita o tempo de ação do servidor, o qual não pode exceder os 70 anos de idade. Ainda, nessa linha, o voto, o qual socialmente assume um papel de exercício da cidadania, é

suspendido do caráter obrigatório aos sujeitos maiores de 70 anos, sendo tudo isso associado a velhice (CAVALCANTE; SANTOS, 2015).

Nessa lógica, demonstra-se que na busca de criar um espaço e denominação ao campo da velhice, imputam-se (de)limitações ao envelhecer, as quais podem trazer em pauta, a possibilidade de um contínuo desinvestimento de ordem social àquele que se encontra velho (ROSA, 2014). Nesse sentido, a velhice é manifesta em suas contradições, de forma que, em muitas buscas de inclusão do velho no olhar e pautas sociais, se demonstram exclusões, uma vez que se remove o idoso das cenas públicas, retirando seus deveres e responsabilidades sociais, no mesmo momento em que o faz buscando expressar um reconhecimento e respeito. Desse modo, a fissura entre o ser e não ser, se torna na velhice, o mais visível, sendo uma condição humana do velho que não se modificou no transcorrer da história (BELATO, 2009).

Frente a essas controvérsias, torna-se perceptível a intensa dificuldade de determinar um conceito sobre a velhice, por mais que o envelhecimento possivelmente seja visto como um dado em si mesmo, uma vez que todos envelhecem, a conceitualização da velhice é muito difícil de se delimitar. As tentativas de definição sobre a mesma são sempre contrapostas de alguma objeção, o que corrobora que algo foge e escapa ao que se constitui a velhice (MUCIDA, 2017).

Dessa maneira, conforme retratado, o envelhecer se coloca além de um momento da vida, se apresentando com um processo complexo e desconhecido, na maioria das vezes, com intercorrências para o sujeito que vivencia este, bem como para a sociedade que com ele se depara. Nessa linha, criam-se imagens, reflexões e falas que buscam construir uma tipografia que homogeneíze esses sujeitos, silenciando as subjetividades deste processo perante uma dialógica e um saber que diz de modo exato como o sujeito idoso deve tomar suas ações e pensamentos, até mesmo, como deve “envelhecer bem” ou “não envelhecer” (VILHENA; ROSA, 2016).

Na obra “Psicologia das massas e análises do eu”, de Freud (1921/1990), retrata-se que a história individual do sujeito é uma história social. Nessa linha, é impossível a construção de um sujeito psíquico sem o outro, não havendo historização no isolamento. Com isso, o olhar do outro, que apresenta caráter constitutivo desde os primórdios das relações, torna-se essencial para a forma com que o sujeito se concebe e vivencia a sua imagem (JERUSALINSKY, 2010). Assim, os discursos edificadas ao entorno do envelhecer e as possibilidades de identificações e papéis construídos pela sociedade acerca desse fenômeno, possuem completa influência no modo como os sujeitos velhos se percebem e vivenciam a velhice.

Birman (2015), retrata que nas últimas décadas, moldou-se uma nova representação e narrativa sobre o envelhecimento no imaginário social, a qual confronta a imagem

anteriormente presente. A figura da velhice, passa a se desdobrar diante de muitas formas possíveis de ser, caracterizando os múltiplos processos de envelhecimento. Desloca-se a velhice de um espaço perpassado principalmente por um viés negativo, de invisibilidade, ganhando, de certa forma, uma intensa visibilidade social, através dos investimentos sociais e novas ações destinadas a esse público. Nessa ordem, uma nova experiência da esfera do simbólico e do social foi permitida por meio da amplitude da longevidade.

Retira-se a problemática do envelhecer do campo do silêncio para o discurso e, assim, a figura do velho passa a obter novos desenhos. Apresenta-se assim, uma intensa produção discursiva acerca desse fenômeno, desvelando outros traços e perspectivas, que descortinam uma nova velhice (CORREA, 2009). Nessa linha de raciocínio, a velhice passa a ser vista como uma nova etapa da vida (BIRMAN, 2015). Por meio disso, forja-se um novo significante para falar do que até então era nomeado enquanto velhice, ou seja, a “terceira idade”. Diante da atual sociedade de consumo, substitui-se o estereótipo na velhice associado apenas a incapacidade e a perda, pela ideia de que esse novo momento/fase de vida pode possuir uma gama de significados, de realizações e de reaquisição de projetos de vida e relações (VILHENA; ROSA, 2016).

Ao lado disso, percebe-se que as novas nomeações construídas para esse fenômeno, como “melhor idade”, “maturidade”, bem como, a referida “terceira idade”, podem dizer de um sentimento subjacente, oculto aos discursos constituídos, condizente a uma dificuldade de aceitar a velhice e o que a sua imagem remete. Nessa linha, os eufemismos construídos ao redor do universo da velhice, buscam dar nome e designação a esse novo fenômeno, atribuindo-lhe características possíveis e modos de desenvolver a sua performance. Presencia-se os discursos sobre o “ser velho” na contemporaneidade, perpassados, principalmente, pela ideia de manter a alma jovem e “não se sentir velho”, sendo caracterizados ainda, os aspectos de disposição, alegria e ânimo à fase da juventude (DAMINICO; SANTOS, 2009).

Compreende-se, desse modo, o quanto o processo de envelhecer é complexo, temido e até mesmo negado, retratando o incômodo e medo que ser chamado ou percebido enquanto velho carrega culturalmente (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Diante dessas considerações, a velhice se apresenta com suas diferentes atribuições e tentativas de nomeações, contudo, sem que alguma dessas possa realmente dizer o que ela seja. Com isso, toda a escrita é perpassada por algum ponto não possível de conceber e nomear, e isso toca, de modo singular, a escrita da velhice (MUCIDA, 2009). Em junção a isto, Ramos (2014) retrata que o caráter excludente das nomeações àquele que envelheceu, estão a serviço de uma categorização social, que implicitamente negam a condição de velho e apresentam o “velho jovem”, a ficção de um

sujeito sempre saudável, dinâmico e ativo, que não abrangem assim a existência de todos os velhos, partindo-se de uma visão homogênea para algo complexo.

Nesse interím, a anterior “conspiração do silêncio” cercada no universo da velhice (BEAUVOIR, 1990), atualmente, disfarçada pela “positivação do envelhecimento”, pode decair na redução e desconsideração da subjetividade do idoso de tal forma como o silêncio colocado anteriormente pela sociedade, uma vez que se temia/teme intensamente as perdas e a morte, de modo a não se falar da finitude que emanava a muitos também através da imagem do envelhecer. Nessa ordem, passam-se a tomar lugar as ideias e promessas de uma velhice eternamente adiada frente a adoção de estilos e consumos adequados de vida (ROSA, 2014).

Nesses discursos foram se transparecendo o ideal de velhice construído, a velhice aceita pela sociedade. Aceita-se e valoriza-se aquele sujeito idoso que se articula a um processo de juvenalização, reafirmado por lógicas do mercado. Assim, o conceito de melhor idade implica o desenvolvimento de um sujeito ativo, independente, responsável por suas ações e condutas e, de certo modo, completamente ausente de doenças e da morte (ANDRADE, 2012). Com isso, o que demonstra o sofrimento, bem como, a dor pelas suas perdas da ordem do real e simbólica, é subjugado do constructo social, ou seja, não há espaço para demonstrar angústias que aproximam a ideia temida da finitude, a qual fere o imaginário social de onipotência do sujeito. A velhice vem justamente desafiar e deparar a sociedade aos seus temores, sendo assim edificados para imputá-la em um espaço e lugar social tolerado pelo o outro, onde a felicidade e a agilidade imperam (MATOS, 2014), conforme retratado no seguinte recorte:

Os rótulos empregados para designar o velho, na sociedade atual, são corolários de uma onda de suavização e superficialização de tudo aquilo com o qual não desejamos entrar em contato. Além disso, são mentirosos, uma vez que fazem parecer que nada de ruim existe no reino encantado da “terceira idade”. Um arremedo do conceito de infância como paraíso, muito utilizado na modernidade, e com as mesmas finalidades. Exigir dos velhos uma aparência de felicidade, já que não se concebe a tristeza em uma fase com tantas possibilidades de ser feliz, e a infantilização do idoso, tanto no que tange às decisões sobre seu desejo (VILHENA; ROSA, 2016).

Desse modo, não é possível refletir sobre o significado da velhice separado das representações e estigmas que a cultura constrói à última fase da vida. Além disso, também não se pode dizer que todos os sujeitos se apoderam das figuras e conceitos vinculados ao imaginário de forma idêntica. Nessa perspectiva, o debate entre a face social e a subjetividade dos velhos se coloca como essencial (ROSA, 2014).

Carneiro (2017), retrata ainda a importância da narrativa histórica, frente a qual se edificam diferentes representações que delimitam um lugar de sentido conferido à ideia de velhice. Nessa linha, é impossível pensar no que consiste o “ser velho” distante da contextualização histórica de cada época e momento. Embora exista um processo na vida, que

diz desde o nascimento e adentra ao envelhecer, esse é investido culturalmente e historicamente. A velhice é uma construção social e uma produção histórica, assim o seu significado é diferente em cada momento.

Seguindo uma breve retomada histórica percebe-se, conforme Belato (2009), que na Antiguidade, em especial na sociedade Romana, os sujeitos idosos atuavam como guardiões da memória coletiva, sábios e juízes, havendo assim a valorização do saber construído por eles. Dessa forma, estabelecia-se uma relação íntima entre velhice e sabedoria. No transcorrer da Idade Média, surge a ideia de caridade, advinda do cristianismo, sendo que os idosos passavam a ser “recolhidos às instituições”, com um olhar de que os mesmos pertenciam a uma classe inferior e que precisavam de assistência. Já no Renascimento, passagem para Idade Moderna, as artes e a literatura iniciam o retrato ao culto à beleza física enquanto o vigor de uma juventude, sendo que a velhice passa a ser representada como um problema, tomada como objeto da medicina, persistindo a ideia da “decrepitude” inevitável e o caráter melancólico da velhice. Assim, passam a ser intensamente negados, disfarçados e rejeitados os sinais do envelhecimento. O envelhecer começa, dessa maneira, a ser compreendido como sinônimo de angústia, constituindo-se como um momento dramático que explica até mesmo o suicídio e eutanásia recorrente na época. Chegada a Modernidade, a velhice se concretiza como uma ameaça, deixando de ser o símbolo de conhecimento e experiência, de modo a reforçar o aspecto de estratificação social pelas idades e a determinação da entrada de certos papéis e atribuições.

No que concerne ao transcorrer do contexto Contemporâneo e Ocidental, percebe-se a supervalorização de ideais narcísicos associados à imagem de perfeição e felicidade, sendo que como principais representantes desses ideais, se apresentam: a beleza, juventude, saúde, poder de compra e culto ao corpo. Somado a isso, as relações no contemporâneo passam a ser “fluídas”, ou seja, frágeis e volúveis, o que repercute na transformação das certezas e dos valores em cada vez mais mutantes (BAUMAN, 2001). Essa fluidez nas relações atinge diretamente os idosos, visto que eles construíram verdades e valores pessoais ao longo da vida e, muitas vezes, quase tudo que pensam e sabem pode ser negado e até ridicularizado.

Em síntese, segundo Mucida (2017), o suposto saber da experiência, em algumas culturas e diferentes formas de construção social, se constituía como um traço identificatório para o sujeito idoso, posicionando-o em certo lugar social. Contudo, atualmente, o suposto saber se encontra externo ao idoso, nas irreconhecíveis e diversas faces do outro, o qual institui regras do melhor envelhecimento. Desse modo, no mundo globalizado, a história tende a ser “anulada em detrimento do novo” e do saber que está fora do sujeito.

Nessa linha de raciocínio, na Contemporaneidade, em especial o idoso encontra diferentes maneiras de se deparar com a angústia e as suas vivências. Diante disso, o psicanalista Erik Erikson (1998), desenvolveu a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento Humano, com o intuito de abordar as crises instauradas ao ego na busca de lidar com os conflitos presentes em cada fase do desenvolvimento. Teoria essa calcada na ideia de que o ser humano é, antes de tudo, um ser histórico e social, um sujeito que vive em grupo e é influenciado por este para consolidar as suas percepções e vivências.

Na velhice, oitavo estágio retratado por Erikson (1998), coloca-se uma conflitiva entre a “Integridade” do ego versus o “Desespero”. A “Integridade” condiz as possibilidades do sujeito se defrontar com os limites, o que a vida proporcionou até o presente momento e as suas ausências e frustrações, perpassando o sujeito pela apropriação de um sentido de pertencer a uma história maior, bem como a ideia de poder ser finito, ou seja, de experienciar a morte. Dessa forma, o sujeito frente a esse desfecho na crise instaurada ao ego, conseguiria obter um balanço positivo do seu percurso, tendo um preparo para se adaptar a idade e as suas implicações, o que permite a construção de novos significados à vivência da velhice.

Entretanto, quando se presencia o predomínio de uma angústia ao sujeito frente à ausência dos poderes físicos, sociais e cognitivos anteriores, este estágio pode ser mal elaborado. No que concede o “Desespero”, presencia-se a angústia nutrida pela ideia de uma vida malsucedida, pouco produtiva e realizadora, onde prevalecem a tristeza diante das oportunidades perdidas e a sensação de ser demasiado tarde para se reconciliar consigo mesmo e reconstruir a vida (RABELLO; PASSOS, 2002). O autor referido retrata que os encontros com a “Integridade” e o “Desespero” no transcorrer da velhice são importantes e dizem de um confronto com preocupações fundamentais, nas quais a angústia e a elaboração das perdas se constituem em uma demanda ao sujeito.

Diante dessas reflexões, faz-se menção aos seguintes questionamentos: “Existiria na velhice uma única forma de escrita? Quais são as vicissitudes e os percalços dessa escrita no tocante à memória, ao corpo, a imagem e as relações? Quais as escritas possíveis diante das perdas inevitáveis? Há uma escrita da morte?” (MUCIDA, 2009, p. 19).

3.2. Morte: Um diálogo possível?

A morte enquanto um tema constante de reflexão da vida, expõe seu caráter contraditório, uma vez que é pouco falada e pensada na esfera pessoal e social. O morrer, além

de se constituir como um processo biológico e natural, também é construído por seus aspectos psicológicos e sociais. A tomada de consciência sobre a finitude do ser humano é constitutiva do sujeito, entretanto também se apresenta como uma ferida narcísica, uma vez que em relação à morte pouco se sabe e se conhece. Nessa ideia, perde-se o controle sobre algo e submete-se a um universo desconhecido, o que demanda a construção de verdades e controles acerca disso que defronta o sujeito a um vazio de significados e representações (KOVÁCS, 1992).

Em qualquer fase da vida enfrentar nossa própria morte é um processo complexo e doloroso. Além da morte real, algumas vivências e acontecimentos no transcorrer do desenvolvimento humano deparam sua analogia com a ideia da morte, convocando a importância do processo de luto. São as aposentadorias, separações, abandonos, adoecimentos que, de algum modo, retratam rupturas. Kubler-Ross (2008) corrobora ao retratar que há várias mortes no transcorrer do processo evolutivo, de ordem emocional, social, bem como, somática, sendo que cada um dos sujeitos traz dentro de si uma concepção e representação singular sobre o morrer, ou seja, são atribuídos a estas qualidades e personificações na busca de criar um sentido para o mesmo. Deste modo, a morte sempre instigou e inspirou as ciências, religiões, filosofias e as artes no intuito de criar explicações e questionamentos sobre a origem e o “destino” do ser humano. Assim, desde o início da história, a morte é caracterizada enquanto um mistério, perpassada pelo misticismo (CORALLI, 2012). Segundo o autor a sociedade funciona apesar da morte e em combate a mesma, contudo só existe mediante a organização e estruturação através da morte.

Em toda a história, a morte é um evento de ordem social, fundante da humanidade e perpassada por um emaranhado de símbolos (GIACOMIN; SANTOS; FIRMO, 2013). Acompanhada de ritos, busca-se construí-la dentro de uma rede de significados edificadas na cultura, tirando-a do estatuto da ameaça e permitindo interpretações para as suas vivências e experiências.

Conforme Mannoni (1990), é difícil dar à morte um nome, uma vez que ela causa temor, e tudo se constrói como se ela não devesse existir. Nessa lógica, a morte se apresenta no desenvolvimento humano perpassando o seu ciclo vital e deixando marcas, sendo algo que não consegue ser completamente descrito. Até mesmo a palavra morte não dá conta do que ela seja, de modo que cada sujeito busca ligá-la em outro significado/palavra, que possam manifestar crenças, fantasias e mitos frente a ela. Sendo assim, são construídos registros sobre o morrer enquanto uma ruptura, perda ou degeneração, como também, como uma viagem, um descanso, permeado pelo mistério e fascínio. Contudo, essas percepções demonstram-se insuficientes na

descrição sobre o muito que se imagina sobre esse fenômeno e o pouco que se conhece sobre ele (CORALLI, 2012).

Percebe-se, atualmente, a hiperindividualização do fenômeno da morte, com a perda de redes simbólicas que cercam o morrer, bem como o luto, ficando assim para cada sujeito a iniciativa de criar essas significações (GIACOMIN; SANTOS; FIRMO, 2013). Com isso, um vazio cultural se presentifica, colocando sobre responsabilidade única dos sujeitos um respeito e invenção (LE BRETON, 2003). Dessa forma, o luto e a morte, aos poucos, vão sendo afastados do social.

A morte passa a representar o mal e o desconhecido, o que fere a onipotência e o pensamento mágico do sujeito, de um ser imortal (KOVÁCS, 1992). Sigmund Freud (1915/2006b) retrata que para o homem primevo, a sua morte se apresentava como algo irreal e apenas por meio da dor da perda do outro, um ser amado, é que se cria a consciência própria de que todos morrerão:

Nosso inconsciente, portanto não crê em sua própria morte; comporta-se como se fosse imortal. O que chamamos de nosso ‘inconsciente’ – as camadas mais profundas de nossas mentes, compostas de impulsos instintuais – desconhece tudo o que é negativo e toda e qualquer negação; nele as contradições coincidem. Por esse motivo, não conhece sua própria morte, pois a isso só podemos dar um conteúdo negativo. Assim, não existe nada de instintual em nós que reaja a uma crença na morte (FREUD, 1915, p.306).

Para adentrar nas concepções e imagens atuais na relação com a morte, entende-se que várias mudanças ocorreram no decorrer da história em relação à mesma, o que, conseqüentemente, transformou a forma como as pessoas a encaram. Nessa lógica, as questões históricas e sociais, bem como os fenômenos contemporâneos, muitas vezes, atravessam a imagem construída da morte para determinada população, assim como a forma de processar o luto.

Segundo Áries (2017) a morte na Idade Média, caracterizava-se pelo seu caráter familiar, público, vivenciado por todos os envolvidos, sendo que se esperava a morte e havia um preparo para o seu encontro. Assim, a morte era entendida como algo natural, fazendo parte, inclusive, do ambiente doméstico dos sujeitos. A partir do século XVIII, a morte passa a assumir um caráter dramático, quando o sujeito ocidental passa a romantizar a morte do outro, o que coincide com as modificações na construção familiar, agora regida por laços de afeição. Nessa lógica, ao temer a morte do outro e negá-la, evita-se também refletir sobre a sua própria morte.

De forma histórica, havia a crença de que a morte reproduzia sinais e que não se deparar com eles seria motivo de envergonhar-se. Desse modo, precisava-se de um tempo para ser percebida, sendo que a morte súbita era temida, uma vez que não possibilitava uma preparação

para com a mesma. Concomitante a isso, entre a Idade Média e meados do século XIX, construíram-se novas relações de concepção de vida eterna e de produções. A morte passa a ser encarada como uma intensa frustração, uma vez que interrompia os planos do sujeito moderno (HOFFMANN, 1993), além de ser vista como uma punição ou falha, do ponto de vista econômico, produtivo ou do bem-estar (MATTEDI; PEREIRA, 2007).

Nesse prisma, a antiga atitude frente à morte, nomeada de morte domada, sendo por um lado próxima e familiar, e por outro, indiferente e atenuada, se contrapõe de forma acentuada à atitude atual frente à morte, perante a qual os sujeitos se amedrontam de modo a não mencionarem mais o seu nome. Essa modificação brutal diante da finitude, manifestou-se a partir do século XIX, denotando a transformação deste fenômeno em algo vergonhoso e objeto de interdição, conceituando a então morte interdita, que perdura na contemporaneidade. Frente a essa, passa-se a concretizar um sentimento aos cuidadores e sociedade de temor para com o enfermo, de modo a entender que devem poupá-lo e ocultar-lhe a verdade/gravidade do seu estado, uma vez que a morte do outro passa a ser vista como cruel e intolerável. Dessa maneira, outro sentimento se coloca de forma mais intensa, que condiz a essa perturbação e angústia, de caráter insuportável frente a presença da morte em plena vida alegre e feliz (ÁRIES, 2017).

Muda-se assim a atitude perante a morte, o modo de cada sujeito lidar com a morte do outro, com o enfermo e com o próprio fato da sua mortalidade. Nessa linha, o “ideal de morte”, a “morte desejada” na sociedade atual ocidental, passa a ser uma morte súbita, que não seja compreendida e percebida por quem a está vivendo, que não cause sofrimento ou dor e, ainda, que chegue no decorrer da velhice (CORALLI, 2012; MOLLER, 2012). Diferente de outros tempos, atualmente a boa morte é percebida enquanto aquela que não vem com avisos, que é inesperada. Com isso, compreende-se que o sujeito contemporâneo evita qualquer aproximação com a finitude, desejando que ocorra de repente, sem saber da mesma e sem demandar o mínimo de contato com ela.

Em virtude dos progressos técnicos e científicos das ciências da saúde, torna-se possível aos sujeitos, morrerem em uma idade avançada, com medicações para o alívio das dores e, muitas vezes, submetidos a um processo de final de vida prologando. Contudo, de modo mais constante, a morte é isolada, sendo direcionada para o ambiente hospitalar ou asilo de idosos e vivenciada de forma solitária, deixando de estar próxima do sujeito e de sua individualidade (MOLLER, 2012). Presencia-se, desse modo, uma morte tecnicada, cada vez mais impessoal e rodeada de aparelhos, especialistas e de um ambiente não familiar. Assim, a morte é “sedada” a todo custo para que não se depare com sofrimento, uma vez que se defrontar com ela gera intenso mal-estar, que repercute em uma ausência de fala, interação e escuta (KOVÁCS, 2003).

A morte passa então, a ser excluída das pautas sociais, de forma que discorrer sobre ela reproduz desconforto, sendo caracterizado enquanto um assunto de mau-gosto e desnecessário. Nessa perspectiva, a morte torna a ser sentida como um fracasso ao invés de um curso natural da vida, sendo a primeira reação inconsciente fugir dela ou ressentir-se frente a mesma, mesmo quando advinda em pessoas muito velhas. Destarte, diante da impossibilidade de negar a morte, tenta-se dominá-la (KUBLER-ROSS, 2008).

Em síntese, a vida torna-se mais longa e conseqüentemente a morte adiada, ficando mais simples esquecer-la no curso natural da vida. Retrata-se, às vezes, a morte como recalcada, tanto no que diz do plano singular/individual, bem como, social (ELIAS, 2001). Referente à vivência singular, apresentam-se mecanismos psíquicos de defesa, onde se demonstram experiências da terna infância. Desde os primeiros meses de vida, o bebê vivencia as ausências da figura materna, sendo estas presenciadas como mortes, frente ao sentimento de que essa mãe não é onipresente. Esta primeira vivência marca uma das mais intensas representações sobre o morrer, ou seja, uma ausência, separação e perda, retratando a vivência do desamparo e aniquilamento. Ademais, nessa experiência a morte também perpassa a ideia de uma figura maternal, que dá conforto e permite o acolhimento. Essas conflitivas, demarcam a angústia e a culpa associadas à perda e à finitude, que tornam a restringir e bloquear o acesso a memória, porém, de forma indireta influenciam os comportamentos e os sentimentos em relação à morte. Deste modo, as fantasias da primeira infância tomam um papel importante no modo como os sujeitos encaram o conhecimento acerca da sua morte e da morte do outro (KOVÁCS, 1992).

No plano coletivo, torna-se possível identificar as mudanças das sociedades avançadas em relação à morte ao compararmos-las a épocas anteriores, como trabalhado no presente capítulo. A relutância dos adultos na familiarização das crianças com a morte ilustra o recalçamento no plano individual e coletivo, uma vez que antigamente as crianças também estavam presentes quando as pessoas morriam. Além disso, supõe-se na presente banalização da morte, a tentativa de seguir esquecendo que a mesma existe, por mais que sua presença seja uma constante. Assim, de forma contraditória, a morte que passa a ser explícita nos noticiários e filmes, demonstra a concretude do seu fenômeno, onde a imagem da violência, acidentes e assassinatos tomam destaque, passando a demonstrar alguns contornos específicos com o atributo do acaso e da violência. Assim, para proteger-se da mesma passa-se a construir a crença de que ela ocorre apenas com os outros (KOVÁCS, 1992).

Nessa lógica, o “recalçamento” da morte que ocorre no plano individual e coletivo, reflete no uso de mecanismos de defesa para se aproximar dela, contudo, evitando enxergar o reflexo da própria finitude (ELIAS, 2001). Uma forma de tornar suportável as angústias do

morrer sem ter que se deparar com elas é acreditar que se é imortal. Um dos maiores desejos do ser humano é o da imortalidade, principalmente no mundo ocidente, onde prevalece uma cultura em que a morte é sinônimo de tristeza, medo, sofrimento, entre outros sentimentos negativos (HECK, 2015).

Frente a isso, apresenta-se a ideia de que há várias formas de o ser humano lidar com a finitude: A morte pode ser “mitologizada” na ideia de outra vida, maneira mais antiga e comum de encará-la; pode-se evitar a morte afastando-a, reprimindo ou assumindo uma ideia de imortalidade; e pode-se encará-la como natural, parte da existência do ser humano (ELIAS, 2001).

Todavia, apesar dos diferentes modos de lidar com a morte no transcorrer do tempo, o temor de morrer é universal e toca a todos, independentemente da fase da vida (KOVÁCS, 1992). Este medo, diz desde o temor da morte do outro, que perpassa o medo do abandono, bem como a angústia do próprio morrer, interligado à consciência da sua finitude e às condições deste fenômeno. Nessa linha, a morte nos impõe o reconhecimento da finitude, o defrontar-se com a solidão, bem como, nas relações contemporâneas, a possibilidade de enfrentar o esfacelamento das redes de afeto e o temor do desconhecido e do sofrimento. Com isso, por mais que o sujeito seja consciente da sua morte, a sociedade se imbuí de toda uma gama tecnológica para torná-lo privado e inconsciente da mesma (OLIVEIRA; SANTOS; MASTROPIETRO, 2010).

A morte interdita impõe uma barreira ao sofrimento, de modo a não poder ser sentido e mostrado, inexistindo lugar para expressão do luto diante das perdas. Assim, tendo o fenômeno morte ganhado outros significados atualmente, modificou-se a relação do sujeito com a mesma. Frente a essa mudança, a perda pode ocasionar uma solidão existencial intensa, uma vez que a falta de reflexão sobre a morte provoca uma dificuldade no desenvolvimento de recursos para se deparar e elaborar o luto. Dessa maneira, presente as iniciais discussões sobre a temática da finitude, como podemos compreender os dilemas e temores frente essa, na vivência do idoso? De que forma a morte pode se apresentar e ser vista nessa fase da vida?

3.3 A morte e a velhice no contemporâneo: Lutos e (des)investimentos

Toda perda impõe um luto e este, ao contrário do que é por vezes interpretado, é um trabalho que abre novamente as vias ao desejo e à vida. Não existe velhice sem trabalho de luto e este implica uma série de atos, palavras e rituais, sempre muito particulares de elaboração da perda do objeto. Diante do buraco aberto pela morte, o luto demanda também palavras e uma escrita (MUCIDA, 2009, p.116).

Andrade (2012) retrata que a velhice consiste na fase da vida na qual a morte se transforma numa questão importante, desde o que corresponde à proximidade em relação à temporalidade, bem como à representação social. Na sociedade, morte e velhice ainda são vistas como semelhantes, construindo-se ambas enquanto um tabu, uma ameaça à ilusão de imortalidade nutrida pelo mundo moderno. Nessa ligação, a morte quando nos idosos é percebida como mais “aceita” e, muitas vezes, banalizada, uma vez que se naturaliza no imaginário social esse fenômeno como pertencente à velhice. Entretanto, ambas no seu caráter universal e igualitário, não se autocondicionam (VIANNA; LOUREIRO; ALVES, 2012).

Nessa ideia, a finitude não se expressa necessariamente pela via da velhice. Esta não é um fator determinante do encontro com a morte, que pode acometer o sujeito em qualquer etapa da vida. Por outro lado, autores retratam que a idade, quando bastante avançada, pode nos remeter à ideia da proximidade e presença da morte, pois a velhice é a última das etapas da existência e nesta fase as vivências são perpassadas de modo singular diante das mortes simbólicas e reais presentes em muitos idosos (ROSA, 2014; HANUS, 2009).

Nesse seguimento, a morte faz parte do desenvolvimento humano, estando presente desde cedo na vida dos sujeitos. Kovács (1992) demonstra que a morte pode ser compreendida e concebida conforme as trajetórias das fases da vida. No transcorrer da infância é percebida enquanto reversível, sendo atualmente escondida pelos outros da criança. Na construção do mundo na adolescência, em que paira o desafio, o rompimento de limites, de alguma forma não há lugar para a morte, a qual demonstra o fracasso e a derrota, sendo vista como algo distante (VIANNA; LOUREIRO; ALVES, 2012). Na fase adulta, onde seus limites de início e término não são bem definidos, as exigências externas se fazem mais presentes, sendo muita energia dispendida para a construção das responsabilidades e características deste momento, o que pode tornar ainda a ideia da morte distante na consciência do sujeito. Contudo, frente às grandes transformações desta fase, a morte passa a se configurar como algo que pode ocorrer consigo mesmo e não apenas com o outro. Assim, surge a possibilidade da própria morte o que passa a atribuir um outro sentido e significado para a vida (KOVÁSC, 1992).

Nessa sequência, a autora retrata a velhice, como uma fase que não tem um início definido, mas o seu fim é de forma clara, a morte. Concebe-se a velhice como uma das fases do desenvolvimento que transporta mais estigmas e atribuições negativas, vinculadas a imagem da finitude e onde se percebe que a mesma pode ocorrer de repente e logo (VIANNA; LOUREIRO; ALVES, 2012). Isso se coloca em parte, uma vez que se apresentam perdas de ordem corporal, econômica, de “produtividade” e, às vezes, a separação e a perda dos próprios

entes queridos. Contudo, a forma de representar ou viver cada perda vincula-se também ao desenvolvimento e a singularidade de cada um (HANUS, 2009).

As perdas antecipadas são vivenciadas de forma concreta e subjetiva no campo da velhice, frente à morte simbólica e real, por meio dos possíveis rompimentos dos laços afetivos, da perda de amigos e familiares e do afastamento das pessoas com quem se mantinha relações. Vivenciam-se também perdas de ordem corporal, do trabalho, dos projetos até então inseridos, os quais precisam ser reinvestidos ou desinvestidos. Assim, coloca-se, muitas vezes, o luto do ideal de si mesmo, dos investimentos construídos, do necessário abandono de algumas atividades que traziam prazer ao sujeito, bem como, do sentido atribuído à vida, questões essas que requerem um importante trabalho de elaboração e, muitas vezes, colocam a ausência inicial de um vislumbre no que investir (GIACOMIN; SANTOS; FIRMO, 2013; HANUS, 2009).

Conforme Freud (1915/2006c), o luto evidencia-se na reação do sujeito à perda de um ente querido, do ideal de alguém, da liberdade. Nesse sentido, a perda pode ser real, quando ocorre a morte de fato e a ruptura da relação com o outro, bem como simbólica, na quebra de algo vivenciado e concebido. Nessa ordem, Farias (2015) retrata que o luto se manifesta como um elo entre o sujeito e a finitude, sendo um processo inerente a vida e presente desde os primórdios da mesma, encontrando-se de modo íntimo na velhice. No luto o sujeito se coloca a trabalho, tentando elaborar o que perdeu e como perdeu. Uma vez feito o luto, ele encontra-se novamente livre para outras escolhas na vida.

No processo de elaboração dessas vivências, concernente ao luto, pode se apresentar o isolamento na busca de elaborar o próprio sofrimento, voltando investimentos e energias para si, para um posterior retorno dos investimentos para os objetos externos e para sua nova realidade. Frente a isso, um caminho semelhante à elaboração do luto consiste nas reminiscências que se realizam, tal como uma elaboração do luto na velhice, uma vez que se torna a relembrar o passado com felicidade e orgulho, visto que a projeção no futuro pode ficar de algum modo fragilizada (GOLDFARB, 1998).

Em concordância a isso, Rosa (2014) retrata que, ao passo que o sujeito envelhece, costuma-se manifestar um gradual desinvestimento libidinal acerca do mundo externo, com conseqüente investimento em si mesmo. Posto que a libido se encontra reduzida e o sujeito precisa de um mínimo de investimento narcísico para sobreviver, retira-se parte da libido das coisas do mundo, para passar a se importar cada vez mais com suas fantasias, memórias e suas próprias angústias e dores que emergem diretamente ao corpo na velhice.

Dessa forma, destituído de um poder simbólico e social, a figura do velho modifica de modo substancial a sua relação com a experiência de temporalidade. Na ausência, muitas vezes,

de um projeto concreto de futuro, bem como frente à perda de um valor do presente, demonstra-se ao velho o retorno ao passado, mediante ao qual ele possuía um valor atribuído e reconhecido funcionalmente, bem como, simbolicamente, sendo valorizado pelo que fazia e era. Busca-se assim, reencontrar enquanto sujeito o que na vida atual passa-se, muitas vezes, a ser negado no campo do social e torna-se invisível (BIRMAN, 2015).

Através dessas reminiscências vinculadas ao passado, é possível preservar a identificação, ou seja, uma forma de se afirmar, articulando o passado com as possibilidades do presente, além de poder reconstruir a sua história libidinal (GOLDFARB, 1998). Dessa maneira, atualiza-se o passado por meio das lembranças, nos (re)contos das cenas, onde escrevem suas histórias, sendo que reviver o passado, torna-se uma via importante por meio da qual se sustentam os investimentos na vida. Esta lembrança do que um dia se foi, torna-se uma via usada no objetivo de um enlace com traços do ideal de eu (MUCIDA, 2017).

Mucida (2009) retrata o luto como um aspecto importante e constituinte da velhice, o qual se apresenta como um imperativo do processo de envelhecimento presente desde os primórdios da vida do sujeito e intensificado nas perdas da referida fase. Intensas transformações dessa fase da vida suscitam angústia, diante da morte de uma posição e lugar social para passar a viver outra diferente e até então não conhecida pelo sujeito, a qual ainda repercute em desvalorização no âmbito social. Ademais, exige-se um difícil encontro e elaboração com o próprio luto, ou seja, perceber que a própria vida é perpassada e composta de finitudes.

Isso se apresenta enquanto desafio mediante a nova imagem do envelhecimento, trabalhada anteriormente, a qual oferece um modo gratificante de vivenciar a velhice, através do consumo e atividades apenas joviais e prazerosas, o que permite o distanciamento das reflexões e questões que perpassam o morrer, tornando essa possibilidade inaceitável e afastada (ANDRADE, 2012). Assim, de encontro ao que Kovács (2009) retrata acerca de que no transcorrer da idade a ideia de morte vai se tornando mais aceita, por ser presenciada como um destino e caminho natural de todos, estando a mesma enquanto uma certeza, Oliveira (2008) embarca na discussão de que o medo e a angústia na velhice são intensos frente a morte, sendo que não existiria entre os velhos uma maior aceitação dessa. Dessa forma, jaz na velhice uma angústia intensa quanto ao morrer, uma vez que este torna-se uma presença e, ao mesmo tempo, um vazio sem nome.

O medo da morte no universo da velhice se constitui também devido ao temor à perda do desejo, do investimento libidinal. Contudo, vale-se destacar que o desejo não é medido pela

idade cronológica, mas condiz e é sustentado pela relação estabelecida com os objetos à medida que podemos “agalmatizá-los”, muni-los de uma rede de afeto e investimento (FARIAS, 2015).

Para muitos sujeitos torna-se uma tarefa difícil reinventar a vida após certa idade, na qual muitos laços sociais e afetivos anteriores são esfacelados. A saída torna-se o trabalho de luto que demanda um mínimo de recursos simbólicos frente aos quais o idoso possa simbolizar as perdas, além de demandar a presença de um outro que permita novas inscrições do desejo. Assim, encontrar novos modos de vestir o desejo torna-se essencial, sendo que para isso são necessários recursos que emanam do outro pela escuta, pelo olhar e pela voz, demandas essas que convocam o desejo (MUCIDA, 2017).

4. MÉTODO

4.1. Desenho do estudo

A presente pesquisa consiste em um estudo exploratório e descritivo, de cunho qualitativo, tendo como base o método clínico-qualitativo desenvolvido por Turato (2013). O estudo buscará compreender as significações atribuídas por sujeitos idosos acima de 70 anos, vinculados a uma Estratégia de Saúde da Família, acerca do envelhecer na contemporaneidade, além da compreensão entorno do discurso interligado a ideia do luto, de modo a entender como presenciam esses fenômenos.

Como perspectiva epistemológica a autora baseia-se na abordagem dialética, que interpreta a realidade e o fenômeno em uma visão macrossocial, objetivando alcançar a compreensão de uma dinâmica do objeto em seus diferentes aspectos, considerando-os em contínuo movimento. Nessa ordem, se propõe a abordar o sistema de relações construído, a forma de conhecimento exterior ao sujeito, bem como, as representações sociais que retratam o mundo de significados entorno do fenômeno. Além do mais, a dialética “(...) advoga também a necessidade de se trabalhar com a complexidade, com a especificidade e com as diferenciações que os problemas e/ou objetos sociais apresentam” (MINAYO, 2002, p. 25). Deste modo, considera que o fenômeno precisa ser compreendido nas suas transformações e determinações atribuídas pelos sujeitos e na sua intrínseca relação de oposição e complementaridade entre o mundo natural/subjetivo e social.

Escolheu-se, especificamente, o método de pesquisa clínico-qualitativa, visto que consiste em um método que segue um refinamento de pesquisas qualitativas tradicionais, singularizado por um olhar clínico (TURATO, 2013). Na busca de compreender e demonstrar a existência de fenômenos que permeiam o processo diante de fenômenos interligados à saúde, vivenciados pelos sujeitos/pacientes em seu significado, esse método torna-se eficaz, uma vez que consegue trazer o que até então era subjetivo e individual à realidade contextual e interpretativa da investigação e da ciência (BASSORA; CAMPOS, 2010).

No que condiz ao aspecto clínico, diferencial da metodologia apresentada, estabeleceu-se “uma conduta e uma ética da verdade”, buscando constituir uma ciência do singular, por meio de fazer incidir o sujeito da enunciação na construção científica. Permite-se, dessa forma, o envolvimento do sujeito pesquisador com o seu fenômeno de pesquisa, envolvimento este que inicialmente não está pronto e demanda um olhar atento a este sujeito que se almeja conhecer. Dessa maneira, como pilares do método clínico-qualitativo se encontra a atitude clínica, de poder olhar para o sujeito que porta a dor, existencialista, de refletir sobre as questões humanas e, por fim, a atitude psicanalítica, de escutar o sujeito que vivencia as problemáticas. Dessa forma, promove-se um acolhimento das ansiedades e angústias do participante, a valorização das emoções e dinâmica mobilizadas na relação com os sujeitos pesquisados.

Ainda, frente ao pilar calcado na Psicanálise, permite-se operar com questões e elementos da ordem inconsciente no âmbito do estudo e no meio do ensino e aprendizagem, possibilitando a construção de um conhecimento que aborde estes atravessamentos. Assim, demonstra-se a preocupação com os sentidos e significados conscientes e inconscientes manifestados pelos sujeitos aos diferentes fenômenos por ele vivenciados. A tradução dos elementos que escapam à consciência, se dá por meio da perspectiva clínica que possibilita considerar o imaginário, o inconsciente, bem como, a intuição e a ação de elaboração de sentidos presentes nas pesquisas (BASSORA; CAMPOS, 2010).

Calcado em uma particularização e refinamento dos métodos qualitativos genéricos das ciências humanas, o presente método, se coloca como recurso na área de Psicologia da Saúde, com o intuito de produzir interpretações a significações e sentidos trazidos sobre os diversos fenômenos condizentes ao campo saúde-doença. Singularizado em settings da saúde, o método é construído como um meio científico de apreender e interpretar as significações psicossociais atribuídas a aspectos da saúde pelos pacientes, ou sujeitos implicados com a saúde e suas problemáticas, bem como, com pessoas da comunidade. Além disso, trata-se de um recurso

para a discussão pautada no âmbito da interdisciplinaridade, em que se busca a compreensão a partir de referências teóricas que se comuniquem e construam um saber (TURATO, 2013).

Como força para os questionamentos, utiliza-se as inquietações do pesquisador, na busca da compreensão das questões humanas. Nesta pesquisa, o pesquisador consiste naquele que compõe os fatos por meio de fragmentos, reconstruindo para construir um pensamento novo. Nesse modo, a interpretação dos dados, pode ocorrer desde a própria coleta de dados, devendo o pesquisador estar atento para possíveis manifestações verbais e não verbais que possam possibilitar indícios para interpretação do caso (TURATO, 2013).

No que consiste ao caráter exploratório desta pesquisa, justifica-se pelo objetivo de buscar maior familiaridade com o problema, no intuito de torná-lo mais explicativo. Nessa linha, sua meta principal é aprimorar as ideias ou descobertas de intuições, sendo, assim, bastante flexível (GIL, 2002). Nessa ordem, permite-se ir além da situação problema, procurando significados diversos. Ademais, faz-se congruente a escolha deste caráter, tendo em vista que as pesquisas exploratórias buscam novas interpretações a novos problemas, para os quais não se encontram respostas nas teorias já construídas. Com isso, nas pesquisas exploratórias parte-se da ideia de um novo recorte e olhar sobre o fenômeno (MINAYO, 2011).

Frente ao caráter descritivo do estudo, Gil (2002) retrata que esse objetiva descrever os aspectos e características de um determinado fenômeno e população. Desse modo, sendo esta uma pesquisa que objetiva a compreensão de significações atribuídas por uma determinada população (sujeitos na velhice) sobre determinados fenômenos (envelhecer na contemporaneidade, perspectiva do luto), legitima-se seu caráter descritivo.

4.2. Cenário do estudo

No que diz respeito ao cenário do estudo para a coleta de dados, Turato (2013) retrata que o lugar mais adequado é o ambiente natural em que o sujeito do estudo está imerso, onde se apresentam informações mais relevantes, visto que se conservam relações e características do sujeito da pesquisa. Assim, na pesquisa que possui sujeitos como objetos de estudo, o trabalho de campo possibilita uma maior riqueza, incorporando valores de autoridade e validade das informações. A relação estabelecida entre o pesquisador e o pesquisado permite uma compreensão de forma ampla dos fenômenos envolvidos no universo psíquico deste.

Nesse viés, desenvolveu-se a coleta de dados em um ambiente natural para os sujeitos da pesquisa, ou seja, nas suas próprias residências ou em uma sala no local da Estratégia de Saúde da Família (ESF) na qual são cadastrados. Tendo isso como base, desenvolveram-se sete entrevistas nas residências dos participantes e três nos espaços da ESF, em função da escolha dos participantes do estudo. Para isso, alcançaram-se os sujeitos da pesquisa por meio dos registros obtidos pelo serviço da ESF, na região Centro Leste do município de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, uma vez que consiste no serviço que há uma das maiores concentrações de demanda com a população idosa, devido maior número da mesma.

A opção por um serviço como a ESF advém pelo interesse calcado na ideia de prevenção e promoção a saúde dos idosos, a partir da constatação de suas demandas, de modo a possibilitar maior proximidade do olhar desses sujeitos ao dos serviços disponibilizados aos mesmos. A Estratégia de Saúde de Família surge como uma forma de reorganizar o modelo assistencial de saúde estruturado no país, mais especificamente o sistema de atenção básica. No intuito de romper com o modelo médico-assistencialista vigente, a Estratégia advém para promover ações de prevenção da saúde, promoção, recuperação e reabilitação de doenças, além da manutenção da saúde da comunidade a qual é responsável.

Nessa lógica, a ESF nasce operacionalizada perante a implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde, frente a qual se coloca o acompanhamento do número de famílias que residem na área geográfica delimitada pelo serviço (BRASIL, 2012). A ESF selecionada possui como abrangência a região Centro Leste do município sendo composta por duas equipes multiprofissionais, a primeira formada por uma enfermeira, uma técnica em enfermagem, um médico e agentes comunitários de saúde e, a segunda equipe, construída por uma enfermeira, uma técnica em enfermagem, um médico, bem como os agentes comunitários de saúde, uma cirurgiã dentista e uma auxiliar de saúde bucal. Este serviço possui abertura para as residências multiprofissionais, bem como, estágios de diferentes graduações do nível superior. Por essas equipes são desenvolvidas entre outras atividades, a visita domiciliar, o acolhimento dos usuários e a participação em grupos de educação em saúde.

4.3. Participantes da pesquisa

O sujeito, enquanto foco da pesquisa qualitativa, mediante todo um universo de suas emoções e razões, traz à tona um ser subjetivo e social, presente em sua complexidade, o que permite a riqueza em sua análise para refletir as vivências perpassadas pelo seu olhar. Sendo o fenômeno deste estudo o sujeito classificado enquanto “idoso”, torna-se importante lançar um recorte deste universo, visto que a ideia da velhice se institui desde a ordem cronológica dos 60 anos de idade até o fim da vida.

Tendo em vista prévias discussões, a idade de 70 anos impõe um corte social intenso dentro do que se conhece como velhice, no retrato explícito de uma passagem a outra condição, onde, muitas vezes, não se trabalha mais, não se possui mais obrigações sociais, como o exercício obrigatório do voto, o que se considera um marco instituído a partir desta idade. Por meio dessas considerações, foram incluídos sujeitos maiores de 70 anos, de ambos os sexos, vinculados a Estratégia de Saúde da Família retratada. Foram excluídos da pesquisa indivíduos que evidenciavam um prejuízo cognitivo e ou possibilidades de fala ou audição prejudicadas. Os sujeitos foram contatados mediante a Estratégia de Saúde da Família escolhida, sendo os profissionais da equipe informados acerca do estudo, objetivos, critérios de inclusão, para encaminhar a rede dos possíveis sujeitos elegíveis à pesquisa. Os dados desses sujeitos foram disponibilizados pelos profissionais da ESF, mediante o acesso aos seus cadastros, sendo a partir de então contatados via telefone.

A fim de delimitar o número de entrevistados foi definido o critério de saturação da amostra. Este consiste, conforme Minayo (2011) no conhecimento adquirido pelo pesquisador de que capturou a lógica interna do grupo pesquisado, uma vez que se estabelece que há um número limitado de versões da realidade. Isso ocorre, em decorrência de que as experiências, mesmo diante de suas individualidades, são resultados de um processo social. Assim, representações de uma temática em comum, ou de sujeitos em um meio social específico, são, de algum modo, compartilhadas.

Dessa maneira, a saturação de dados coloca-se quando o pesquisador alcança a compreensão da homogeneidade, da intensidade e da diversidade das informações necessária para a pesquisa. Corroborando a isto, Turato (2013) coloca que o pesquisador fecha o grupo da pesquisa depois das informações coletadas com um número de participantes começarem a se repetir, sendo que novas entrevistas passam a não ter acréscimos significativos para o alcance e discussão dos objetivos propostos no projeto. Assim o número de participantes somente foi

definido a posteriori. Nessa sequência, se apresentará um quadro referente aos participantes da pesquisa:

Identificação	Idade	Sexo
E1	78	Masculino
E2	71	Masculino
E3	78	Feminino
E4	73	Masculino
E5	72	Feminino
E6	86	Feminino
E7	77	Feminino
E8	71	Masculino
E9	76	Feminino
E10	79	Feminino

4.4. Procedimentos para coleta de dados

Para a coleta de dados serão realizadas entrevistas semiestruturadas individuais, com questões que tornem possível a ampliação da discussão, o que segundo Turato (2013) se permite visto que a direção é colocada pelos integrantes da relação da pesquisa, em vez de restringir o trabalho às alternativas dadas pelo pesquisador. Consiste assim, em uma entrevista aberta, promovendo a fala livre sobre uma temática, enquanto que os questionamentos do investigador instigam a continuidade do diálogo, no intuito de aprofundar as reflexões (Minayo, 2011). Nessa perspectiva, as entrevistas contaram com eixos norteadores constituídos por questões abertas, o que possibilitou a flexibilidade nas conversas e a absorção de novas temáticas trazidas pelo entrevistado, bem como, o espaço para esse posicionar livremente o conteúdo da sua resposta.

A entrevista em si se apresenta como um instrumento privilegiado de conhecimento interpessoal, proporcionando a apreensão de fenômenos diferenciados, elementos de identificação, e de construção potencial do sujeito entrevistado e do entrevistador. A entrevista frente ao método clínico-qualitativo, por sua vez, demonstra-se como um instrumento para a pesquisa, para o conhecimento e a assistência, valendo-se dos preceitos psicanalíticos, como o

estabelecimento de um setting, valorização da contratransferência e transferência, bem como, a permissão da associação livre das ideias (TURATO, 2013). Mediante a valorização dos sentimentos ditos transferenciais e da atitude clínica, o pesquisador se constitui como o principal instrumento para a coleta e registro dos dados, uma vez que promove a apreensão os fenômenos e elaboração dos mesmos.

As entrevistas nesta pesquisa contaram com eixos norteadores (ANEXO I), que são baseados em uma lista de temas, constituindo-se em eixos que contemplem a abrangência das informações esperadas ao estudo. Permite-se, desse modo, uma maior flexibilidade nas conversas e absorção de novas temáticas trazidas pelo participante, possibilitando-se ampliar a discussão e não apenas cerceá-la. Assim os eixos norteadores servem como um guia, tornando possível interpretar os significados e sentidos que os sujeitos trouxeram, por meio do assunto proposto, a partir de uma construção própria da sua visão e vivência acerca do tema (TURATO, 2013).

Para iniciar as entrevistas, inicialmente se construiu um *rapport*, o qual condiz a um momento de apresentação mútua entre pesquisador e entrevistado, com o estabelecimento de um espaço acolhedor e amigável, bem como, um canal aberto de comunicação, seguido da retomada da temática da pesquisa, de seus objetivos e a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em linguagem clara e compreensível (TCLE) (ANEXO II). Frente à concordância para participar da pesquisa, se procedeu a entrevista, a qual foi gravada em áudio, com o prévio consentimento dos entrevistados e, posteriormente, transcrita na íntegra para análise (TURATO, 2013). Tal instrumento de gravação possibilita que o entrevistador possa concentrar-se unicamente no entrevistado e na entrevista, sem desatentar a detalhes, uma vez que o comportamento global do pesquisado deve ser observado, devendo-se atentar aos modos de fala, como as interposições, os silêncios, os lapsos, bem como, os comportamentos e linguagem não verbal, o que permite informações adicionais ao pesquisador.

Para isso, a pesquisadora, entrou em contato prévio com o Núcleo de Educação Permanente em Saúde (NEPES) do município de Santa Maria, responsável pela administração dos projetos geridos na atenção básica em saúde, com o intuito de apresentar o projeto e suceder a devida autorização institucional. Assim, mediante aprovação do NEPES e a posterior aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Maria, retornou-se ao espaço da Estratégia de Saúde da Família em busca dos registros dos idosos que se enquadravam na pesquisa. Encontrados esses registros, os possíveis sujeitos da pesquisa foram contatados por

telefone, para apresentação minuciosa da proposta do estudo e o convite para a participação no mesmo. Quando se demonstraram disponíveis e interessados a participar, a pesquisadora marcou um horário para encontrá-los no seu local de preferência.

4.5. Análise dos dados

O uso de técnicas para analisar os dados, reveste-se de significativa importância, visto que posteriormente a coleta das informações, faz-se necessário uma leitura atenta e a construção de reflexões/discussões que visem uma interpretação criativa dos dados. A escolha das técnicas de coleta e o tratamento promovido aos dados, demanda a realização sobre um olhar complexo e multifacetado à gama de resultados, considerando as observações e a entrevista na íntegra. Nessa linha uma estratégia frequentemente utilizada para possibilitar um tratamento aos discursos na investigação é a análise de conteúdo, perpassando formas que objetivam buscar sentidos presentes nos materiais (CAMPOS, 2004).

Nessa perspectiva, na presente pesquisa, a análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, a qual consiste na descoberta de códigos sociais perpassados no tema, ou seja, os significados, a partir dos discursos dos participantes, bem como, símbolos e observações (MINAYO, 2011). Assim, a técnica de análise de conteúdo como proposta por Bardin (2010) condiz à análise das palavras e das significações atribuídas a elas, ou seja, um tratamento promovido as informações que são contidas nas mensagens.

Para alcançar uma efetiva análise de conteúdo, as entrevistas foram transcritas na íntegra e, posteriormente, lidas e relidas a fim de encontrar conteúdos importantes e recorrentes. Esta análise, condiz com a transformação das falas relevantes dos sujeitos entrevistados em unidades de análise, objetivando a descoberta de conteúdos que se encontram implícitos nos conteúdos manifestos (BARDIN, 2010). Leva-se em consideração palavras pré-escolhidas pelo locutor, frequência de recorrência de certos termos, aparato e andamento do discurso. A intenção é que se possa ir para além do estágio descritivo, podendo fazer inferências e discussões a partir dos dados trabalhados, abrindo campo as reflexões desses. Realizam-se assim, inferências sobre o texto, o que significa promover e produzir conhecimentos subjacentes à mensagem, bem como, ancorá-las a uma gama de referenciais teóricos presentes na literatura (TURATO, 2013).

Entende-se que analisar um material significa codificá-lo, transformando-o em uma representação, a partir de seu estado bruto. Compreende-se, dessa forma, que para a realização da análise de conteúdo, é importante serem seguidas as indicações propostas por Turato (2013), o qual sugere uma fase de pré-análise, na qual se faça uma leitura flutuante do material, onde aos poucos o alvo da leitura fica claro à consciência. Faz-se assim necessário a leitura e releitura para assimilação do conteúdo, onde adquiriram destaques pontos de significação, podendo assim seguir para a etapa de categorização dos dados. Nessa ordem, uma vez codificado o material produz-se os sistemas de categorias e subcategorias, procedimentos que consistem em colocar assuntos em relevo que merecem discussão em grandes tópicos (categorias) e em destaque desses outros tópicos particulares que merecem uma discussão em relevo (subcategorias), porém com dependência temática de um amplo tópico categorizado (TURATO, 2013).

No processo de categorização é possível levar em conta o critério de repetição que preconiza que se coloque em destaque as colocações reincidentes, fazendo a investigação do que cada um deles tem em comum. Além disso, pode-se categorizar por meio do critério de relevância, em que não necessariamente um ponto é repetido, mas é considerado, segundo a ótica do pesquisador, uma fala rica em conteúdo capaz de confirmar ou refutar suposições iniciais e que se constitui um ponto central na construção dos significados dos entrevistados (TURATO, 2013).

4.6. Aspectos Éticos

Com o intuito de contemplar os padrões científicos e éticos em pesquisa, este estudo segue os princípios regidos pela Resolução 510 de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, a qual guia a ética nas pesquisas com seres humanos em Ciências Humanas e Sociais (BRASIL, 2016). Atendendo as exigências da Resolução, foram respeitados os princípios da autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade, assegurando os direitos e deveres dos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado.

Ressalta-se que a pesquisa somente foi colocada em prática após a aprovação do Núcleo de Educação Permanente em Saúde (NEPES) e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSM. Após esse processo, foram abordados aqueles sujeitos elegíveis para a pesquisa, segundo os critérios de inclusão, para os quais foram retratadas as informações a respeito da

natureza do estudo, os objetivos, métodos e procedimentos, além dos possíveis benefícios e riscos previstos, assegurando-os a participação voluntária e o sigilo dos dados. Assim, garante-se que a identidade do participante permanecerá no anonimato, não sendo mencionadas informações que possam identificá-los.

Mediante esses aspectos, antes das entrevistas e observações, trabalhou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE (Anexo II) da pesquisa, com o intuito de apresentar a pesquisa, retratar e esclarecer quaisquer dúvidas que o entrevistado pudesse ter sobre o estudo, bem como, para que este autorizasse a sua participação na pesquisa, em caso de concordância com a proposta. O TCLE foi assinado em duas vias, uma das quais fica resguardada pelos pesquisadores responsáveis, enquanto a outra foi cedida ao participante. Garante-se a desistência dos participantes em qualquer momento do estudo, sem isso acarretar prejuízos para estes sujeitos.

Após a declaração de consentimento, procedeu-se com as entrevistas, as quais foram gravadas em áudio com o prévio consentimento dos participantes e após transcritas na íntegra para a análise. O material de transcrição será armazenado por cinco anos na sala do pesquisador responsável da pesquisa, localizada na Avenida Roraima, prédio 74B, sala 3212^a, Santa Maria/RS, CEP 97105-340. Após o período, o material será destruído, garantindo-se o sigilo dos dados e dos participantes.

Salienta-se que esta pesquisa pode suscitar desconfortos ao relembrem algumas situações de suas vidas e falarem sobre as mesmas. Contudo estes riscos não são distintos ou maiores que os resultantes de uma conversa informal. Caso a pesquisa mobilizasse conteúdos geradores de angústias, os pesquisadores encaminhariam o participante à um atendimento psicológico gratuito disponibilizado pelos profissionais de Psicologia do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Saúde, visando minimizar o foco de sofrimento. Contudo, acredita-se que o bom vínculo estabelecido no momento da pesquisa, entre pesquisador-pesquisado, pode auxiliar os participantes a se sentirem seguros e confiantes no relato de suas vivências, sem que isso seja fonte de angústia, como foi demonstrado com todos os participantes do estudo. Constatou-se que não haverá benefícios diretos aos participantes, porém considera-se que esses podem apreciar o benefício de serem sujeitos que fornecerão dados importantes para a construção de conhecimento científico na temática, bem como subsídios para ajudar na construção de uma compreensão e formas de cuidado pelas equipes de saúde e familiares, que se aproximem das demandas dos idosos. Com isso, se prevê por meio da pesquisa, a instauração

de uma certa relação de cuidado, uma vez que permite voz aos sujeitos pesquisados e se promove um olhar aos mesmos, sendo significativo para as possibilidades de (re)construção dos sentidos para as suas vivências.

Em relação à devolução dos dados, será agendado dois momentos diferentes, um com os participantes da pesquisa, e outro com a equipe da Estratégia de Saúde da Família escolhida, nos quais serão apresentados os resultados da pesquisa em linguagem simples e compreensível ao público. Busca-se permitir assim, um espaço para retratar o desenvolvimento da pesquisa, e obter o olhar dos profissionais e participantes da mesma sobre as construções regidas no trabalho, proporcionando um momento não apenas de entrega, como também de trocas.

5. RESULTADOS

Conforme descrito anteriormente, os resultados desta dissertação foram divididos entre dois artigos científicos. O primeiro, “O velho e o outro: identificação e reconstrução de si na velhice”. Já o segundo artigo, “O encontro com as perdas na velhice e a reflexão da própria finitude”. Ambos artigos foram construídos empiricamente através do método clínico-qualitativo e conforme as normas da Publication Manual of the American Psychological Association (2010, 6ª edição) (APA).

ARTIGO 01

**O VELHO E O OUTRO: IDENTIFICAÇÃO E RECONSTRUÇÃO DE SI NA
VELHICE**

**THE OLD AND THE OTHER: IDENTIFICATION AND RECONSTRUCTION OF
YOU IN THE OLD**

**EL VIEJO Y EL OTRO: IDENTIFICACIÓN Y RECONSTRUCCIÓN DE SÍ EN LA
VEJEZ**

RESUMO - As fases do desenvolvimento atribuem um caráter de identidade e dinâmica as relações e afetos do sujeito. Em especial a velhice expõe estigmas e torna necessária a construção de representações ao desconhecido e transformações que dela surgem. Este artigo se propõe abordar as significações atribuídas à velhice e a sua identidade em sujeitos com idade igual ou superior a 70 anos, vinculados a uma Estratégia de Saúde da Família em um município no interior do Rio Grande do Sul. Utilizou-se o método clínico-qualitativo, com o caráter exploratório e descritivo, sendo realizadas 10 entrevistas semi-estruturadas, compostas por eixos norteadores, transcritas na íntegra e analisadas pela análise de conteúdo. A apropriação de uma identidade da velhice torna-se um desafio ao sujeito, tendo em vista os significados de caráter negativo atribuídos a mesma. Dessa maneira, aceitam-se aproximações de um corpo e relações que não possuem mais o mesmo desenvolvimento, mas se recusa, muitas vezes, a associação a um pensamento e sentimento de ser idoso. O vínculo com o passado e a memória, torna-se um forte fator de sustentação da identidade e do pertencimento a um lugar reconhecido ao idoso, de modo a destacar um mundo e presente no qual não se reconhecem e um futuro de difíceis projeções de si. De encontro a isso, evidencia-se como possibilidades no encontro com a velhice, a apropriação desta fase e a reestruturação do sujeito de forma a atribuir ganhos e novas relações sociais e familiares.

Palavras-chaves: Velhice; Identidade; Temporalidade; Outro.

ABSTRACT - The development phases attach an identity and dynamics character to the affection relations of the subject. In particular, old age exposes stigmas and make the construction of representations necessary to the unknown and the transformations that arise from it. This article aims to address the meanings attributed to old age and their identity in subjects aged 70 years or more, linked to a Family Health Strategy in Rio Grande do Sul state interior. The clinical-qualitative method was utilized, with the exploratory and descriptive character, being carried out 10 semi-structured interviews, composed by guiding axes, transcribed in full and analyzed by content analysis. The identity appropriation of old age becomes a challenge to the subject, owing to the negative meanings related to it. In this way, body and relationships approaches that do not have the same development are accepted, but often refuse to associate with a thought and feeling of being old. The bond with the past and the memory becomes an identity sustaining factor and belonging to a place valued for the elderly, in order to highlight a world and present in which they are not recognized and difficult future projections of themselves. Against this, the appropriation of this phase and the restructuring of the subject in order to attribute gains and new social and family relations is evidence presented as possibilities in the encounter with old age.

Keywords: Old age; Identity; Temporality; Other.

RESUMEN - Las fases del desarrollo asignan un carácter de identidad y dinámica a las relaciones y afectos del sujeto. Especialmente la vejez expone estigmas y vuelve necesaria la construcción de representaciones al desconocido y transformaciones que desde ella surgen. Este artículo se propone abordar las significaciones asignadas a la vejez y a su identidad en sujetos con edades mayores o iguales a 70 años, vinculados a un Centro de Atención Primaria de Salud en una ciudad de la provincia de *Rio Grande do Sul*, Brasil. Se utilizó el método clínico-cualitativo, con carácter exploratorio y descriptivo, a partir de 10 entrevistas semi-estructuradas, compuestas por ejes rectores, transcritas en la totalidad y analizadas a través del análisis de contenido. El asumir de una identidad en la vejez se vuelve en un desafío al sujeto, en vista de los significados de carácter negativo asociados a ella. Así, se aceptan aproximaciones de un cuerpo y relaciones que ya no poseen el mismo desarrollo, aunque se rechaza, muchas veces, la asociación a un pensamiento y sentimiento de ser anciano. El vínculo con el pasado y la memoria, se vuelve en un factor de apoyo de la identidad y del pertenecimiento a un sitio valorado al anciano, de manera a señalar un mundo y presente en lo cual no se reconocen y un futuro de duras proyecciones de sí. Asimismo, se subrayan posibilidades del encuentro con la vejez, el asumir esta fase y la reestructuración del sujeto de manera a asignar logros y nuevas relaciones sociales y familiares.

Palabras Clave: Vejez; Identidad; Temporalidad; Otro.

INTRODUÇÃO

A velhice caracteriza-se por meio de uma baliza cronológica, que aponta alguém como idoso a partir dos 60 anos de idade (Who, 2002), sendo composta por um fenômeno que toma a esfera biológica e que possui reflexos na psique. Na sua complexidade, não condiz apenas ao aspecto cronológico e biológico, mas atravessa a cultura e transforma a relação do sujeito com o tempo, com o mundo externo e, assim, com a sua história singular (Beauvoir, 1990).

A construção das identidades perpassada por valores individuais e sociais, vincula-se ao fator idade, e começa a indicar por meio de crenças, ideias de satisfação, práticas corporais e de conduta, a vivência e habitar de cada ser nas diferentes etapas da vida. Nesse sentido, ser adulto, criança, adolescente e velho organiza e constitui parte significativa da identidade dos indivíduos. Esse processo de identificação passa a tocar grandes esferas da vida dos sujeitos, estando presente no âmbito familiar, do trabalho, nos meios individuais e inter-relacionais, bem como nos mercados de consumo (Silva, 2008; Barcelos, Esteves & Slongo, 2016).

A fragmentação do curso da vida em diferentes etapas a partir da categoria etária teve sua origem durante a época moderna. Nas sociedades pré-industriais, até meados do século XIX fatores de ordem cultural, social e demográficos se mesclavam de tal forma que não havia a separação clara e as especificações funcionais para as idades. No transcorrer do século XIX, seguindo um ordenamento social, a construção de grupos etários e as especificações de cada grupo, suas funções e hábitos passam a tomar forma e consolidar a segmentação da vida em estágios formais, com transições claras de uma etapa para a outra, através do ingresso em diferentes meios sociais, como a escola, ensino superior, o ambiente de trabalho e a aposentadoria. Nessa ordem, a velhice passa a ser construída e reconhecida enquanto uma etapa diferente, havendo uma separação de ordem espacial das diferentes fases da vida (Silva, 2008; Hareven, 1995).

Nesse sentido, a velhice enquanto um estágio distinto da vida e os velhos enquanto um grupo social diferenciado e uniforme passam a ser evidenciados no decorrer histórico por meio do desenvolvimento das “três tecnologias de diferenciação”, elucidadas por Katz (1996). Diante do inegável crescimento populacional e aumento na expectativa de vida, que modificam a composição da população, passa-se a emergir um discurso científico acerca do envelhecer, com as especificidades médicas por meio da ciência da geriatria e gerontologia, as quais constroem uma narrativa acerca do corpo do idoso, seu comportamento e suas relações, caracterizando-se como a primeira tecnologia de diferenciação. Nesse percurso, o marco idade passa a ser

determinante de uma nova posição econômica e social para os sujeitos, por meio da criação das caixas de aposentadoria e pensões, as quais evidenciam uma transição para adentrar a essa fase da vida e outro status ao sujeito velho, definindo a segunda tecnologia. No auxílio da formulação de uma ideia pública e institucional da velhice, a última tecnologia de diferenciação abre campo para a construção de lugares específicos para a população caracterizada como velhos, ou seja, a criação de asilos destinados aos mesmos.

A partir desses fatores passa-se a um processo de consolidação do imaginário e do discurso acerca do fenômeno da velhice. Constroem-se normas relativas a uma identidade social, as quais se referem aos tipos de repertórios, de papéis ou perfis que se considera que aqueles indivíduos podem sustentar.

Simone de Beauvoir (1990), autora da obra clássica “A velhice” traz como uma das faces dessa fase da vida, a ideia de ser indesejável, confinada aos asilos, a solidão, sendo estigmatizada e renunciada do meio das políticas públicas. A velhice costumava ser associada unicamente a imagens e significados da doença, decrepitude e morte. Essa identidade social construída ao entorno dos sujeitos velhos trouxe o destaque para a condição de abandono e silêncio que perpassava a velhice, expressado através do descaso da sociedade para com os mesmos. Nesse sentido, a velhice passou a ser considerada um problema social, o que, no entanto, proporcionou maior visibilidade a esse segmento e o desenvolvimento dos direitos, bem como a abertura de espaços para os idosos, tornando-se um lugar de gestão pública.

Na busca de romper com a conspiração do silêncio até então presente no campo da velhice e conceder uma nova posição e identidade ao mesmo, esse passou a compor uma intensa produção discursiva. Um novo conceito de velhice registra mudanças nas produções de sentido sobre a mesma, passando a vê-la como um momento de muitas realizações, atividades, inovações, como uma fase própria para resgatar e realizar sonhos adiados. Dessa maneira, uma nova experiência da esfera do simbólico e do social foi permitida e, assim se apresenta uma produção de demanda para o mercado e a ciência, os quais passam a reger uma “velhice bem-sucedida” e dão novos contornos ao corpo, afeto e comportamento desses sujeitos (Vilhena & Rosa, 2016; Correa, 2009).

No entanto, esse movimento decaiu em uma nova conspiração do silêncio no campo da velhice travestida pelo fenômeno da “positivação do envelhecimento”, o qual responsabiliza os sujeitos idosos por sua imagem e “insucesso”, ao os convocarem a manter seus corpos e pensamentos jovens. Assim, assiste-se ao processo de reprivatização da velhice, sendo o sujeito idoso impulsionado a dobrar-se sobre si mesmo, em busca de uma satisfação e realização pessoal, no resgate de projetos e alcance de um prazer individual. Esse movimento,

consequentemente, passa a excluir e reduzir a subjetividade do idoso, de modo semelhante ao que fazia o silêncio imposto pela sociedade moderna, a qual temia a morte acima de qualquer coisa e a sua vinculação com o envelhecer, a ponto de evitar falar da finitude e aceitar a sua presença (Rosa, 2014).

Mediante essa dialética, o orgulho e a exaltação exacerbados do envelhecer que se manifestam através da solução criada pela lógica “terceira idade” e “melhor idade”, em vez de auxiliar com contribuições para reflexões e novos debates, pode decair em uma mitificação e diluição dos pensamentos e discussões sobre velhice (Cerqueira, 2017). Nessa perspectiva, a pintura de um novo quadro da velhice no contemporâneo, muitas vezes, não permite espaço para se deparar com as questões da morte e do luto.

A morte no seu estatuto real e simbólico coloca-se desde a perda de alguém ou algo importante para o sujeito, frente a qual se rompem identificações e vínculos significativos, bem como em relação a si mesmo, retratando rupturas e reformulações na vida de quem a presencia (Combinato & Queiroz, 2006). Tal como a morte real, em que há a ausência de uma figura significativa, a morte simbólica no âmbito da velhice expõe o sujeito à perda do vínculo com uma posição social, identitária, mediante a imagem e as formas de relação até então conhecidas. Nesse viés, torna-se necessária a elaboração da perda, para que ela possa ser integrada à história do sujeito e uma narrativa acerca das suas vivências e da sua identidade possa ser reconstruída.

A vivência de um luto perpassa a necessidade de se deparar com um sofrimento em movimento. Conforme Freud (1915/2006) o luto consiste em um trabalho que o ego desempenha para se adaptar à perda de uma figura amada, à liberdade, ou o ideal de alguém, diante da percepção da realidade de que esse objeto foi perdido. Na elaboração do luto há o deslocamento gradual do investimento destinado a esse, voltando-se as energias e investimentos a si, as suas próprias fantasias, para um posterior retorno dos investimentos para os objetos externos e para sua nova realidade.

Como um trabalho a nível subjetivo, representa uma resposta natural a uma perda, sendo caracterizado por seu dinamismo e variabilidade em sua intensidade e duração (Franqueira, Magalhães & Féres-Carneiro, 2015). A elaboração da perda torna-se um processo de construção de significados, onde pode se fazer presente um luto antecipatório na vivência de adoecimentos, mortes simbólicas e reais (Franco, 2010). Dessa maneira, as perdas podem se referir a transformações no ciclo de vida pessoal e familiar, do processo de desenvolvimento, bem como a separações e o próprio envelhecer (Fonseca, 2004).

Nessa dialógica, toda perda solicita um luto e este se torna um trabalho que permite novas vias ao desejo e à vida. Não há velhice sem o trabalho de luto, o qual implica uma série de ações, narrativas e rituais, sempre muito singulares (Mucida, 2009). Este processo pode se ligar a diversos fatores, tais como: o modo como a perda é sentida, o preparo que o sujeito possuiu, como decorreu a perda, os recursos emocionais de quem sofre, a história individual e a relação com a pessoa ou objeto que se perdeu, bem como a rede de apoio do sujeito (Viorst, 2005).

No que sucede as redes de apoio, torna-se importante compreender que o sujeito se constitui desde as fases iniciais do seu desenvolvimento perante o olhar e desejo do outro, o qual permite construir nomeações e sentidos para as suas vivências (Mannoni, 1990), bem como uma escuta e olhar para significar os processos de luto. O ideal de eu, o qual desempenha uma função tipificadora no desejo do indivíduo, marca o ponto no qual esse se perceberá como visto pelo outro, por meio do qual poderá receber o amor do mesmo (Mucida, 2017). Nesse prisma, a identidade apenas se (re)constitui mediante o diálogo com o outro, sendo que o olhar deste pode advir como suporte ou como decompositor do sujeito.

Nesse ínterim, busca-se refletir acerca da reconstrução da identidade na velhice, bem como a influência da relação com o outro e os seus reflexos na elaboração das perdas. Portanto, diante da complexidade sobre os assuntos do envelhecer, da construção de uma identidade do ser velho, bem como do luto no âmbito social, como temas que carecem de maiores reflexões de ordem qualitativa e de um olhar que permita visibilidade e reflexão acerca da vivência destes sujeitos, destaca-se a importância de realizar um estudo aprofundado. Busca-se assim, a construção de referencial teórico que auxilie tanto aos profissionais quanto à comunidade que acompanha essa população, na compreensão da velhice frente às perdas simbólicas, buscando a prevenção de complicações do luto.

MÉTODO

Desenho do estudo

O presente estudo consiste em uma pesquisa descritiva e exploratória, de cunho clínico-qualitativo. A pesquisa buscou compreender as significações atribuídas por sujeitos idosos acima de 70 anos, acerca da velhice na contemporaneidade, além da compreensão em torno do discurso interligado à sua identidade e ao luto.

Optou-se, especificamente, pelo método de pesquisa clínico-qualitativo, uma vez que, através dele, produz-se um refinamento de pesquisas qualitativas tradicionais, singularizado por um olhar clínico (Turato, 2013). Esse se torna eficaz, visto que consegue trazer o que até então era subjetivo e individual à realidade contextual e interpretativa da investigação e da ciência (Bassora; Campos, 2010). Ademais, busca a captura de sentidos e significações acerca dos fenômenos, por meio da observação e escuta dos sujeitos da pesquisa, da interpretação dos pesquisadores e sua criatividade (Turato, 2013).

No que condiz à pesquisa exploratória, essa possui como meta o alcance de uma maior familiaridade com o problema, com o intuito de torná-lo mais explicativo. Seu objetivo é aprimorar as ideias ou a descoberta de intuições, sendo, assim, flexível. Já se selecionou a pesquisa descritiva por ter como aspecto central a descrição das características de determinado fenômeno ou população (Gil, 2002).

Cenário do Estudo

O lugar mais adequado para o cenário do estudo à coleta de dados é o ambiente natural em que o sujeito do estudo está imerso, tendo em vista que é onde se manifestam informações mais relevantes, pois conservam relações e características do pesquisado. Dessa maneira, o trabalho de campo possibilita maior riqueza na pesquisa que possui sujeitos como objetos de estudo, incorporando valores de validade e autoridade das informações (Turato, 2013). Nesse viés, desenvolveu-se a coleta de dados no ambiente natural dos sujeitos da pesquisa, ou seja, nas suas próprias residências ou em uma sala no local da Estratégia de Saúde da Família (ESF) na qual são cadastrados, uma vez que são territórios em que passaram e passam a maior parte das suas vidas e inter-relações. Para isso, escolheu-se alcançar os sujeitos de pesquisa por meio dos registros obtidos através da ESF, em uma região carente de um município do interior do Rio Grande do Sul, já que consiste no serviço em que há uma das maiores concentrações de demanda com a população idosa, devido maior convergência da mesma.

Participantes da pesquisa

Foram incluídos na pesquisa, dez sujeitos maiores de 70 anos, de ambos os sexos, vinculados a Estratégia de Saúde da Família de uma região carente do interior do Rio Grande do Sul. Escolheu-se a idade de 70 anos, visto que essa impõe um corte social intenso no retrato explícito de uma passagem a outra condição, onde, muitas vezes, não se possui mais obrigações sociais, como o exercício obrigatório do voto e coloca-se, em muitos casos, a aposentadoria. Os

participantes foram indicados pela equipe da ESF selecionada, de modo a retratar o contato dos pacientes que realizaram atendimento naquele período. O número total de sujeitos inclusos na pesquisa foram 10, sendo 4 homens e 6 mulheres, com idades que variam de 71 anos à 86 anos. Com o intuito de preservar o sigilo e identidade dos participantes, seus nomes foram trocados pela letra E, seguida de um número que corresponde ao entrevistado, um número que refere à sua idade e, por fim, letra referente ao sexo M (masculino) e F (feminino).

Com o objetivo de delimitar o número de entrevistados, foi definido o critério de saturação da amostra. Este consiste, conforme Minayo (2011) no entendimento que foi capturada pelo pesquisador a lógica interna do grupo, visto que se concebe que existe um número limitado de versões da realidade. Isso se demonstra em função de que as experiências, mesmo frente às suas individualidades, são resultantes de um processo social. Dessa maneira, representações de um tema em comum, ou de sujeitos em um âmbito social específico, são, de alguma forma, compartilhadas. Assim, a saturação de dados colocou-se quando o pesquisador alcançou a compreensão da homogeneidade, da intensidade e da diversificação dos dados necessários para a pesquisa.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada entre o mês de julho de 2018 à outubro do mesmo ano, sendo realizada através de entrevistas semiestruturadas, com questões abertas. Buscando maior flexibilidade nas conversas, essas contaram com eixos norteadores como guias, os quais contemplavam as temáticas em pauta, como: momento a partir do qual começou a se sentir idoso; diferenças entre ser idoso e ser jovem; mudanças na velhice; relações sociais antes de se considerar idoso e após; percepções sobre as relações; a perspectiva de futuro. Permitiu-se, dessa forma, que a conversa fosse guiada por ambos integrantes da relação, possibilitando espaço para que o entrevistado posicionasse livremente o conteúdo da sua resposta, promovendo ainda a ampliação da discussão e abertura às interpretações do sujeito de pesquisa (Minayo, 2011).

Análise dos dados

No presente estudo, a análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, que diz da descoberta de códigos sociais perpassados no tema, ou seja, os significados, observações e símbolos oriundos a partir dos discursos dos participantes (Minayo, 2011). Assim, a técnica de análise de conteúdo, como proposta por Bardin (2010), refere à análise das

palavras e das significações atribuídas a elas, promovendo um tratamento as informações contidas nas narrativas. Para o alcance de uma efetiva análise de conteúdo, as entrevistas foram transcritas na íntegra e, após, lidas e relidas a fim de encontrar conteúdos recorrentes e importantes. Esta análise condiz com a transformação das falas dos entrevistados em unidades de análise, com o intuito da descoberta de conteúdos que estão implícitos nas ideias manifestas.

Entende-se, desse modo, que é importante seguir alguns passos para a realização da análise de conteúdo, como proposto por Turato (2013). Sugere-se inicialmente uma fase de pré-análise, na qual se realiza uma leitura flutuante do material, tomando-se, aos poucos, à consciência o alvo da leitura. Na leitura e releitura do conteúdo, assimilam-se os destaques das falas dos sujeitos e seus pontos de significação, surgindo assim a etapa de categorização dos dados. Após codificado o material, se promove os sistemas de categorias e subcategorias, que consiste em alocar assuntos em relevo que tomam discussão em grandes tópicos e os demais que possuem a dependência da temática de um amplo tópico categorizado (Turato, 2013). No processo de categorização é possível considerar o critério de repetição que preconiza que se destaque as colocações reincidentes, investigando o que cada uma delas possui em comum. Ademais, pode-se categorizar através do critério de relevância, no qual não necessariamente há repetição de um ponto, mas esse é considerado, uma fala rica em conteúdo e com potencial de confirmar ou refutar suposições iniciais, bem como que se constitui um ponto importante na construção dos significados dos entrevistados (Turato, 2013). Posteriormente, elaboraram-se as interpretações, relacionando-as ao referencial teórico pertinente.

Aspectos Éticos

Este estudo segue os princípios regidos pela Resolução 510 de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, a qual guia a ética nas pesquisas com seres humanos em Ciências Humanas e Sociais (Brasil, 2016). Contemplando as exigências da Resolução, foram respeitados os princípios da autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade, assegurando os direitos e deveres dos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Ressalta-se que a pesquisa somente foi colocada em prática após a aprovação do Núcleo de Educação Permanente em Saúde (NEPES) e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSM, sob o número CAAE: 81642117.5.0000.5346

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Intensas transformações suscitam angústia no envelhecer, frente à morte de uma posição e lugar social e subjetivo valorizados, para viver outro diferente, desconhecido e não reconhecido no âmbito social (Mucida, 2009). Além disso, exige-se um difícil encontro e elaboração com sua própria imagem e luto. Como um aspecto constituinte da velhice, o luto se apresenta como um imperativo no processo de envelhecimento, com sua presença constante desde os primórdios da vida e acentuando-se na referida fase.

Com base nesta ideia, os resultados que se sobressaíram dos participantes da pesquisa, construíram as seguintes categorias a serem trabalhadas no presente manuscrito: “Como diz o outro” – A velhice e a busca por um dizer próprio; Passado, presente e futuro: A velhice nos três tempos.

“Como diz o outro” - A velhice e a busca por um dizer próprio

Perceber-se velho, é deparar-se com o desconhecido, embarcar em uma viagem onde as paradas não se encontram programadas e, podem acontecer quando o sujeito menos espera. O novo, o inesperado dessa fase, se faz porque nunca antes, o sujeito foi um velho. E, é sempre o outro, seu semelhante, que lhe aponta a sua velhice (Manjabosco, 2014).

Como parte intrínseca da identidade do sujeito, a fase da vida assume papel importante na construção de significados acerca da imagem de si, de modo que passa a ser referência na consolidação das trocas e das relações sociais. O olhar e a menção realizada ao sujeito idoso nos espaços de socialização são demonstrativos das identificações aceitas no âmbito social e que influenciam a apropriação das vivências de cada ser, bem como a construção dos significados para si.

Nesse ínterim, a constituição de identidades é fortemente vinculada com as experiências e transmissão de valores, visões de mundo e normas (Correia, 2008). Assim, o sujeito se (re)constrói em uma demanda dirigida ao outro, buscando neste uma garantia que possibilite nomear-se e situar-se (Mannoni, 1995): “*Não, como diz o outro, sinto como eu to mais velha como diz o outro, mas pra mim é uma fase ótima... eu não me queixo de nada*” (E5, 72, F). “*Dizem ai “aquela vovó”, dizem os outros, falam na rua. “Coroa” essas coisas... Se dizem nem dou bola, faço de conta que nem escutei*” (E7, 77, F).

As denominações construídas para especificar cada etapa da vida e dar conta das inter-relações entre as diferentes gerações, atribuem um valor social e conseqüente reconhecimento

ao sujeito enquanto diferente dos demais. Nesse contexto, a identidade social do velho e sua polarização dentro do fenômeno da positivação e negatificação da velhice são apropriadas pelos sujeitos da pesquisa de modo a compactuarem com a mesma ou a recusarem como parte da sua identidade individual. No diálogo de E5 surge a visão e o discurso idealizado, de a velhice ser uma fase ótima, sem a presença de queixas. No entanto, como retratado por E7 ser velho assume um valor pejorativo, de forma a demonstrar a dificuldade da construção de um espaço simbólico à velhice, que permita à mesma ser escutada e possibilite aos sujeitos apropriarem-se completamente das mudanças próprias do envelhecer (Vilhena & Rosa, 2016): *Não, eu não tenho ideia de idoso (risos)... ser idoso acho que é quando o cara não tem mais serventia pra nada né... (E2, 71, M).*

Só me sinto idoso quando eu vou no banco e tem a fila do idoso, quanto ao resto não me sinto. Olha eu acho que, até 70 anos eu acho assim que idoso é aquele que se acomoda, eu não me acomodei, entendeu. Tem gente com menos idade que eu e se acomoda, parece uns velhos... E eu por enquanto não. Tem gente que acha que ta velho e não convive com ninguém, fica ali... (E8, 71, M).

Eu às vezes, sim... eu me sinto assim (idosa). Mas às vezes eu me sinto assim que eles não... como que vou te explicar, eles não valorizam muito a pessoa idosa. Eles não dão valor, os jovens de hoje, as pessoas mais novas não valorizam. Eles dizem a essa já ta vencida, já ta velha, já ta na hora de ir embora. Eles dizem, pra mim já disseram umas quantas vez... Aquela coisa e as pessoas, aquela que já ta ficando de mais idade, ela fica mais sensível. Ai pra que dizer isso, chamar de velha se tem nome né... Ora veia, né. Chama pelo nome, a fulana tava no mercado, não a veia. Aí é tipo uma coisa ruim né (E3, 78, F).

Segundo E3 o endereçamento do outro institui como referência a si uma posição de “velha”, passando esse a ser o centro da sua identificação no meio social, aspecto o qual retira a subjetividade do sujeito, uma vez que o destitui da sua singularidade, do seu nome próprio, perdendo-se uma localização no campo do outro (Castilho & Bastos, 2015). A dificuldade de se apropriar simbolicamente desta etapa da vida, confirma-se na fala de E2 e E8 através da associação da velhice a um apagamento do sujeito, como aquele que se acomoda e deixa de algum modo de servir e existir. Nessa linha, a identidade e sentimento da velhice, aparecem nos discursos dos participantes como uma condição que pode ser colada e descolada do sujeito, às vezes como parte da sua vida, dos direitos adquiridos e das limitações que surgem, sendo essa identidade de algum modo possibilitada em um espaço reconhecido e valorizado, porém em alguns momentos, como algo distante de si e impossível de uma identificação.

Ramos (2014) retrata que os significados e nomeações àquele que envelheceu estão a serviço de uma categorização social, que implicitamente nega a condição de velho e apresenta o “velho jovem”, a ficção de um sujeito sempre saudável, dinâmico e ativo, que não abrange, assim, a existência de toda a velhice, estabelecendo-se uma visão homogênea para algo complexo. Não mais conectada a um grupo etário específico, a juventude passou a remeter um valor, que busca ser conquistado por todos e mantido, em qualquer idade, por meio da adoção de modos de ver a vida, a si mesmo, bem como, de formas de consumo e serviços apropriados (Zarur & Campos, 2015; Vilhena & Rosa, 2016; Correa 2009).

Frente a isso, presenciavam-se os discursos sobre o “ser velho” na contemporaneidade, perpassados, muitas vezes, pela ideia de manter a alma jovem e “não se sentir velho”, sendo caracterizados ainda, os aspectos de disposição, alegria e ânimo à fase da juventude (Daminico; Santos, 2009; Kuschick; Machado, 2016): *Eu me considero com 28 anos, minha aparência eu tenho no meu coração assim que eu tenho 28 anos. Eu tenho 76 anos, mas eu pra mim, não faz diferença. Ser velho tá ligado ao pensamento/coração (E9, 76, F).*

Por dentro a gente sempre é novo, só por fora que envelheceu. Ser idosa é aquela pessoa que não faz nada, que tá dentro de casa e não tem sentido pra nada. A pessoa tá sentada ali esperando que dão né. Não tem vontade de sair né. Não me considero idosa (E10, 79, F).

Compreende-se, desse modo, o quanto o processo de envelhecer é complexo, temido e até mesmo negado, retratando o incômodo e o medo que ser percebido enquanto velho carrega culturalmente (Schneider; Irigaray, 2008). Vivencia-se hoje, um processo de descronologização da vida, a então chamada sociedade unietária, retrata um embaçamento das fronteiras que demonstravam estilos próprios de vida nas diferentes faixas etárias. A idade por si só não possui o caráter de modificar o sujeito, a velhice apresenta-se como uma posição subjetiva, sendo muitas vezes ausente de um saber e fala. Enquanto uma posição vista como fora do indivíduo, predomina uma angústia e impossibilidade de se identificar por completo a essa fase, em vista do imaginário que a rodeia. A imagem do ser idoso passa a ser um campo difícil de identificação tendo em vista que denota a perda de uma imagem ideal, causando aflição e estranheza. Nessa ordem, nomeá-la produz rejeição e medo (Goldfarb, 1998).

Não obstante, frente a um momento em que não é possível mais resistir e negar o real que a velhice impõe, apresenta-se o processo da Neurose do Envelhecimento, retratado por Jerusalinsky (1996). Conforme o autor, a velhice aparece de forma quase imperceptível, mas sem volta, por meio de um gesto, de uma memória e seus lapsos mais seguidos, percebendo que

a vida passou por modificações. Nessa lógica, uma série de traumas podem se tornar evidentes nos desdobramentos das vivências do idoso no transcorrer dos anos, entre eles, toma-se como destaque a posição de “obsolescência imaginária” que a cultura instaura aos idosos, bem como, o corpo real que impõe restrições e simboliza a finitude. Assim, percebe-se que o tempo exige ao idoso sair do centro da cena da vida e abrir mão de um lugar em um esvaziamento de valor narcísico de sua imagem, cedendo esse espaço para outra geração.

Os arranjos os quais o sujeito organizou para enfrentar o real tendem a desmoronar, de modo semelhante a muitos dos seus ideais. Nesse sentido, apesar das perdas não se consolidarem como um corolário da velhice, estas se apresentam de modo mais constante a partir de certa idade, exigindo dos sujeitos elaborações para a construção de outros ideais (Siqueira, 2007). Frente a isso, as narrativas dos sujeitos da pesquisa aproximam-se de uma identificação com a velhice nas referências às mudanças e perdas inevitáveis que os tomam: “*É a gente não é mais como era né, não adianta... a idade vem é o mesmo que um carro velho, vai estragando, arruma uma coisa, estraga outra, e vai indo... (risos). (E2,71,M).*

Quando eu era nova eu não tinha dor, de vez em quando eu tenho dor aqui, dor ali né. Levanto já com uma dor na coluna, dor na perna, quando eu era nova, mas credo, eu digo pras minhas filhas assim era cheia de amor pra dar... Mas como que a gente vai se compara né, agora já passou aquele tempo. Já passou (E9, 76, F).

Assim, apresenta-se uma vida que passa a ser marcada por modificações vistas como naturais do desenvolvimento e exigem do sujeito outra forma de se relacionar consigo e com o mundo. Traz em cena um corpo que não tem mais a mesma maestria e velocidade, é perpassado pela dor e, muitas vezes, pela perda de uma saúde anterior, de atividades que cumpriam uma rotina ao sujeito. Perde-se então um corpo novo, de forma que o corpo real traz os seus reflexos, comunica as suas vivências e os investimentos que realizou no mundo externo. Diante disso, fazem-se presentes repentinas quebras nas identificações e súbitos abalos na vida do sujeito, os quais podem causar efeitos e manifestar uma desestabilização da unidade imaginária do eu (Castilhos & Bastos, 2015). Efeitos esses que expõe o temor de se deparar com aquilo que subjetivamente retrata a perda dos contornos do que o sujeito é. Assim, uma barreira de afeto pode o impedir inicialmente de explorar o que borra os limites da identidade constituída até então, da fronteira que o distingue dos demais.

Na percepção da velhice, essa advém como um acontecimento, no qual o sujeito é lançado a um vazio de sentidos em meio ao que já existia para si e o novo que se impõe, indicando que não cabe mais nos discursos identitários que antes lhe eram destinados e ao

espaço representacional construído. Dessa maneira, exige-se do mesmo que busque novos significados para compreender e sustentar o que acontece consigo (Abrahão e Mehry, 2014).

Em síntese, o ser humano vivencia um estado de constantes mudanças, adaptações, que demandam novos sentidos a sua própria existência, e a ressignificação e desconstrução de uma fase e identidade anterior (Farber, 2012). As passagens de uma condição para outra, muitas vezes, não são percebidas a priori, bem como não são realizadas reflexões conscientes acerca das mesmas, sendo vivenciadas de modo a assimilar os impactos no seu cotidiano. No entanto, algumas mudanças que implicam passagens sobre um sujeito, demandam do mesmo uma reorganização de sentidos e de projetos e vida. Passagens essas que expõe a transitoriedade da vida e que para serem apropriadas pelo sujeito necessitam de uma reflexão.

A reflexão evidencia o encontro com o processo de luto, diante do qual é possível assimilar o caráter transitório da vida, reconstruindo-a simbolicamente (Pinheiro et al., 2010). Vale destacar que, com a percepção da interrupção da imagem e da vida habitual, dá-se início a um luto antecipado, já que o sujeito passa por uma série de perdas em virtude do processo de envelhecimento. Trata-se de um luto diante de perdas simbólicas que decorrem do tempo e que dizem respeito à perda de um papel assumido no ambiente familiar e social, da rotina que se mantinha até então, bem como de uma estrutura física e comportamental.

Conforme Parkes (1971), o luto pode ser compreendido enquanto uma transição psicossocial, sendo este processo uma emoção que nos dirige a algo ou alguém que nos falta. Cada indivíduo experimenta o luto de modo único, considerando as vertentes das perdas e dos ganhos. Modificações bruscas que decorrem ao longo da vida, condizem àquelas que presumem uma reestruturação e reorganização das concepções de mundo, dentre as que prosseguem no tempo e as que decorrem em um curto período, de modo a não tornar possível uma preparação anterior.

A busca por uma realocação no campo do outro e a reedição de uma identidade, aparece na velhice por meio das tentativas de encontro e de elaboração das perdas. Nessa ordem, exige-se olhar o passado, se ater ao discurso e investimentos do sujeito ao que foi perdido e as possibilidades de integração da sua história ao presente e futuro.

Passado, presente e futuro: O fenômeno da velhice diante dos três tempos

As construções identitárias correspondem à relação com um passado. O sujeito e a sociedade edificam suas narrativas de auto-percepção, por meio das quais se constrói um sentido de identificação, exclusão e pertença, apresentados por um limiar que autoriza e sanciona a entrada do sujeito. Identidade e memória se autodeterminam, a essência de uma identidade individual ou grupal, um sentido de semelhança no decorrer do espaço e do tempo, se sustenta pelas recordações, sendo assim, o que é lembrado fixado pela identidade que se assume (Souza, 2014). O sujeito se identifica com aquilo que conhece, ou seja, não apenas aquilo que vivenciou, mas o que imagina através do que foi transmitido a ele, desse modo, não há um conhecimento e identidade sem as suas recordações.

Em especial na velhice, a memória assume um papel de destaque, através das reminiscências vinculadas ao passado é possível que o sujeito idoso preserve uma identificação, ou seja, uma forma de se afirmar e encontrar no mundo, de modo a articular o passado com as mudanças e possibilidades do presente, bem como reconstruir a sua história libidinal (Goldfarb, 1998). Atualiza-se o passado por meio das lembranças, nos (re)contos das cenas, onde se escrevem suas histórias, sendo que reviver o passado, torna-se uma via importante por meio da qual se sustentam os investimentos na vida. Esta lembrança do que um dia se foi, torna-se uma via usada no objetivo de um enlace com traços do ideal de eu (Mucida, 2017).

Eu agora me esqueço muito. As minhas filhas se queixam que as vezes eu digo alguma coisa e as vezes eu esqueci do que disse, não tudo. Mas o que já passou eu não esqueci mais. Aí deixa eu te contar que a gente tinha... (retrata cenas da sua infância e juventude) (E6, 86, F).

É, a minha, como que vou te dizer a minha infância e adolescência ela foi muito sofrida, porque eu morava no interior, não tinha recursos, minha família era pobre também, então foi mais. Naquela época a gente sonhava em crescer. Foi indo, estudei um pouco... Vim pra universidade, fui removido daqui. Dai eu comecei também, como diz o outro, me aposentei como diretor... Aí ta quando me aposentei digo agora trabalho não quero mais, não podia mesmo né, por causa que me aposentei por invalidez, tempo do serviço.. Entrevistadora: sim, e depois, como passou a ser a tua vida, como é agora? - (Silêncio extenso). O que tu pensa com relação a ser idoso/ a essa fase da vida. - (Silêncio extenso) O que eu posso dizer... Eu já passei dos 70 né, então... Tive essas coisas. Tenho 73 anos, tive problema de saúde... (E4, 73, M).

Conforme a fala de E4, a vida se apresenta enquanto uma analogia a uma montanha russa, onde há um progresso, se “sonha em crescer” e o regredir implícito no seu silêncio e na ausência de um discurso a partir da idade, do envelhecer. Beauvoir (1990) questiona qual o auge e, ou ápice da vida de um sujeito? Nessa referência a velhice e a idade surgem como um ponto que pode passar a provocar um “decréscimo” da vida, de não ter mais o que aprender, ou

se reinventar daqui pra frente. Associa-se a isso a ideia da saúde, a qual se vincula como algo que passa a decair. Nessa ideia, parece ausentar-se uma narrativa sobre o que dizer de si, sobre sua experiência atual de vida, como uma finalização no seu discurso, na sua história.

No transcorrer do seu desenvolvimento, o sujeito se auto-interroga e reflete sobre si e sobre o seu presente, vinculando a sua narrativa a uma trajetória do passado (Cooley, 1974). No entanto, percebe-se que o presente e a identificação com a fase atual decaem no vazio de um discurso. As demais fases da vida e o seu passado, são geridos por memórias claras e uma história, porém o presente e situações atuais passam a ser esquecidos, de forma que demonstram não possuir mais um valor significativo para depositarem energias nos mesmos. Desse modo, ao indagar-se sobre o presente, sobre a velhice, a resposta não possui, muitas vezes, uma fala, predominando o silêncio, que impõe um mal-estar daquele que expõe o vazio do presente para aquele que recebe a sua escuta. A discursiva sobre a sua história apresenta-se vinculada aos detalhes e as lembranças de uma infância, adolescência e adultez, até onde haviam por concreto vivências valorizadas e importantes na sociedade, como o trabalho e o estudo.

Os recontos e detalhes do que foi vivido tornam-se o centro da narrativa dos sujeitos da pesquisa. Apresenta-se nessas memórias uma atenção maior e investimento do sujeito. Isso compactua com a ideia do processo de luto, no qual o sujeito precisa retirar a sua libido do mundo externo e deter as energias para si e para suas lembranças, referentes aos objetos perdidos e o que se perdeu com esses (Freud, 1915). Assim, um vazio no discurso que condiz ao tempo atual, pode remeter a uma busca de elaborar as mudanças que tocam a si e as suas relações, bem como a sua própria inserção na sociedade, presente em uma modificação na sua forma de estar no mundo.

O mundo atual e a sua dinâmica, apresentam-se por muitos idosos como um lugar difícil de se incluírem. Em uma constante revisão e comparação das formas da vida ser vivenciada hoje e antigamente, demarca-se um posicionamento diferente que surge através das lógicas do “Meu tempo”: (...) *No meu tempo a gente caminhava a pé, 3,4 km, pra ir na escola... Eu comecei ir na escola com 6 anos, com 8 anos eu sabia a tabuada na ponta da língua... (E1, 78, M).*

Olha eu acho que antigamente a vida era muito melhor que a de hoje, porque o que tu vê hoje, liga esse jornal aí é só roubo... Antigamente não existia isso aí, antigamente se respeitavam, não sei... era outra coisa, hoje ninguém mais respeita ninguém, brincadeira... Olha, claro que antes era muito melhor que hoje né, do que ta essa vida aí. (E2, 78, M).

Nas narrativas presentes, denota-se a comparação das formas de viver hoje e antigamente, as quais demarcam uma diferença na posição de experiência e conhecimento do sujeito idoso, através da própria oratória a respeito do que é “melhor” para a realidade. Apropriam-se de uma forma diferente da vida, de se colocarem no mundo, possuindo como identificação de ser e estar, um modo do passado, não mais regente nos laços atuais. As mudanças sociais da forma de se relacionar parecem ferir a identidade desses sujeitos, de como concebem a sociedade e as suas manifestações através das relações. Sentem-se assim, desencaixados do mundo atual, sendo esse composto por pensamentos que divergem do mundo que para eles é o ideal.

Isso pode se retratar, uma vez que não coincide com a lógica de relação que aprenderam e, por isso, não conseguem se identificar, buscando mantê-la distante, como algo negativo, para sustentarem a sua forma de compreensão e identificação com o mundo. Dessa maneira, rompe-se um mundo que conheciam, e surge a ideia de serem estranhos frente a esse novo mundo (Figueiredo, 2011).

A partir dessa associação do passado e presente, os sujeitos idosos asseguram uma posição de saber em relação à vida. Ao possuir uma visão mais completa do mundo, uma vez que viveram “mundos diferentes”, concedem um conhecimento que pode ser passado para os indivíduos, como algo importante a ser transmitido: “(...) *Tu vai comparar antigamente com hoje, não tem... Tem certas coisas que houve avanço demais até né, até acostuma mais mal... Desculpe gurias (entrevistadoras) eu to conversando com vocês, mas eu to querendo dar aula pra vocês (E1, 78, M)*. Percebe-se que um suposto saber da experiência apresenta-se como um traço de identificação importante ao sujeito idoso, posicionando-o em um lugar valorizado. Todavia, no tempo presente, muitas vezes, o posto de sabedoria do idoso e da transmissão de valores decaí a outro extremo, onde se nega o seu conhecimento e pensamento colocando-o no outro, o qual anula a história do indivíduo e as verdades construídas ao longo da vida em prol do novo (Lima, Viana & Lazzarini, 2011; Mucida, 2017).

Muda muito. É o tratamento, o pensamento. Talvez eles tem razão né, porque eles não conheceram o passado, conheceram o futuro bom, agora né. Então quando eles vêm querendo te agredir e falar, a gente tem que perdoar e dizer a isso aí não é do nosso tempo. Porque se tu fala o que nos passemos na minha época, ninguém acredita (...) É difícil tu achar uma pessoa que te entenda. Porque hoje a história é diferente, o que passou passou, isso já era. Esquece o passado o passado não existe mais... (E6, 86, F).

Porque hoje em dia eles não tratam bem as pessoas velha. E eu vejo muitos casais novo, tão conversando e tem uma pessoa velha, eles nem dão bola, até viram a cara pra não

conversar, eu sinto isso. Não dão bola, por serem jovem. Querem conversa com outro jovem como eles né, eu acho. Não vem mais como alguém que passa conselho. Tem jovem que nem aceita conselho que tu quer dar.... De não querer ouvir né. (E9, 76, F).

Eles são revoltados. Pessoa mais velha precisa de uma atenção, conversar coisas diferentes né. Os jovens também não gostam dos velhos, porque os velhos não tem coisa nova né. Os novos têm coisas novas pra algum contar pro outro, então não gostam de andar só com os velhos. Uma coisa diferente, eles não são do antigo né, eles são das coisas nova, os velhos não vão atrás de coisas nova né, eles tão la naquele carreiro dos velhos. Novo que tem valor, mas não querem, eles querem coisa nova e nos não entendemos as coisas nova, um pouco entendemos... Eles também sabem muita coisa, nos que não soubemos... (E10, 79, F).

Segundo E6, sua história de vida não é vista, compreendida e considerada nas relações atuais. Nesse presente, muitas vezes, supõe-se que o seu discurso e história não tem valor e espaço. O império da juventude nas relações expõe a dinastia do novo em que vive a sociedade, priorizam-se as relações que expõe o caráter da agilidade e do novo. Como uma forma de defesa deste novo na velhice, busca-se o enlace com os hábitos, sendo que a rotina e forma de pensar traz segurança e sustenta suas referências em relação ao mundo (Manjabosco, 2014). Com isso, fora do tempo atual, da rapidez exigida por esse, e das relações que interpõe o novo, o consumo e mercado de trabalho, desvaloriza-se o seu saber e inserção na sociedade, e a velhice tende a vivenciar o desamparo (Mucida, 2009).

O passado rodeado de pessoas, de figuras que olhavam com prazer e carinho para o sujeito contrasta com o presente sentido mais solitário, no qual os filhos saem de casa, constituem outras famílias. Segundo Neri (2006) na teoria de desengajamento social reflete-se o movimento realizado da sociedade para com o sujeito idoso e vice-versa. Ao mesmo tempo em que a sociedade se afasta do sujeito que se encontra na velhice, esse se afasta dela, como um requisito para a estabilidade social. Dessa forma, confirma-se a ideia de que os adultos e jovens seguem a vida e o idoso é “afastado”, sendo isso visto como algo natural para o individuo construir sua vida.

As vezes tem pessoas que saem de casa e se esquecem dos avós... vão embora, estudam, vão embora, vão trabalhar... então não da pra cobrar muito deles né... então tem, acho que isso o idoso enfrenta hoje né, dos netos, as vezes dos próprios filhos né, estudam vão embora e depois ficam sozinhos né... é ruim isso, pra quem é idoso é ruim... (E1, 78, M).

É hoje eu acho que muitas famílias pegam e botam os velhos pra... não ficam em casa cuidando dos filhos né. Tem famílias aí que o pai fica velho ou a mãe, pegam e botam lá pra um asilo lá e pagam uma mensalidade e acabou (E2, 71, M).

Segundo Jerusalinsky (1996), no envelhecimento decorre de forma inevitável o afastamento e, até mesmo, o falecimento de pessoas que conviveram com o sujeito idoso, que eram capazes de escutá-lo, tendo em vista que vivenciaram um “mesmo mundo”. Hoje, quando há uma escuta, depara-se a ausência de uma compreensão do outro. Há um ensudercimento da palavra do sujeito idoso e, assim, pode haver a passivação do mesmo enquanto uma defesa a ineficácia de suas ações e buscas por ser escutado (Lima, 2011). Isso compactua com a interpretação dos participantes da pesquisa, de que o idoso é, muitas vezes, esquecido e exposto à solidão na sua velhice.

A partir da mudança na constituição dos vínculos sociais, os quais passam a perder sua significação e serem espaçados, pode-se levar a perda de um dos fundamentos principais da identidade do sujeito, a historicidade. Dessa maneira, as noções de temporalidade e história têm sido substituídas pela ideia do lugar que o sujeito ocupa no cenário existencial, de prestígio ou desvalorização (Birman, 1997). A perda desse fundamento ocasiona a quebra do sentimento de continuidade temporal, o que reflete na instituição do sentimento de vazio e pode direcionar o sujeito idoso a um desinvestimento da realidade e do mundo (Goldfarb, 1998).

Nessa dialógica, teme-se na velhice a perda do desejo, do investimento libidinal, bem como a finitude (Farias, 2015). Sendo assim, o sujeito velho lançado ao passado, passa a reviver as suas lembranças, mas, muitas vezes, sem possibilidades de vincular com o presente e de se imaginar no futuro. Ademais, a contínua associação da velhice com a decrepitude, remove a possibilidade do idoso elaborar um projeto de futuro possível (Lima, 2011).

Diante de um presente no qual não se consideram protagonistas e valorizados, há reflexos no discurso acerca de um futuro, muitas vezes, sentido como minimizado. Dessa maneira, o principal fantasma do sujeito passa a se encontrar no futuro, sendo que esse demonstra estar restringido a uma mínima expressão (Jerusalinsky, 1996):

Eu não vou alcançar né. Eu já to no fim da gaita. Entrevistadora: E o futuro mais próximo? - Eu não sei o que que vai ser. O meu... vai se levando, não sei o que que vai acontecer, não sei o que que tá pela frente da vida da gente (...) eu não tenho mais planos né, só de Deus... Mas que plano eu vou fazer? (E2, 71, M).

Acabou aqui, não adianta. O J (marido) queria montar um quarto aqui, uma área e forrar, e eu disse não, não vou. Porque se eu vou gastar aqui, vou forrar... vou ter que pagar quem faça, amanhã depois eu morro... (E3, 78, F).

(Silêncio), não penso muito assim no futuro. Meu futuro ta curto né (risos), eu acho... a lei da vida é isso né. Entrevistadora: mas digamos tu pensa, pra esses próximos dias... – Não penso, só essa semana eu tenho dois netos em SC (cidade), dependendo da pra passar pra ver eles. (E4, 73, M).

Frente aos relatos, percebe-se que há idosos que não estruturam expectativas quanto ao futuro, como uma ideia de conformação diante do envelhecimento e aceitação forçada da consciência da finitude. Busca-se um futuro que permita mais tempo de vida, mas esse advém enquanto um mistério, havendo assim certo receio em ater sua atenção a ele. A escassez de planos e pensamentos quanto ao futuro, retratam o caráter incerto e próximo que a finitude impõe na velhice (Silva & Fixina, 2018).

O futuro enquanto uma suposição onde residem as esperanças do sujeito, suas expectativas e sonhos, no entanto, também, presencia a morte, sendo natural a demonstração de sentimentos confusos em relação à futuridade. Muitas vezes, os sujeitos idosos têm noções de futuridade que visam a organização das suas experiências, todavia, não demonstram propensão a se ver no futuro, sendo que nesse, reside a finitude (Iack, 2005). Dessa maneira, o futuro pode compor a antecipação do indeterminado, que traz sentimentos de temor, insegurança e angústias frente o desconhecido.

É a lei eu acho da vida, quanto mais velho mais se preocupa né....Porque eu sei que pela lógica eu tenho bem menos tempo de vida do que vocês. Pela questão do tempo, então acho que tem que se preocupar mesmo (...) Mas tu tem que te preocupar com isso aí, com essas coisas assim, mesmo pela tua família né. Tu sabe que se um dia tu faltar (...) (E8, 71, M).

A energia e vitalidade acerca do futuro descentralizam-se do sujeito, retomando quando o assunto torna-se a família, quando é centralizado no outro, de forma que o mundo externo torna-se mais interessante que o mundo interior. Segundo Barbieri (2013) o sofrimento que perpassa o luto encaminha um desinvestimento e desligamento do mundo e de si mesmo. A preocupação, o medo, tornam-se uma resposta diante das inquietações de um futuro, tendo em vista a ameaça que decorre o não saber de si diante do tempo. Dessa forma, o futuro e problemáticas desconhecidas trazem a angústia aos idosos, sendo fontes desencadeadoras de mal-estar (Iack, 2005).

De encontro a isso, percebem-se em algumas discursivas que existem modos alternativos de enfrentar o tempo e resgatar um lugar e significado à própria existência (Lima, 2011). A morte no seu caráter da imprevisibilidade, não é própria à velhice, sendo que olhar

para as perdas pode retratar as possibilidades de reinvestir na vida. Mediante a realidade das perdas compostas na velhice, deve-se considerar que os desejos podem ser reinvestidos e direcionados a outras fontes, tendo em vista que o desejo é sustentado pela relação estabelecida com os objetos à medida que podemos muní-los de uma rede de afeto e investir nos mesmos, não sendo medido pela idade cronológica (Farias, 2015).

Assim, encontrar novos modos de vestir o desejo torna-se essencial, sendo que para isso são necessários recursos que emanam do outro pela escuta, pelo olhar e pela voz, demandas essas que convocam o desejo (Mucida, 2017). Os lutos feitos sucessivamente pelas capacidades perdidas tem que acompanhar a reinvenção de si com o outro. Isso implica o mínimo de presença de outrem: *“Uma amiga que tenho até hoje a comadre luisa e os filhos dela. Não somos comadres. De vez em quando vou lá ver ela... e ela é uma pessoa que me ajudou muito... Ah, os vizinhos lá tudo me queria bem, eram maravilhosos, melhor que se fosse minha família”* (E3, 78, F).

A minha cunhada que mora aqui do lado, essa pra mim é tudo na vida, Deus o livre. Ela me vê doente ela larga das coisas dela e vem pra cá, e me cuidam, me ajudam no que pode a coitada. E eu aqui tenho que pedir tudo pra ela (filha), tenho que tirar uma... marcar um exame, tirar uma ficha, uma consulta. Tenho que fazer uns exames, tudo tem que ser ela que faz pra mim (E5, 72, F).

Diante de figuras importantes na vida dos sujeitos idosos, como vizinhos, amigos e familiares, permite-se um amparo e estrutura para os momentos difíceis, que auxiliam os mesmos a reestruturarem-se frente às rupturas que incidem sobre suas vidas. As elaborações das perdas e o apoio social cumprem um papel de estruturador do desejo e da reinvenção do sujeito na velhice. Desse modo, a velhice pode proporcionar novas invenções de si: *“Mais tempo com família, mais tempo pra fazer novas amizades, mais coisas assim. A velhice traz. Antes tua vida é corrida, não tem tempo pra essas coisas. Hoje não tu senta ali na frente de tarde e fica ali, passava um conhecido ficava de papo.”* (E8, 71, M).

Novas atividades de lazer e interações sociais são permitidas na velhice, através da construção de novas demandas a esse público. Assim, criam-se os grupos de terceira idade, através das viagens, de reuniões nas igrejas, danças, aspectos que abrem espaço para a construção de novos vínculos sociais e uma identidade do ser idoso. Isso fornece o amparo e a presença de outros, retratando a possibilidade da reedição de laços. Grupos esses que também podem assumir o caráter de permitir a elaboração dessa fase da vida por meio da troca de experiências (Almeida, Moreira, Araújo & Pinho, 2005; Martins, 2010; Rizzolli & Surd, 2010).

(...) Esse da terceira idade, nos aqui da igreja católica, nos vamos sempre quando a dona A. e dona I. fazem excursão, nos vamo com elas. É da terceira idade. É bem bonito e elas são muito atenciosas com as pessoas, e é só pessoa idosa. É muito bonito... E, é muito bom, porque eu saio assim, antes eu não saia né. Ai meus filhos assim, as vezes saem vão viajar, ele me leva junto, aí eu vou assim com ele (E3, 78, F).

Novas possibilidades de se reinventar frente à velhice, de ocupar novos espaços, munir as relações de novas formas e sentidos, acarretam sentimentos de autonomia e liberdade conquistados por essa fase da vida, bem como, de possibilidades de gerir um maior tempo e atenção para as suas relações. Investir em novos relacionamentos faz parte do processo de enlutamento das perdas simbólicas nesta fase da vida, e auxilia o sujeito na continuidade à sua vida após as perdas. O que é perdido pelo sujeito nunca está fora da sua vida, das identificações criadas no decorrer da mesma, mas precisa ser realocado em um lugar onde possa ser lembrado, de forma simultânea a deixar espaço para o sujeito seguir com a sua vida e estabelecer outros sentidos e relações para a mesma (Jerusalinsky, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presença da angústia e do desconhecido que a velhice impõe nas suas perdas e novos arranjos relacionais, cada sujeito precisa contar com os recursos subjetivos que possui para elaborar as suas vivências. O sujeito, desde o início da vida, necessita de uma sustentação e olhar advindo do outro. Na velhice, onde já existe uma identidade integrada, o sujeito é exposto a angústias no contato com as perdas simbólicas, que atacam o seu contexto social, afetivo e físico, transformando a sua identidade e, assumindo o outro significativa importância para contornar os novos desenhos deste sujeito.

Para muitos sujeitos torna-se uma tarefa difícil reinventar a vida após certa idade. As perdas que se apresentam na velhice, expõem uma nova realidade ao sujeito, na qual muitos ideais e sonhos desmoronam, o que passa a demandar a construção de novas concepções de vida e identidade, de forma a exigir novas representações e sentidos a sua existência.

Percebe-se que a velhice se encontra como uma fase de difícil identificação, levando em consideração o peso cultural que o olhar do outro direciona ao envelhecer, sendo apropriado pelo sujeito a ideia de ser idoso como se assumir sem serventia e se apagar diante da vida e das relações. No entanto, as aproximações de uma identidade frente à velhice fazem-se possíveis por meio o encontro com as perdas de um corpo que não compõe mais a mesma maestria e de

uma saúde que não comporta mais o estado anterior, o que exige representações ao estatuto do novo que surge na velhice.

Na busca de apropriação destas vivências e da continuidade de uma identificação que rege suas vidas, sua forma de estar no mundo, grande parte do discurso e das histórias dos sujeitos idosos são vinculadas ao passado, um tempo seu, que não compactua com o atual. O passado apresenta-se como uma fonte significativa de identificação para o sujeito idoso, no qual se considera um momento de crescimento, em que se regiam funções valorizadas socialmente e haviam relações onde o sujeito era escutado e incluído. Já o presente passa a expor duas faces frente a predominante ausência do outro versus algumas presenças que permitem amparo a vivência e reinvenção de si na velhice. Nesse seguimento, o futuro passa a ser algo, muitas vezes, não visualizado pelo idoso enquanto próprio, em função de compor um mistério e expor a temporalidade e a aproximação da finitude. Com isso, não se investem em planos para si mesmo no futuro, sendo eles unicamente vinculados à família.

Nessa linha, a união passado, presente e futuro, fica de algum modo dificultada na experiência dos idosos, tendo em vista que hoje suas narrativas, muitas vezes, não conseguem encontrar um espaço para serem atribuídas de um sentido. No entanto, percebe-se a possibilidade de se reinventar na velhice e de inscrever o desejo em novas relações, novas atividades e inclusões em grupos, os quais assumem o caráter de liberdade e autonomia ao idoso. Espaços esses que passam a ouvir a história do sujeito idoso, a compartilhar as suas vivências com seus pares, auxiliando na reconstrução da sua identidade.

Como limitação do presente estudo, coloca-se a participação de um grupo social delimitado, o qual retrata um recorte das narrativas presentes na velhice. Percebe-se que, como ponto positivo oriundo da pesquisa, essa permitiu voz às histórias dos idosos, de forma a considerar os afetos e interpretações desses indivíduos sobre a vida e o mundo. Isso ocasiona a possibilidade de expressão dos seus lutos, permitindo a construção de uma narrativa e respeito às suas vivências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrahão, A. L., & Mehry, E. E. (2014). Formação em saúde e micropolítica: sobre Conceitos, ferramentas na prática de ensinar. *Interface, Botucatu*, 49(18), 313- 324.
- Almeida, M. M. G., Moreira, R. F., Araújo, T. M., & Pinho, P. S. (2005). Atividades de lazer entre

- idosos, Feira de Santana, Bahia. *Rev. baiana saúde pública*, 29(2), 339-352. Retirado de: <http://pesquisa.bvs.br/ripsa/resource/pt/lil-427589>
- Arraes, A.K., & Viana, T. C. (2007). Afeto e dor: faces do luto na obra freudiana. *Rede dos estados gerais da Psicanálise*. Retirado de: http://www.estadosgerais.org/encontro/afeto_e_dor.shtml
- Barcelos, R. H., Esteves, P. S., & Slongo, L. A. (2016). A consumidora da terceira idade: moda e identidade. *International Journal of Business & Marketing (IJBMT)*, 2 (1), 3–18. Retirado de: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/174282>
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bassora, J.B., & Campos, C. J. G. (2010). Metodologia clínico-qualitativa na produção científica no campo da saúde e ciências humanas: uma revisão integrativa. *Rev. Eletr. Enf* 12(4), p. 753-60. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i4.5804>> Acesso em: 15 ago. 2017.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, Seção 1, 2016, 10p. Retirado de: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acesso em: 10 set 2017
- Zarur, A. P., & Campos, J. L. (2015). A juventude enquanto valor na modernidade líquida. *Revista Temática*, 11(1). Retirado de: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>
- Casellato G. (2015). O Resgate da Empatia Suporte psicológico ao luto não reconhecido. São Paulo: Summus Editorial.
- Castilho, G., & Bastos, A. (2015). Sobre a velhice e lutos difíceis: “eu não faço falta”. *Psicologia em Revista*, 21(1), 1-14. <https://doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015V21N1P1>
- Cerqueira, M. B. (2017). Míticas do envelhecimento: em busca de uma vida saudável. *Ciências Sociais Unisinos*, 53(1), 148-157. doi: 10.4013/csu.2017.53.1.15
- Cooley, C. (1974). *Human nature and the social order*. New York. Scribner's
- Combinato, D. S., & Queiroz, M. de S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 11(2), 209-216. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>
- Correa, M. R. (2009). *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica. 125 p. Retirado de: <http://www.mdh.gov.br/assuntos/bibliotecavirtual/pessoa-idosa/publicacoes2009/pdfs/cartografias-do-envelhecimento>
- Daminico, J. G. S., & Santos, F. da C. (2009). O mal-estar na velhice como construção social. *Revista pensar a prática*, 12(1). Retirado de: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/4439> Acesso em: 10 set. 2017.
- Farber, S. S. (2012). Envelhecimento e elaboração das perdas. *Revista A terceira idade - Estudos sobre envelhecimento*, 23(53), p. 7-17. Retirado de: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/cd42b419-7df9-4182-8a57-4188279cf8a5.pdf

- Farber, S. S. (2013). Lutos marginais e lutos desautorizados, ritos negados e omitidos. *Protestantismo em revista*, 32, p. 3-14. Retirado de: <http://est.com.br/periodicos/index.php/nepp/article/viewFile/1119/1058>
- Farias, K. G. (2015). Tecendo o luto: implicações sobre a representação de morte durante a velhice. 4º Congresso internacional de envelhecimento humano. *Anais CIEH*, Campina Grande, PB, Brasil. Retirado de: http://www.editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV040_MD4_SA3_ID448_27082015213013.pdf
- Figueiredo, A. G. F. (2011). Crônica, identidade e transformação: os velhos e os novos tempos, por Rachel de Queiroz. *Olho d'água*, 3(2), 22-33. Retirado de: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/view/83>
- Fonseca, J. P. da. (2004). *Luto antecipatório: as experiências pessoais, familiares e sociais diante de uma morte anunciada*. Campinas: Livro Pleno.
- Franco, M. H. (2010). Formação e rompimento de vínculos. *O dilema das perdas na atualidade*. São Paulo: summus editorial.
- Franqueira, A. M. R., Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2015). O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(3), 487-497. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000300013>
- Freud, S. (1915). Luto e melancolia. In: S. Freud (Edição standard das obras completas de Sigmund Freud, vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1917 [1915]), 2006.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas.
- Goldfarb, D. C. (1998). *Corpo, tempo e envelhecimento*. Dissertação de mestrado de Psicologia Clínica, PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil, 1998. Retirado de: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/artigos/corpo.pdf>
- Hareven, T.C. (1995). Images of aging and the social construction of the life course. In: Featherstone, M.; Wernick, A. (Org.). *Images of aging: cultural representations of later life*. London: Routledge. p.119-135.
- Hoffmann, L. A. (1993). A morte na infância e sua representação para o médico: reflexões sobre as pratica pediátrica em diferentes contextos. *Caderno de saúde pública*, 9(3), p. 364-374.
- Iack, M. G. F. (2005). *O aprender a viver e a morrer na velhice*. Monografia Faculdade de Ciências da Saúde do Centro Universitário de Brasília – UNICEUB.
- Jerusalinsky, A. N. (1996). Psicologia do Envelhecimento.. Envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica. *Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba*, (20).
- Katz, S. (1996). *Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge*. Charlottesville: University Press of Virginia.
- Kovács, M. J. (1992). Representações da morte; Medo da morte; Atitudes diante da morte. In: M. J. Kovács (org.), *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 1-13; 14-27; 28-47). São Paulo: Casa do Psicólogo Editora.

- Kovács M. J. (2009). Educação para a morte. In: P. S. dos, Santos (Org.). *Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer*. São Paulo: Atheneu, p. 45-58.
- Kuschick, C. L. B. R., & Machado, F. V. K. (2016). Compre, leia, siga e rejuvenesça! Sobre os sentidos movimentados e construídos por Veja acerca da velhice ao longo de sua história (1968-2014). *Galaxia, Online*, (32), 138-150. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542016223299>
- Lima, P. M. R. de., Viana, T. de. C., & Lazzarini, E. R. (2011). "Velhice?: acho ótima, considerando a alternativa": reflexões sobre velhice e humor. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(4), 1597-1618. Retirado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000400012&lng=pt&tlng=pt
- Manjabosco, R. (2014). O desamparo na velhice. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Humanidades e Educação, Rio Grande do Sul.
- Mannoni, M. (1995). *O nomável e inomeável: a última palavra da vida*. Editora: Jorge Zahar Editor.
- Martins (2010). Os idosos e as actividades de lazer. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Viseu. *Revista Millenium*, (38). Retirado de: <http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/306>
- Minayo, M. C. S. (2011). Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 31 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Mucida, A. (2009). *Escrita de uma memória que não se apaga: Envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Mucida, A. (2017). *O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Neri, A. L. (2006). *Atitudes em Relação à Velhice: questões científicas e políticas*. In: Freitas, E. V. et al. (Org.). Tratado de Geriatria e Gerontologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, pp. 1316-1323.
- Parkes, C. M. (1971). Psycho-social transitions A field for study. *Social Science and medicine*, 5, 101-115. doi:10.1016/0037-7856(71)90091-6.
- Pinheiro, M. T. da S., Quintella, R. R., & Verztman, J. S. (2010). Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia. *Psicologia Clínica*, 22(2), 147-168. Recuperado de: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652010000200010&lng=pt&tlng=>
- Ramos, R. R. (2014). A velhice no século XXI. In: R. R. A., Ramos (Org.), Curso de direito do idoso. São Paulo: Saraiva.
- Rizzolli, D., & Surd, A. (2010). Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13 (2), 225-233. Retirado de: <https://www.redalyc.org/pdf/4038/403838793007.pdf>
- Rosa, C. M. (2014). Silêncio, exclusão e morte: o trabalho do negativo na velhice. *Polêmica*, 13(1), pp. 929-944. doi:10.12957/polemica.2014.9656

- Schneider, R. H., & Irigaray, T. Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos psicologia (Campinas)*, 25(4), p. 585-593, 2008 . Retirado de:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2008000400013&lng=en&nrm=iso
- Silva, L.R. F. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(1), 155-168. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>
- Silva, C. A. A.; Fixina, E. B. (2018). Significados da velhice e expectativas de futuro sob a ótica de idosos. *Revista Geriatr Gerontol Aging*, 12(1), p. 8-14. Retirado de: DOI: 10.5327/Z2447-211520181700081
- Souza, M. J. (2014). A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. *Revista Graphos*, 16(1), 91-117.
- Turato, E. R. (2013). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas* (6a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vilhena, J. de.; Rosa, C. M. (2016). O silenciamento da velhice: apagamento social e processos de subjetivação. *Revista Subjetividades*, 16(2), pp. 9-19. Retirado de:
<https://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.2.9-19>
- Viorst, J. (2005). *Perdas necessárias* (36a ed.). São Paulo: Melhoramentos.
- Who. (2002). *Active Ageing – A Police Framework. A Contribution of the World Health Organization to the second United Nations World Assembly on Aging*. Madrid, Spain, April, 2002.ISSN 2318-0854.

ARTIGO 02

**O ENCONTRO COM AS PERDAS NA VELHICE E A REFLEXÃO DA PRÓPRIA
FINITUDE**

**THE MEETING WITH THE LOSSES IN OLD AGE AND THE REFLECTION OF
THEIR OWN FINITUDE**

**EL ENCUENTRO CON LAS PÉRDIDAS EN LA VEJEZ Y LA REFLEXIÓN DE LA
PROPIA FINITUD**

RESUMO Intensas rupturas e reconstruções são lançadas à vida na velhice. Perdem-se figuras de afeto, além de papéis e espaços relacionais significativos à identidade do idoso, revelando o caráter finito da própria vida. Diante disso, este artigo busca abordar os significados atribuídos às perdas na velhice, bem como à própria morte. Realizou-se uma pesquisa clínico-qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, da qual participaram 10 idosos com idade acima de 70 anos, vinculados a uma Estratégia de Saúde da Família no interior do Rio Grande do Sul. Posteriormente à transcrição das entrevistas, decorreu-se a análise de conteúdo, da qual se originaram as categorias: Perdas de figuras e papéis significativos: Um vazio que se interpõe; O sofrimento silenciado: Algumas particularidades no difícil encontro com o luto na velhice; e O toque da própria finitude na velhice: possíveis representações. A morte de figuras parentais e posições sociais torna-se presente na vida do idoso e demanda desse a reconstrução e a adaptação às faltas e perdas que advém da morte de si e do outro, impondo um novo molde a uma identidade e ação no mundo até então desconhecidas, o que torna, em alguns casos, difícil a reconstrução de si. A própria morte passa a se tornar uma questão importante ao sujeito idoso, de forma a ser afastada de modo constante e, quando não mais negada, significada por diferentes sentimentos e questionamentos, os quais ganham espaço e sentido através de religiosidade.

Palavras-chaves: Perda; Luto; Velhice; Morte; Reconstrução.

ABSTRACT - Intense ruptures and reconstructions are thrown into life in old age. Figures of affection are lost, besides roles and relational spaces that are significant to the identity of the elderly, revealing the finite character of life itself. Therefore, this article seeks to approach the meanings attributed to losses in old age, as well as to death itself. A qualitative, descriptive and exploratory clinical study was performed out, in which 10 elderly individuals, aged over 70 years, were linked to a Family Health Strategy in the Rio Grande do Sul state interior. Subsequent to the interviews transcriptions, the analysis of content was carried out, which from the categories were originated: Losses of significant figures and roles: An empty space that interposes; Silenced suffering: Some particularities in the difficult encounter with mourning in old age; and the finitude touch in old age: possible representations. The death of parental figures and social positions becomes present in the life of the elderly, demanding them the reconstruction and adaptation to the absences and losses that comes from the death of oneself and the others, imposing a new form to the identity and action in the world, until then unknown, making it difficult in some cases to reconstruct itself. Death itself becomes an important issue for the elderly subject, in order to be far-off in a constant way and, when not denied, signified by different feelings and questions, which gain space and meaning through religiosity.

Keywords: Loss; Mourning; Old age; Death; Reconstruction.

RESUMEN - Intensas rupturas y reconstrucciones son lanzadas a la vida en la vejez. Se pierden figuras de afecto, además de roles y espacios relacionales significativos a la identidad del anciano, lo que revela el carácter finito de la propia vida. Ante eso, este artículo busca abordar los significados asignados a las pérdidas en la vejez, además de su muerte. Se realizó una investigación clínico-cualitativa, de carácter exploratorio y descriptivo con 10 ancianos mayores que 70 años de edad, vinculados a un Centro de Atención Primaria de la Salud en la provincia de *Rio Grande do Sul*, Brasil. Después de la transcripción de las entrevistas, se hizo el análisis de contenido, de lo cual se originaron las categorías: Pérdidas de figuras y roles significativos: Un vacío que se interpone; El sufrimiento silenciado: Algunas particularidades en el difícil encuentro con el duelo en la vejez; El toque de la propia finitud en la vejez: posibles representaciones. La muerte de figuras parentales y posiciones sociales se vuelve una presencia en la vida del anciano y exige la reconstrucción y adaptación a las ausencias y pérdidas que se derivan de la muerte de sí y del otro, imponiendo un nuevo molde a una identidad y acción en el mundo desconocidas hasta aquel momento, lo que lleva, en algunas situaciones, a una difícil reconstrucción de sí. La propia muerte se vuelve en una cuestión al sujeto anciano, a fin de ser alejada constantemente y, cuando no más negada, asignada a diferentes sentimientos y cuestionamientos, los cuales logran espacio y sentido a través de la religiosidad.

Palabras Clave: Pérdida; Duelo; Vejez; Muerte; Reconstrucción.

INTRODUÇÃO

A morte se apresenta como um evento que clama por significação. Com a perda de alguém importante ou de algo significativo ao sujeito, uma ferida narcísica fica em aberto, demandando a construção de sentidos para essa perda (Reis, Farias & Quintana, 2017). A morte diante do estatuto do desconhecido expõe a ausência de um controle do sujeito e retrata o seu caráter imprevisível, no que invade a vida repentinamente, muitas vezes, sem um preparo para se deparar com a mesma (Kovács, 2003). Tomados por um sentimento de impotência diante do fenômeno da morte, inúmeros temores e incertezas tocam o sujeito no seu encontro.

Como um tema interdito na sociedade contemporânea, a morte é afastada dos rituais e diálogos ao entorno de si, de modo a ser calada e retirada dos circuitos relacionais, do caráter público e do compartilhamento social que um dia possuiu. Para Áries (2017) a morte é atribuída de um sentido dramático por meados do século XVIII, quando o mundo ocidental passa a romantizar a morte do outro, uma vez que este período condiz com modificações importantes na dinâmica familiar, antes concebida por laços consanguíneos e, desde então, regida por vínculos de afeição. O temor e evitação direcionados à morte do outro, passam assim a cumprir o papel de evitar o pensamento e contato com a sua própria finitude.

No entanto, a presença da finitude se faz insistente e, muitas vezes, exige uma atenção, através das perdas que tomam o sujeito no decorrer da vida, e eliciam sofrimentos e frustrações para o mesmo. Perde-se o vínculo com alguém, com algo que até então regia sentido à vida do indivíduo, como por meio da perda de entes queridos, de amigos e, de situações que passam a impor certo rompimento, como a aposentadoria. (Kubler Ross, 2008). Diante da morte de ordem real e simbólica, perdem-se identificações e partes do indivíduo que foram projetadas no outro e, assim, dá-se abertura a um sentimento de vazio e incompletude (Eizirik, Candiago & Knijnik, 2001).

A velhice em especial consiste na etapa da vida na qual a morte se transforma numa questão recorrente e importante, desde o que concede à proximidade temporal, à representação social, bem como à presença das perdas de forma repetitiva na família, na vizinhança, nas redes de amizade, atingindo assim a posição social e identitária que o idoso ocupava (Andrade, 2012). A morte diante do envelhecer também é vivida no próprio corpo, que experiencia um luto antecipatório, diante da sua nova realidade com limitações e impedimentos de trabalhar ou

ocupar-se do que desejava, além do medo de dar trabalho e morrer (Giacomin, Santos & Firmo, 2013). Essas realidades impõem mudanças nos status da vida do sujeito idoso, elucidando outra dinâmica e papel na sociedade. Nessa perspectiva, como consequência da morte, evidenciam-se, comumente, perdas secundárias, de ordem simbólica (Parkes, 1998).

Resultante do encontro com a perda, o luto é perpassado pela busca constante de sentidos, desde o caráter da prática, no questionamento de como a morte ocorreu, ao âmbito relacional, com perguntas que indagam quem é o sujeito agora, que não é mais esposo, filho, irmão, etc. Além disso, o nível existencial ou espiritual, indaga os porquês e as explicações a uma figura divina (Neimeyer, 2011).

No que concede Parkes (1998), o pesar global de uma perda pode ser identificado por alguns pontos, como o estigma e a privação. Como estigma compreende-se a modificação da atitude da sociedade direcionada ao sobrevivente, enlutado, como por exemplo, frente à morte de um cônjuge, a viúva torna-se marcada por essa perda, a qual assume posição central na sua identidade. No que se refere à privação, entende-se que consiste na ausência do sujeito perdido ou do que este oferecia e cumpria como papel ao enlutado. Dessa maneira, o sujeito pode reagir à perda e às privações que desta são provenientes, de modo a buscar uma reorganização frente à nova realidade.

Nessa perspectiva, a elaboração de uma perda perpassa a vivência singular do encontro com a falta, bem como se defrontar com a esfera social. Assim, além de um processo subjetivo e individual, o luto condiz a um processo social e relacional, em que, frente à morte, encontra-se a sociedade e demais sujeitos envolvidos e que sofrem com a mesma (Bittencourt, Quintana & Velho, 2011).

Nesse âmbito, é importante destacar a imposição de lutos solitários, frente a recorrente minimização de reflexões e os espaços de compartilhamento social acerca da dor e do sofrimento de uma perda, acarretando, muitas vezes, a não validação dos sentimentos do indivíduo enlutado (Färber, 2013). Doka (2002) retrata que a sociedade passa a estipular normas implícitas ou explícitas de como, quando, por quem e onde se enlutar, ocasionando assim, um não reconhecimento das singularidades dos lutos e um conseqüente silenciamento desses. Nessa ordem, passa-se a fracassar no que condiz ao respeito social ao enlutado e a sua dor, bem como aos seus esforços para ressignificar a vida durante e após uma perda (Casellato, 2015).

Nesse sentido, exclui-se o direito de se enlutar àqueles sujeitos cujas perdas são consideradas insignificantes ou aos que não apresentam “capacidades de se enlutar”. Desse modo, o suporte social necessário para a vivência e elaboração do luto perde espaço,

instaurando-se um isolamento e silêncio em resposta à angústia e a sua expressão (Kreuz & Pereira Franco, 2017; Casellato, 2015).

Frente à ausência de significados que a morte impõe, os sujeitos lançam-se na busca destes, segundo sua estruturação psíquica e o contexto que a perda ocorre. Observa-se assim, que a busca de sentido, muitas vezes pode ir em direção à religiosidade, compondo essa o lugar de um outro que não escuta (Reis, Farias & Quintana 2017). Conforme Quintana (1999), a religiosidade pode conceder um aparato simbólico que auxilia no preenchimento do vazio e da ausência de explicações, além de confortar as angústias do sujeito.

Nessa intersecção, o presente artigo elucida o movimento dos sujeitos idosos na busca de se reorganizar frente as perdas significativas às suas vidas, como a perda do cônjuge, dos pais, irmãos e demais vínculos de afeto, além da tentativa de preencher a ausência de sentidos, diante da aproximação de reflexões da sua própria finitude. Desse modo, foram trabalhadas no artigo algumas temáticas que condizem com o cerne da discussão e que aparecem de modo constante nas narrativas e, principalmente, dinâmicas dos idosos. Com isso, se consolidará a apresentação das categorias na discussão dos resultados.

METODOLOGIA

Desenho do Estudo

Esta pesquisa contempla um estudo clínico-qualitativo (Turato, 2013), de cunho descritivo e exploratório (Gil, 2002). Em referência ao caráter descritivo, retrata-se que seu objetivo consiste na descrição das características de determinado fenômeno ou população. Quanto às pesquisas exploratórias, consiste na busca de um conhecimento mais aprofundado acerca do objeto investigado, familiarizando-se e buscando descobrir significados, bem como uma diferente compreensão de uma situação problema.

No que condiz à metodologia clínico-qualitativa, essa corresponde a um refinamento das metodologias qualitativas genéricas das ciências humanas, tratando-se de um estudo teórico de um conjunto de técnicas, procedimentos adequados e métodos científicos para interpretar e descrever os significados e sentidos atribuídos aos fenômenos da vida do sujeito, seja ele um paciente, ou outro indivíduo participante dos settings de saúde, como profissionais, familiares e a comunidade (Turato, 2013). Buscando direcionar a sua atenção ao campo do binômio saúde-doença, os pesquisadores frente a essa abordagem metodológica utilizam referenciais teóricos no âmbito da interdisciplinaridade.

Como pilares do método, encontram-se a) uma atitude existencialista, a qual condiz com a valorização da ansiedade e angústia do sujeito, b) uma atitude clínica, que busca o acolhimento dos sofrimentos do participante, propiciando uma escuta, e c) uma atitude psicanalista, que direciona o pesquisador a uma ação de acolhimento das ansiedades e angústias do participante, usufruindo de concepções advindas da dinâmica do inconsciente na construção e aplicação dos instrumentos da pesquisa, bem como na discussão dos resultados. A pesquisa ocorre no ambiente natural do sujeito e demonstra-se favorável para problemáticas que partem de questões íntimas, bem como, de uma verbalização difícil a partir da ótica do sujeito do estudo (Turato, 2013). Consideram-se como objetos de análise as trocas mobilizadas na relação construída entre o entrevistado e entrevistador, desde o primeiro contato, além da linguagem corporal dos mesmos e dos ditos e não ditos compostos nas suas expressões.

Participantes da pesquisa

Na presente pesquisa, participaram dez sujeitos com idade acima de 70 anos, sendo essa idade escolhida tendo em vista o corte social que decorre a partir da mesma, como por exemplo, através da aposentadoria, bem como não obrigatoriedade do voto. Da totalidade dos participantes, seis eram do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Foram incluídos como sujeitos de pesquisa aquelas pessoas com capacidades de fala e cognição, que tinham vínculo com o serviço da Estratégia de Saúde da Família, de uma região do interior do Rio Grande do Sul. Em prol do sigilo dos entrevistados, a identificação dos mesmos será composta pela letra E e o respectivo número da entrevista, a idade do participante e o sexo F (feminino) M (masculino).

A Estratégia de Saúde da Família foi escolhida em função de ser o serviço de saúde em região que possui maior demanda com a população idosa, além de ser o espaço em que os sujeitos do estudo frequentam e realizam atendimentos, sendo assim, o meio mais fácil de localizá-los. Turato (2013) retrata que o ambiente mais adequado é o meio natural em que o sujeito da pesquisa está incluso, no qual se apresentam informações mais significativas, visto que se conservam relações e características do fenômeno.

A abordagem aos participantes do estudo decorreu de um primeiro contato presencial no serviço da ESF, no qual a pesquisadora se apresentou e retratou a proposta do trabalho aos profissionais do local, de forma a disponibilizarem os contatos telefônicos de pacientes que se encaixavam nos critérios de inclusão da pesquisa. Desse modo, posteriormente, entrou-se em contato via telefone, retratando o estudo e confirmando o interesse dos participantes. Desde o primeiro contato, levou-se em consideração a relação estabelecida entre o pesquisador e o

pesquisado, como propulsor de uma compreensão ampla dos fenômenos envolvidos no universo psíquico deste.

No intuito de delimitar o número de entrevistados, foi definido o critério de saturação da amostra, sendo que as informações já se repetiam com os dez participantes. Tal critério consiste, segundo Minayo (2011), no conhecimento adquirido pelo pesquisador de que capturou a lógica interna do grupo. Isto decorre, uma vez que o pesquisador alcança a compreensão da homogeneidade, da diversidade e da intensidade das informações necessárias para o estudo. Corroborando com isso, Turato (2013) menciona que o pesquisador fecha o grupo da pesquisa depois de as informações coletadas repetirem-se com um número de participantes, e assim, novas entrevistas passam a não ter acréscimos significativos no alcance e discussão dos objetivos propostos no projeto.

Coleta de dados

A coleta de dados foi desenvolvida no decorrer do mês de julho de 2018 a outubro do mesmo ano, sendo composta de entrevistas semiestruturadas, com questões abertas. Com o intuito de maior flexibilidade nos diálogos com os participantes, as entrevistas contaram com eixos norteadores como guias, os quais contemplavam as temáticas em pauta, como: momento a partir do qual começou a se sentir idoso; diferenças entre ser idoso e ser jovem; mudanças na velhice; relações sociais antes de se considerar idoso e após; percepções sobre a relação familiar; a perspectiva de futuro. Possibilitou-se, desse modo, que o diálogo fosse guiado por ambos integrantes da relação, permitindo espaço para que o entrevistado posicione de modo livre o conteúdo da sua resposta. Assim, permitiu-se uma absorção de novas temáticas trazidas pelo entrevistado, promovendo a ampliação das reflexões advindas da pesquisa e a abertura às interpretações do sujeito de pesquisa (Minayo, 2011).

Análise dos dados

No presente estudo, a análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, que diz da descoberta de códigos sociais perpassados no tema, ou seja, os significados, observações e símbolos oriundos a partir dos discursos dos participantes (Minayo, 2011). Assim, a técnica de análise de conteúdo, como proposta por Bardin (2010), refere à análise das palavras e das significações atribuídas a elas, promovendo um tratamento às informações contidas nas narrativas. Para o alcance de uma efetiva análise de conteúdo, as entrevistas foram transcritas na íntegra e, após, lidas e relidas a fim de encontrar conteúdos recorrentes e

importantes. Esta análise condiz com a transformação das falas dos entrevistados em unidades de análise, com o intuito da descoberta de conteúdos que estão implícitos nas ideias manifestas.

Entende-se, desse modo, que é importante seguir alguns passos para a realização da análise de conteúdo, como proposto por Turato (2013). Sugere-se inicialmente uma fase de pré-análise, na qual se realiza uma leitura flutuante do material, tomando-se, aos poucos, à consciência o alvo da leitura. Na leitura e releitura do conteúdo, assimilam-se os destaques das falas dos sujeitos e seus pontos de significação, surgindo assim a etapa de categorização dos dados. Após codificado o material, se promove os sistemas de categorias e subcategorias, que diz de alocar assuntos em relevo que tomam discussão em grandes tópicos e os demais que possuem a dependência da temática de um amplo tópico categorizado (Turato, 2013). No processo de categorização é possível considerar o critério de repetição que preconiza que se destaque as colocações recorrentes, investigando o que cada uma delas possui em comum. Ademais, pode-se categorizar através do critério de relevância, no qual não necessariamente há repetição de um ponto, mas esse é considerado uma fala rica em conteúdo e com potencial de confirmar ou refutar suposições iniciais, bem como que se constitui um ponto importante na construção dos significados dos entrevistados (Turato, 2013). Posteriormente, elaboraram-se as interpretações, relacionando-as ao referencial teórico pertinente.

Aspectos Éticos

Esta pesquisa segue os princípios regidos pela Resolução 510 de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, a qual guia a ética nas pesquisas com seres humanos em Ciências Humanas e Sociais (Brasil, 2016). Seguindo as exigências da Resolução, respeitaram-se os princípios da autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade, assegurando os direitos e deveres dos sujeitos da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado. Destaca-se que a pesquisa somente foi colocada em prática após a aprovação do Núcleo de Educação Permanente em Saúde (NEPES), e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria, sob o número CAAE: 81642117.5.0000.5346.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreende-se que as perdas podem expor inúmeras repercussões e rupturas na vida do enlutado, exigindo do mesmo que lide com a falta e construa representações acerca da sua

vivência. Na intenção de atentar às particularidades do luto quando experienciado na velhice, serão apresentadas categorias que almejam trabalhar alguns resultados destacados pelas narrativas dos sujeitos da pesquisa, sendo elas: Perdas de figuras e papéis significativos: Um vazio que se interpõe; O sofrimento silenciado: Algumas particularidades no difícil encontro com o luto na velhice e; O toque da própria finitude na velhice: possíveis representações.

Perdas de figuras e papéis significativos: Um vazio que se interpõe

A morte expõe seu caráter absurdo, uma vez que interrompe de modo violento e radical o projeto existencial do ser humano, a sua liberdade pessoal, bem como o significado até então atribuído à vida (Maranhão, 1987). Nesse sentido, de acordo com Parkes (1998), mesmo o luto decorrente de morte não é apenas um estresse e um rompimento, como pode parecer inicialmente. Em qualquer luto, a complexidade que envolve as conflitivas e vivência da falta raramente deixa claro com exatidão as representações e tudo aquilo que foi perdido. Ainda, geralmente, uma perda traz consigo outras perdas.

A velhice expõe o sujeito, recorrentemente, ao contato íntimo com a morte de figuras centrais na sua vida, como o cônjuge, os pais, os irmãos, os amigos, dentre outros, sujeitos esses que acompanharam suas trajetórias e construíram lado a lado uma relação e um encontro significativo para a estrutura do seu ser. Revela-se que a perda de figuras parentais no decorrer do desenvolvimento, toma destaque nos discursos na velhice, como um marco importante da sua história que institui o final de um ciclo do qual se fazia parte. Conceber a mortalidade dos pais, pode assim demandar do sujeito idoso, na posição de filho, uma abstração e negação, tendo em vista que o indivíduo é tomado pela identificação com os pais perdidos, o que suscita a angústia e o sentimento de desamparo (Jerusalinsky, 1996, Cocentino & Viana, 2011). Ademais, irmãos, que compuseram famílias comumente extensas, são figuras próximas e de semelhança ao sujeito idoso, possuindo um valor significativo à identificação deste. Neste sentido, as constantes perdas apresentadas nas narrativas dos participantes, de um familiar, de algum modo, borram um passado composto por esses, no qual o idoso se reconhece e reproduz uma extensão sua:

Meu pai faz anos. Depois que o S. adoeceu esse meu irmão, mais novo que eu, e a minha irmã mais velha um ano e a outra irmã que é enfermeira e tinha um terreno, morreram também faz 15 anos. E minhas irmãs, essa última morreu faz 2 anos. Minha irmã que tudo que era coisa contava pra mim, era quase gêmea... E eu achei uma falta medonha, agora fez dois anos recém (E7, 77, F)

Perdi Pai, mãe, os irmãos, com 58 anos. Depois é, fica difícil né. Muito próximo né, crescemos juntos, sempre juntos, um irmão meu né, depois meu pai, minha mãe, todos próximos mesmo... Irmão, uma coisa assim, 58 anos é novo né. O pai foi até 90, a mãe também, quem consegue ir até lá né, beleza, com saúde né (E8, 71,M).

Tenho oito irmãos homens e quatro irmãs. Bem difícil, agora pouco perdi, meu irmão tinha um que tinha 4 filhos, casados, já com netos. O outro também, foi indo... Meus outros irmãos me apoiaram. Penso nas pessoas que eu perdi né, a gente se dava tanto né, se visitava. Eram novos (E9, 76, F).

A partir dessas discursivas, percebe-se que a perda denuncia a remoção de uma parte de si mesmo, da sua história, produzindo a sensação de vazio e incompletude. Segundo Bromberg (1995) o rompimento de vínculos influencia na expressão do sofrimento, tendo em vista que situações de separações amorosas e de outras ordens de afeto tornam difícil desfazer a presença do outro em sua vida e o que foi vivenciado com esse. Isso se evidencia, uma vez que a experiência da morte de um próximo é sentida como uma imposição de uma exclusão de algo importante da sua vida e sua rotina. Essas perdas podem ocasionar questionamentos acerca da concepção de mundo, com a reprodução de um abalo existencial ao idoso enlutado. Isso possibilita margem para perceber a morte como uma ausência presente, uma trágica infidelidade, diante do desaparecimento definitivo do diálogo real com o outro. Perde-se o ser, parte da sua identidade, na medida em que ela constituía um “nós” com o falecido, munido por laços de afeição (Schumacher, 2009).

Ainda, entende-se que as perdas que são de alguma forma esperadas, tendo em vista a ordem cronológica e prevista da vida, como a perda dos pais, são assimiladas com maior naturalidade, tendo a consciência e associação do fenômeno da morte com o caráter da maior idade. Já a morte quando se apresentada em uma figura de proximidade, como um irmão ou um amigo com uma idade semelhante, passa a ser vista como um elemento estranho, que rompe com a continuidade da existência (Bittencourt, Quintana & Velho, 2011) e revela a fragilidade desta, além da difícil proximidade com a própria finitude. No entanto, mesmo a finitude sendo considerada “natural” às pessoas de mais idade e “incompreensível” no tocante aos mais novos, na sua vivência, ela pode surtir como injusta e causar dor a todos (Hanus, 2009).

Sente-se a falta de alguém que era confidente e que colocava os sujeitos idosos em um papel importante de escuta, de diálogo, de visitas que eram compartilhadas e os atribuíam um lugar reconhecido e significativo. Assim, a perda inicialmente desorganiza a subjetividade do sujeito, com um sentido de esvaziamento de si, por se tratar de um acontecimento, muitas vezes, inesperado e que retira as referências até então construídas acerca das relações e do mundo

(Silva, Carvalho, Santos & Menezes, 2007; Concentino & Viana, 2011).

Dessa maneira, perde-se um semelhante, alguém que o sujeito possuía uma identificação como um igual. Isso pode ser desenhado frente à perda de um irmão e, em especial, à perda que se evidencia através de um(a) cônjuge, a qual surge como um acontecimento marcante na vida do indivíduo, tendo em consideração que se ausenta uma figura com quem ou contra quem se (re)construiu a existência do sujeito (Giacomin, Santos & Firmo, 2013):

A perda maior que eu sinto, foi o A. (esposo) e a minha irmã, o meu esposo aquele companheiro e que me ajudou e que foi o meu amigo, aquele sim. E ele era muito bom pros filhos era uma pessoa muito honesta, uma pessoa direita, ele não devia nada pra ninguém, se ele devia ele pagava, ele era uma pessoa honestíssima, uma pessoa muito, muito. E eu também. Que eu muita coisa também aprendi com ele, que a gente conviveu junto, ele era muito honesto (E3, 78, F).

Na narrativa de E3, aproxima-se a compreensão das diversas perdas que compuseram o falecimento do seu parceiro, que representa uma falta que vai além da figura do marido, do simbolismo de um casamento, tratando-se, em especial, da perda de um companheiro, de alguém em que a participante se espelhou como exemplo no decorrer da sua vida e que a constituiu enquanto uma pessoa, com a sua característica central, a honestidade. Quebra-se assim, um espelho desse sujeito, onde via em si mesmo partes do outro, que agora faltam. Desse modo, a perda da vida de casal influencia no funcionamento do sujeito que fica, reforçando os seus componentes estruturantes e afetivos, podendo assim assumir um caráter negativo diante da “amputação” de uma parte importante de si (Ribes, 2000).

Conforme o estudo de Rubio, Wanderlery e Ventura (2011), em casamentos de longa data, a morte de um cônjuge pode marcar um enorme vazio, visto que se perde um confidente, uma amizade e uma companhia de muito tempo. Assim, a perda é percebida frente à imposição de um rompimento a um vínculo afetivo, sendo que o sobrevivente perde o papel de cônjuge, o que se evidencia em releituras da seguinte participante, quando refere ao seu antigo e único casamento:

Perdi o marido... é ruim por causa da família (...) Ao contrário vocês se enganam, tu já viu falar isso aí numa bíblia? Eu nunca tinha visto. Porque diz ele o casamento, e é verdade, tem que ter amor entre os dois, uma união profunda, tem que ter perdão (E6, 86, F).

Nessa dialógica, E6 busca reestruturar uma leitura e significado acerca da sua perda, por meio das escritas da bíblia, diante da perda do companheiro, em que o vínculo e afetividade se diluem, perde-se a vinculação com o outro, o papel de esposa, bem como o ideal de família e

dinâmica antes compostas. Nessa linha de raciocínio, ainda concede-se que, para uma mulher idosa, a qual usualmente estruturou toda a sua identidade e rotina ao entorno da relação com a família, cuidados com o marido e afazeres domésticos, como anteriormente era definido, enfrentar essa perda pode causar, um abalo intenso e desestruturador da sua identidade (Rubio, Wanderley & Ventura, 2011). Além da perda de um importante espaço que regia a vida dessas mulheres, decorre uma modificação nas relações e na presença social da enlutada. Gera-se um novo sentido a sua identidade através do seu novo estado civil.

Nesse ínterim, a morte do outro pode retratar perdas de partes do próprio sujeito enlutado, no que se furtam as projeções de si e o partilhar que foi direcionado ao outro (Eizirik, Candiago & Knijnik, 2001). Neste processo há uma morte psíquica, no qual diferentes perdas necessitam ser elaboradas, além da conjugalidade, da família idealizada, de um jeito de ser no mundo, dos bens materiais, bem como dos status na sociedade e nas inter-relações (Galicioli, Lopes & Rabelo, 2012; Parkes, 1998).

Contempla-se que, para a elaboração e sustentação da dor de uma perda, se defrontar com a lembrança possui caráter imprescindível, de modo a tornar possível reinvestir na vida e redirecionar o sujeito enlutado a outras formas de ser no mundo diante da falta. Esta é sentida nas lembranças do outro e do que o sujeito enlutado era frente a sua presença. O trabalho de luto, conforme Freud (1915) compreende a hipercatexização de cada lembrança às quais a libido está interligada ao objeto e, de forma posterior, a retirada da libido dessas ligações com o objeto perdido, empreendendo, gradativamente, um desligamento das mesmas. Tal quantidade de energia retirada do objeto perdido assume uma expressão subjetiva do luto (Amorim & Viana, 2003). Assim, ao ser elaborado o trabalho de luto, o sujeito torna-se outra vez livre para investir em outros objetos e no mundo externo. Dessa forma, primeiramente, o objeto perdido ocupa uma posição central na vida do sujeito e, aos poucos, vai configurando um espaço de “pano de fundo” (Franqueira, Magalhães & Féres-Carneiro, 2015), passando a ocupar outro estaque na sua vida, por meio da lógica da superação da perda: *Com Jesus, mas é sim superar. É um superar carinhoso né, não é de dizer superar assim que esqueci... Lembro e tenho um sentimento bom por ela (E6,86, F).*

O depoimento de E6 elucidada que nenhum sujeito que tenha perpassado o luto esquece uma relação significativa, essa continua a fazer parte do seu enredo, porém de forma a poder investir em outros vínculos e objetos (Silva et. al, 2007). Assim, as perdas tornam-se parte da retórica e do discurso dos sujeitos idosos ao lembrarem e falarem da sua vida e de si mesmos. Uma parte significativa das suas existências é marcada pelos encontros com as mencionadas

figuras de afeto, que os auxiliaram nas suas construções e formações e, que agregaram papéis e edificaram o pilar estruturador das suas identidades, demonstrando o presente como algo que precisa ser reorganizado e reestruturado sem elas. Com isso, novos ajustes na forma de perceber o mundo e planejá-lo, tornam-se necessários (Kubler-Ross, 2008):

E eu ganho só a pensão dele, que é um salário mínimo. Então eu ganho aquele dinheiro dele, administro aquele dinheiro dele e eu faço rancho, compro as coisas e ajudo minha filha. Quando ela não tem alguma coisa eu dou, e os guri dela, tem um dos guris (neto) também que vai receber comigo, eu ajudo eu pago ele (E3, 78, F)

Segundo E3 com a perda do companheiro, passa-se ao cumprimento de outro papel que antes era concedido a ele. Agora como figura central de referência aos familiares, assume a gestão financeira e serve como ponte de apoio aos netos e filhos, sendo alguém para quem esses passam a recorrer. A literatura confirma que a figura do idoso modifica-se no meio familiar. Agora identificados como avós, funcionam como um apoio desde o caráter instrumental, por meio do cuidado e do auxílio financeiro, como também emocional, de forma a serem uma fonte que os familiares buscam nos momentos de crise (Dias, 2002), o que se confirma nas seguintes falas, em que uma nova dinâmica se faz presente nas suas relações: *Eu tenho dois netos em SC (cidade), eles tão doentinho, vou passar pra ver eles e pra ficar ajudando. Levamos eles pra tudo, pra passear, nas pracinhas, se entertem (E4, 73, M).*

Domingo de manhã cedo tão tudo aqui né. Todos os domingos. Acontece qualquer coisa, eles me ligam... Também um pouco porque eu tenho os filhos e netos, tenho que participar com ele nas coisas né...Tu te envolve né, minha mulher mesmo trabalha aqui, e quem fica em casa é eu com eles, o pequeno principalmente. Tu tem que jogar com ele, brincar de carrinho. Todo dia, não tem tempo de pensar (E8, 71, M)

Sendo o sistema familiar composto de um complexo de organizações e práticas, todos os seus membros podem ser transformados e abalados devido às pressões externas e internas, como por meio das modificações decorrentes de perdas e do enlutamento de cada integrante, demandando a modificação do sistema com o intuito de assegurar a continuidade e o equilíbrio psicossocial de seus componentes (Minuchin, 1985). Dessa maneira, o idoso passa a assumir outra posição familiar na sua comunicação entre as gerações. As readaptações impostas na rotina também se apresentam, conforme E8, a partir de eventos que trazem uma ruptura a sua vida, trazendo a necessidade de administrar de outro modo o seu tempo, onde passa a ser a figura de referência aos cuidados dos filhos, bem como o esteio a rotina familiar.

Nesse contexto, as perdas oriundas do processo de envelhecimento, não necessariamente evidenciam um isolamento social. Isso se demonstra, uma vez que para grande parte dos sujeitos, perdas como a ausência da vida ativa no que condiz o trabalho, bem como a retratada viuvez, podem significar uma nova fase do ciclo de vida, o que possibilita a vivência de um viés positivo, por meio de uma ressignificação das suas experiências e crescimento pessoal:

Depois que eu perdi o meu esposo, antes não ia em lugar nenhum porque ele não gostava de sair, aí eu não ia. Aí depois que ele faleceu a primeira viagem que eu fiz fui pra C (cidade), com um senhor que faz excursão todos os anos em março. Aí minha irmã me convidou pra ir e fui, aí desde aquilo eu vou na excursão em C (cidade). Mas depois que eu perdi o meu marido, eu gosto de sair assim sim, antes eu não saía né. Ai meus filhos assim, as vezes saem vão viajar, seguido pra R. (cidade), eles me levam junto (E3, 78, F)

A perda para E3 permite a mesma viver as suas próprias vontades e desejos, visto que muitos desses, em função da relação, eram suprimidos, o que retrata um ganho nessa posição. Nesse sentido, novos lazeres e interações sociais são possibilitadas, como nas viagens da terceira idade e nos demais grupos para esse público, permitindo a construção de laços e vínculos sociais, os quais auxiliam na atribuição de significados para a velhice.

Os significados apresentados nas vivências subjetivas desses sujeitos permitem a construção de um novo sentido à existência e um novo conhecimento sobre si. Tudo isso possibilita a volta do prazer em relação à vida, que diante das perdas, desenvolve-se e cria novas formas de ação e relação com o mundo. Entretanto, percebe-se, por meio da interpretação das suas dinâmicas, que a reapropriação dos prazeres produz uma demanda intensa e complexa aos sujeitos, sendo mais difícil de ocorrer com alguns participantes, os quais não conseguem consolidar este processo, devido à dificuldade de uma elaboração do luto.

O sofrimento silenciado: Algumas particularidades no difícil encontro com o luto na velhice

Toda a perda demanda um processo de luto e este, de encontro ao que é muitas vezes interpretado, é um processo que abre novamente as vias à vida e ao desejo. A velhice torna fundamental a passagem por um trabalho de luto, e este exige uma gama de atos, rituais e palavras, particulares diante do vazio de sentido aberto pela morte (Mucida, 2009). Dessa maneira, buscar-se-á refletir na presente categoria, alguns possíveis impasses apresentados pela

fala e interpretação da dinâmica dos entrevistados, diante da construção e da vivência do luto no âmbito relacional e no que sucede as possibilidades de tecer o seu desejo e se resignificar frente a perda, em especial no universo masculino e na aposentadoria.

Leva-se em consideração que o luto se apresenta enquanto um processo e não um estado (Parkes, 1998), evidenciando-se pelo seu caráter dinâmico, variável em natureza, duração e intensidade (Franqueira, et.al, 2015). Sendo perpassado por diferentes fases não estanques, não é possível que se estabeleça um padrão de reação invariável frente à morte, uma vez que o pesar é manifestado de diferentes formas (Santos & Sales, 2011). Como um processo singular, o luto depende de fatores como: o sentimento em relação à perda, a idade de quem sofre o luto e do ser que parte, o preparo envolvido à perda, como decorreu a morte, os recursos de ordem emocional do enlutado, além da sua história singular, relação com a pessoa que partiu e a sua rede de apoio (Viorst, 2005).

Compondo a ausência de um compartilhamento social e construção de redes de apoio para lidar com o sofrimento no luto, vive-se na contemporaneidade um modelo cultural do “ser homem”, frente ao qual não é possibilitado um espaço para refletir e se deparar com a perspectiva real das perdas (Reis, Farias & Quintana, 2017). Isso se evidencia mediante o movimento de intolerância e, até mesmo, patologização da tristeza, o que expõe a ausência de um lugar e tempo para a incompletude e permissão para vivenciar a dor. De forma geral, a crescente desconsideração pelo luto formal significa que as pessoas enlutadas recebem pouco apoio da sociedade e de suas próprias famílias:

Tudo é diferente, eles (família) querem ser autoritários... Isso aí já dói pra gente né. E vem muitas frases: ‘Se tu ta mal tem outros que sofrem mais que tu’, não é certo isso, tu falar dos outros, porque cada qual tem que assumir o que é deles né. Teria que dizer ‘não mãe, mas isso aí vai passar, veio mas vai passar tu é amiga de Deus’, essas frases eles não sabem falar... Sinto a, é uma dor tão profunda que tu não queira imaginar, porque eu isso não sabia, não há um tratamento, não escutam (E6, 86).

Uma dor que não é escutada e é escamoteada dos espaços sociais e familiares, pelo olhar e comportamento do outro, corre o risco de não ser validada e de impor ao indivíduo um luto solitário e silenciado (Färber, 2013; Ducati 2013). Desse modo, E6 torna explícita a desconsideração acerca do seu mal-estar ao perceber que o outro não o identifica como importante diante dos demais. Assim, torna-se ausente uma fala esperada do outro, com uma palavra e escuta que permitissem sustentação para o seu pesar, tornando a dor ainda mais intensa. Essa ideia ainda se manifesta diante da desconsideração acerca do querer, do desejo do idoso, o que reflete em muitas destituições de sua fala:

‘A, mãe deixa de ser boba, a senhora vai morrer e não vai levar nada’; ‘a mãe, porque ta pensando nessa porcaria aí mãe, a senhora vai morrer não vai levar nada’... Eu sei que não vou levar, mas enquanto eu to aqui é uma coisa. É ou não é? Depois que eu morrer é outra. Falam isso porque eu estou velha, mas eu não sei o dia que eu vou morrer, a gente nunca sabe (E3, 78, F).

Um dizer do outro que ao mesmo tempo endereça a morte do sujeito idoso, excluí uma licença para os seus pensamentos e as suas vontades. Nessa dialógica, passa-se a ideia de que os sujeitos idosos não precisam mais deter atenção aos investimentos na vida, as suas manias e as suas vontades, desconsiderando as suas tentativas de reflexões e as suas dores. A ausência de um acolhimento e escuta ao sofrimento e ao desejo do idoso levam a retirada de um lugar necessário ao trabalho de luto e das possibilidades de restituição de um desejo no mundo. No sentido de uma resposta aos ideais que instauram uma relação asséptica com a dor, o sujeito idoso, muitas vezes, não prossegue a conversa e encurta a sua narrativa. Não há o que ser dito, porque não há uma escuta que possibilite alguma leitura e compreensão acerca das suas vivências (Castilho & Bastos, 2015).

Frente a essas barreiras sociais, o sujeito precisa sozinho buscar recursos simbólicos para se reestruturar diante das transformações e das novas composições de relações presentes na velhice (Giacomin, Santos & Firmo, 2013). Esses recursos ainda, precisam se moldar segundo as diferenças culturais a respeito de quando e como o luto deve ser expresso, sentido, comunicado e compreendido (Franco, 2010).

Torna-se importante recorrer a singularidade do luto na velhice, no que se apresenta as expressões subjacentes as regras sociais quanto ao caráter do gênero. A cultura ocidental valoriza e aceita a expressão emocional do luto, levando em consideração também a perspectiva de “ser homem” e “ser mulher”.

Linhares (2007) retrata que as mulheres conseguem entender e manifestar com maior facilidade suas conflituosas e seus sofrimentos e, esses sentimentos, quando explanados, permitem um alicerce e maior chance de reconstruir a vida e a si mesmo. Por outro lado, as sanções impostas aos homens para a não expressão das suas emoções e exigência de uma menor intuição e maior operatividade, podem ocasionar uma intensa dificuldade na expressão da sua fragilidade frente à perda: *Eu não gosto de pensar na morte, eu não posso... Tiro o pensamento na hora assim, pra não sofrer (E1, 78, M).*

Uma expressão barrada e removida dos seus pensamentos diante das suas fragilidades pode surtir como um obstáculo para o sujeito se organizar e seguir adiante. Isso pode se destacar

no universo do homem idoso mediante uma perda que produz uma intensa ruptura a estrutura da sua vida, exposta através da aposentadoria. De modo habitual, antigamente, os homens eram direcionados à função de sustento da família, sendo figura central no papel de manutenção financeira. Somando-se a isso, os investimentos no âmbito masculino, em muitos casos, decorrem ao mundo do trabalho, sendo fonte de maior identificação do homem e fator fundamental para a sua identidade (Debert, 2016):

Olha a minha vida (risos) foi trabalho né, e eu agora já faz 8 anos que to morando na cidade, passei maior parte na fronteira trabalhando, e... não me acostumei até hoje ainda... O trabalho... Aí tamo aqui (risos). Barbaridade, é brabo ficar parado... A, o que que o cara vai fazer, não adianta... (E2, 71, M).

Não, a única coisa que a idade vem chegando, e vai tendo que te sujeitar algumas coisas que tu fazia antes não pode fazer agora né... coisas assim que tu vê que não é mais pra ti (...) Aí põe na cabeça, se aposento, agora vou ficar em casa... Por aí, tu te liquida mais rápido (E8, 71, M).

Considerando uma perda onde se habita um vínculo e, assim, um investimento afetivo, esclarece-se que quanto maior esse investimento, mais energia será necessária para efetuar o desligamento, o que pode tornar a reorganização da vida mais difícil (Kovács, 1992). Tal como a morte, em que há a perda de uma figura de afeto, na velhice se interpõe a perda de uma posição social e individual assumida pelo exercício do trabalho. A vida antes resumida ao trabalho e, muitas vezes, uma identidade atrelada a esse, ocupava a maior parte do discurso em relação a si, demonstrando-se frente a sua ausência, um vazio de sentido que define o sujeito. Como apresentado no discurso dos participantes, parar de trabalhar e, dessa forma, advirem limitações, são questões que colocam um entrave nas suas vidas e não impulsionam, necessariamente, a construção de novos projetos, tornando difícil substituir a função do trabalho em tempo, energia e sentido por outras atividades de lazer, e visualização de outros investimentos para si e para o mundo externo (Melo, 2013).

Assim, evidencia-se na dinâmica dos entrevistados, a exclusão de extensos fragmentos das suas redes de significados e identificações, nas quais se representavam frente o discurso social, não havendo mais, muitas vezes, alguém que o compreenda frente as suas dores e perdas. Sem espaço que autorize e reconheça as perdas envolvidas, os seus pensamentos e seus desejo, demonstra-se um risco à saúde mental, uma vez que o luto pode ser intensificado e mal elaborado quando silenciado, o que toca em especial a velhice do homem. Esses aspectos ainda instauram a demanda de se haver com as possibilidades e proximidade da própria morte na velhice (Venturini, 2015).

O toque da própria finitude na velhice: possíveis representações

Frente à visão do finito, o sujeito se depara com o temor da morte do outro, da sua própria morte e do que pode vir após essa (Kovács, 1992). Nesse âmbito, se presencia um sentimento de inutilidade e ineficácia diante do sofrimento inevitável do luto, e de se encontrar indefeso frente à solidão e às perdas simbólicas ou reais já evidenciadas.

A morte, enquanto uma questão obscura aos indivíduos e que não pode ser vencida, permanece como um enigma irremediável nas suas vidas, de modo a demonstrar a força imponente do real, bem como os limites da condição de ser humano (Freud, 1920). Imaginada como um acontecimento pavoroso e medonho pela sociedade, a morte se constitui em um temor compartilhado por todos. Dessa maneira, mobiliza intensas resistências para ser refletido, sendo raramente verbalizada a expectativa quanto à forma de morrer e as imaginações possíveis a esse fenômeno (Balbinotti, 2017). Diante disso, os indivíduos esquivam-se da finitude e a ignoram, de maneira que passam negar a própria condição de ser mortal: *“Ai assusta, mas tu não vai morrer né, tu só vai trocar de lugar, de cidade, daqui tu vai pra lá (E6, 86, F)”*.

No inconsciente, a morte não é vista como uma possibilidade real para o próprio sujeito. Ademais, a finitude da vida é conferida como algo maligno que se encontra fora do alcance dos homens, de modo que *“em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer por causa natural ou idade avançada”* (Kubler-Ross, 1998, p.6). Nessa lógica, o sujeito busca se convencer da sua imortalidade, por mais que se reconheça, de forma consciente, enquanto finito. Com isso, vivem como se nunca fossem morrer, uma vez que a morte se encontra no campo do outro, do irrepresentável (Kubler-Ross, 2008): *Sabe que eu não penso em morrer, eu acho que nasci pra semente... Eu nem penso (E9,76, F).; Eu não penso na morte (risos). Quando Deus quer me levar eu vou embora. Eu não gosto de falar essas coisas (E2, 71, M).; Eu tenho muito medo, medo, medo. Não sei, não sei... mas gostaria de viver, a vida inteira. Eu sei que não é verdade. A verdade né, pra todos o que é mais garantido é a morte (E4, 73, M).*

Por intermédio de mecanismos de defesa apresentados pelo sujeito idoso diante da possibilidade da morte, permite-se que essa seja ignorada da sua narrativa e das suas reflexões, dificultando assim a compreensão da finitude do ser no mundo (Silva, 2012). Todavia, como apresenta o discurso de E4, a morte demonstra-se como uma realidade, que por mais que busque ser negada, se sobrepõe ao seu caráter incontestável, no entanto, é difícil a sua aceitação sem

medo, sentimento que se apresenta como a resposta psicológica mais presente frente à morte. Todos os temores que o sujeito possui são, de algum modo, relacionados ao medo do morrer (Kovács, 1992). Por meio desse, teme-se o abandono, através da consciência da separação e da ausência do outro, bem como da própria extinção do sujeito (Kastenbaum & Aisenberg, 1983).

Como ressalta Kovács (1992), o medo da morte se evidencia como uma defesa diante da angústia da solidão, da separação de quem se ama, de se haver com o desconhecido, do que poderá ocorrer com os que ficam, da interrupção dos seus planos e do fracasso na realização dos seus desejos. Nesse ínterim, algumas projeções do sujeito em relação à ausência de si no mundo, surgem através das suas preocupações: *“Sim, mas tu tem que te preocupar com isso aí, com essas coisas assim, mesmo pela tua família né. Tu já sabe que se um dia tu faltar, não vai tar mais aqui e como eles vão ficar, não é a mesma coisa do que tu tar (E8,71, M).; Só que eu não sei, a minha preocupação, com o futuro do jovem... Queria tar aqui pra ver, gostaria que o jovem tivesse um futuro mais seguro. Do jovem, porque eu não vou alcançar (E1,78, M).*

A partir dessas dialógicas, pode-se compreender que os temores apresentados, se colocam como um modo de se reservar da vida, uma “paralisia para com o mundo”, além de um jeito de se desligar e se desapegar de forma gradual do social (Freud, 1915). Ao mesmo tempo em que a compreensão do fenômeno da morte impõe a necessidade de um desligamento do sujeito em relação ao vínculo com o futuro, expõe o desejo de lançar um olhar, ação e interpretação em relação a ele, demonstrando-se necessário para a sua composição. Dessa forma, a morte estampa um obstáculo que torna impossível a posse do objeto de desejo do sujeito como se evidenciam nas falas de E8 e E1, através de fazer parte da administração da família e da construção do futuro do jovem. Com efeito, a morte vem, muitas vezes, surpreender o sujeito e diminuir-lhe futuros possíveis e projetos promissores. Enquanto uma impossibilidade de “poder ser”, a morte furta a subjetividade do indivíduo, apresentando-se como um rapto, que o priva da realização de suas obras e das suas possibilidades (Schumacher, 2009; Mucida, 2017).

Frente a essas reflexões, concebe-se que a relação do sujeito com seu próprio morrer se situa como uma experiência possível na e pela linguagem, com o confronto do indivíduo com a falta de um último significante que o defina por completo. Seguindo Jerusalinsky (1996), na velhice sucede-se um momento no qual, após todas as tentativas de defesas no diálogo com a morte, estabelece o seu último recurso: o diálogo diário com a mesma, personificando-a, para que assim se possa negociar com a mesma, ou então, não ser tomado por ela de surpresa. Dessa

maneira, torna-se um diálogo da ordem do imaginário como uma via necessária de elaboração: *“É a gente entende melhor sabe que não vai viver sempre, como diz o outro. Tem um dia que não adianta, tem que entender que aquilo ali chegou o dia e não adianta.... pessoa mais velha como diz o outro, vem de um jeito. A gente já entende...”* (E7, 77, F).

Relativamente à pessoa idosa, esta vive o tempo e o espaço de um modo diferente, sendo o tempo mais existencial do que cronológico. Em especial, o sujeito idoso está chegando temporalmente mais próximo da morte, suas possibilidades de vida já não se equiparam à noção de muitos anos, como em outras etapas da vida presumia-se (Venturini, 2015). Assim a morte aparece como algo compreensível, de forma a ser apropriada de forma mais tranquila pela entrevistada. Nessa linha, sob certas circunstâncias a convicção do ser imortal passa a vacilar diante da consciência das perdas sentidas no próprio eu (Freud, 1915).

Nesse seguimento, passa a ser evidenciado, em muitos casos, uma referência constante à morte, tornando-a uma narrativa central nas suas vidas e no diálogo acerca do presente. Assim, o fenômeno da morte passa a provocar questionamentos e reflexões a respeito das possibilidades deste encontro, como evidenciam seus discursos:

É a lei eu acho da vida, quanto mais velho mais se preocupa né. Vai chegando, a minha filha que tem 18, ela não deve se preocupar, você mesmo (entrevistadora) não deve se preocupar, como eu me preocupo. Porque eu sei que pela lógica eu tenho bem menos tempo de vida do que vocês. Pela questão do tempo, então acho que tem que se preocupar mesmo (E8, 71, M).

É... A gente tá... Planejando se (com ênfase) eu alcançar 80 anos né, tô torcendo, mas nunca sabe né (...) O meu pai faleceu com 78 né, quer dizer que eu também não vou muito longe... mas tem muita gente hoje, hoje a idade é mais... as pessoas ficam mais velhas né... (E1, 78, M).

Conforme mencionado por E1, a morte surge como um pensamento, o qual retrata a lógica de uma herança da finitude. Aproximar-se da idade dos familiares que faleceram, traz de certa forma a angústia do morrer, de que esse pode acontecer logo consigo. Nesse sentido, o sujeito compreende que seus pais já morreram e, assim, pela sequência lógica da vida, o próximo a partir será ele (Jerusalinsky, 1996). Por mais que haja a consciência das conquistas e avanços da ciência, com a manutenção e controle acerca dos problemas de saúde, que tornam a expectativa de vida maior, as forças do real e da natureza, muitas vezes, podem se sobrepor e trazer à tona a consciência da doença e da morte. Com isso, o processo de luto é experienciado e o fantasma da eternidade se esvanece, encontrando, certa fragilização dos recursos simbólicos (Mucida, 2017).

Que pensa mais, a gente pensa. Será que ta perto, será que ta longe?! Não adianta esperar. Tinha um que faleceu já faz muito tempo, ele perguntou ‘doutor será que eu não vou morrer?’, ele disse que não. Passou um tempo ele morreu... Mas depois não sei por que que ele morreu.. Mas a gente não vê nada se da uma coisa na gente, que baixa a glicose da gente, tu cai ali e não vê mais nada. Me deu uma vez que me deu cateterismo, em casa minha filha me deu um chimarrão... Cai, ela foi me segurar, derrubei ela, cai por cima. A gente morre e nem sabe que foi, nem vê. Quando vê ta do outro lado (E10, 79, F).

De acordo com a fala de E10, como um poder sobre o qual não possuímos controle, sendo invisível, indomável e intangível, teme-se a morte por não saber como será o encontro com ela, em qual momento da vida ocorrerá, o que ela representará para o sujeito. A morte passa assim a ser significada como um “destino imperioso” (Eizirik et al., 2001). O indivíduo, para lidar e suportar a imponência da morte, com a ansiedade que a mesma provoca, recorre, através da busca pela construção de representações, a explicações e fantasias sobre quando e como será o fim (Kastenbaum & Aisenberg, 1983): *Eu vem toda hora vem, como que vai ser. Tomara que eu não incomode muito.. a gente procura ta sempre pronta. Quando Deus chama tem que ir nè (E10, 79, F).; Fico me perguntando... Peço pra Deus que eu quero ficar aqui na terra, mas quero ficar com saúde. Não quer ficar doente pra dar trabalho pros outros (E3, 78 F).; Eu penso, penso... Eu fico, o que que existe depois, isso aí eu me preocupo muito... o que que vem depois (E4, 73, M).*

A busca de respostas para o que acontecerá consigo após a morte e a ausência das mesmas, intensificam o medo frente ao desconhecido que se apresenta na finitude. Esta pode assumir diferentes significados pessoais, compreendida enquanto um evento biológico, um absurdo, uma separação, bem como algo inevitável e natural, um rito de passagem e, até mesmo o cumprimento de um desígnio de Deus (Silva, 2012). Essa experiência surge como um chamado, sendo, muitas vezes, mais atemorizante ao idoso a possibilidade deste encontro gerar a dependência do outro e a possibilidade de “dar trabalho” a esse. Assim, apresenta-se uma intensa angústia a muitos idosos quanto ao futuro impor o adoecimento e o sujeito assumir o significado de um estorvo para a família (Giacomin, Santos & Firmo, 2013).

Na necessidade de tornar este encontro com a finitude e suas angústias suportáveis, surgem as crenças, ideias religiosas e suas compreensões acerca dos fenômenos da natureza, de modo a reconciliar os homens com a crueldade do seu “destino”, através na morte (Freud, 1925). Dessa forma, busca-se um maior controle e compreensão acerca do “destino”, de modo a fugir da fragilidade exposta ao homem, bem como criar representações possíveis ao inominável deste fenômeno (Laplance & Pontalis, 2004).

A religião aparece no estudo como uma conexão que passa a ocupar o lugar do outro que falta. Através das leituras à bíblia, das idas à igreja e dos discursos assim construídos, faz-se das reflexões e falas do idoso, aspectos importantes e que devem ser escutados: *Poder falar com Deus, de poder se concentrar, falar da dor. Já ajuda a gente a organizar a cabeça, lidar com o sentimento melhor. Dizia ele olha a senhora tem o melhor atalho que existe pra ir lá no céu, Jesus, o melhor atalho, continue lendo a bíblia (E6, 86, F).*

Assim, toma-se um diálogo com a figura de Deus, conectando-se ao fato de constituir recursos simbólicos para lidar com o seu próprio luto e dor. Nesse âmbito, a religiosidade perpassa um espaço importante para a qualidade de vida dos sujeitos. À fé são atribuídos diversos sentidos como a força e suporte para sustentar o sofrimento, bem como para auxiliar o controle emocional (Geronasso & Coelho, 2012). Ademais, os processos mágico-religiosos passam a ser utilizados como modo de permitir um contorno para uma vivência marcada pelo vazio de sentido e reduzir o sentimento de impotência do sujeito (Quintana, 1999).

Dessa maneira, Deus passa a ser depositário das angústias do indivíduo, representando uma explicação, sentido às rupturas e esvaziamentos dos significados construídos até então. A religião, portanto, liga-se à possibilidade de se retirar de uma posição de impotência para assumir uma posição de algum controle sobre a sua vida e a sua finitude. Assim, a religiosidade propõe a ideia de que há alguém maior que zela e está cuidando de suas trajetórias (Reis, Farias & Quintana 2017): *A gente vai na igreja. Eu quando vô numa missa no domingo, agora eu tenho tempo pra fazer tudo que quero, já fui na missa, já rezei, o que é melhor, recebo Jesus (E9, 76, F). (...) Mas o dia que eu morrer tu vem me buscar com esse vestido tá, mas não assim, só eu e ele sabe, o meu pensamento falando com ele (refere-se à Deus), ninguém sabia, ninguém via (E10, 79, F).*

Por meio da fé se pode acessar ao Deus e, assim, obter certo controle sobre si e a sua perda, não estando mais totalmente a mercê dela. Com isso, compreende-se que, diante da ausência de sentido, a religião, e as explicações mágico-religiosas, preenchem em parte, o vazio aberto pela velhice nos seus encontros com a finitude. Diante disso, possibilita-se a constituição de uma série de significados que, frequentemente, o sujeito não encontra na ciência ou em outros campos de sua vida. Compreende-se assim, que embora o sujeito idoso crie inicialmente dispositivos de defesa para lidar com a morte, muitas vezes, negando a sua presença como parte da vida, conceber uma integridade do eu implica o convívio e “aceitação” da finitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No universo da velhice vinculam-se perdas recorrentes no que se refere à morte de figuras significativas, como os pais, os irmãos, o cônjuge, além de perdas que impõem rupturas e transformações na vida do indivíduo, através da aposentadoria e da percepção sobre a proximidade da própria finitude. Os referidos encontros com a morte tornam-se singulares na velhice, no que diz respeito às mudanças de identidade e papéis até então construídos na relação do sujeito consigo e com o mundo. Diante do exposto, perdem-se partes de si e exigem-se novos significados à vida e à morte.

As readaptações possíveis diante das elaborações das perdas na velhice demonstram as possibilidades de se reconstruir na dinâmica relacional e no investimento a outras esferas da vida, de forma a ocupar novos papéis na família, bem como na sociedade. No entanto, percebe-se que, em alguns casos, torna-se difícil a reestruturação de si, no que sucede, principalmente, o caráter de não acolhimento social da dor e do sofrimento do enlutado, além de particularidades acerca da vivência do luto, como em especial, no aspecto do gênero. Dessa forma, percebe-se um desafio na reconstrução do sujeito e na validação do luto, em especial, do homem idoso, de forma a barrar a sua expressão diante de perdas que repercutem em um intenso abalo a sua identificação enquanto ser no mundo.

Diante deste cenário, torna-se inevitável o olhar a ser lançado para a própria morte no sujeito idoso. Como uma árdua reflexão - que estrutura sentido a vida - a morte pode surgir desde uma sombra a ser constantemente afastada do indivíduo e negada do seu campo de visão e reflexão, a uma realidade que precisa ser encarada, mas que consigo propaga temores e questionamentos. Na manifestação dos mesmos, a morte torna-se possível de atribuição de sentido, através da linguagem, a qual intui indagações quanto a quando e como ocorrerá este fenômeno, além de, como decorrerá o futuro sem a sua presença e o que virá após a morte. Dessa forma, evidenciam-se diferentes sentidos, apropriando-se em principal o caráter de uma ordem divina, um destino a ser guiado pela figura de Deus. Percebe-se por meio da pesquisa, que como forte alicerce para a construção de significados à perda de si, os sujeitos idosos amparam-se, muitas vezes, na religião, tendo em vista que assim consolidam um espaço de leitura e escuta pelo outro, representado pela figura divina.

A presente pesquisa perpassou limitações compostas ao estudo, no que sucede a especificação do grupo social entrevistado, delimitando, de algum modo, os discursos apresentados no âmbito das possibilidades de ser na velhice e do seu enlace com as perdas.

Como acréscimos que o estudo pode proporcionar, acredita-se que a abertura de espaço para os participantes contarem as suas histórias e as suas angústias, de forma a essas serem valorizadas e detidas de uma atenção, auxilia na promoção de uma reconstrução de si e de suas vivências, além de proporcionar alicerces para um luto saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amorim, A. K. de A., & Viana, T. de C. (2003). Luto, tabu e ambivalência afetiva: a experiência de sofrimento no psíquico e na cultura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 6(4), 23-38. <https://dx.doi.org/10.1590/1415-47142003004003>
- Andrade, M. A. R. (2012). Representação da morte na velhice: diferentes concepções a partir de histórias de vida de idosas. *Revista Puc SP*. Retirado de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/downloadSuppFile/9672/546> acesso em 13 jul 2017.
- Áries, P. (2017). *A história da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. P. Áries. Trad. Siqueira, P.V. de. [Ed. Especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Balbinotti, H. B. F. (2017). A importância da espiritualidade no envelhecimento. *Memorialidades*, (27), 13-14. Retirado de: <http://periodicos.uesc.br/index.php/memorialidades/article/view/1741/1354>
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bittencourt, A. L. P., Quintana, A. M., & Velho, M. T. A. de C. (2011). A perda do filho: luto e doação de órgãos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(4), 435-442. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2011000400004>
- Brasil. (2016). Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016*. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, Seção 1, 10p. Retirado de: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acesso em: 10 set 2017
- Bromberg, M.H.P.F. (1995). *Psicoterapia em situações de perda e luto*. Campinas, Editorial Psy.
- Casellato, G. O. (2015). *Resgate da Empatia Suporte psicológico ao luto não reconhecido*. São Paulo: Summus Editorial.
- Castilho, G., & Bastos, A. (2015). Sobre a velhice e lutos difíceis: “eu não faço falta”. *Psicologia em Revista*, 21(1), 1-14. <https://doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2015V21N1P1>
- Cocentino, J. M. B., & Viana, T. de C. (2011). A velhice e a morte: reflexões sobre o processo de luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 591-599. <https://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000300018>
- Debert, G., Simões, J. A., & Henning, C. E. (2016). “Entrelaçando gênero, sexualidade e curso da vida: apresentação e contextualização”. *Sociedade e Cultura*, 19(2), p. 3-12.

- Dias, C. M. de S. B. (2002). A influência dos avós nas dimensões familiar e social. *Revista symposium*, 6(1), 34-38. Retirado de: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5743/5743.PDF>
- Doka, K. (2002). Introduction. In: Doka, K. *Disenfranchised Grief: New Directions, Challenges and Strategies for practice*. Illinois: Research Press, p. 5-20.
- Ducati, D. P. (2013). *O luto da separação nas relações amorosas*: In: CASELLATO, G. (org). Dor silenciosa ou dor silenciada? Perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade. 2a ed. Niterói: PoloBooks.
- Eizirik, C.I., Candiago, R.H., & Knijnik, A. (2001). A velhice. In: Eizirik CL. *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre (RS): Artmed, p.169-189.
- Färber, S. S. (2013). Lutos marginais e lutos desautorizados, ritos negados e omitidos. *Protestantismo em Revista*, 32, 03-14.
- Franco, M. H. (2010). Formação e rompimento de vínculos. *O dilema das perdas na atualidade*. São Paulo: summus editorial.
- Franqueira, A. M. R., Magalhães, A. S., & Féres-carneiro, T. (2015). O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(3), 487-497. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000300013>
- Freud, S. (1915). Luto e Melancolia. In: _____. A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos (1915- 1916). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago, p. 245-263.
- Freud, S. (1920). Além do Princípio de Prazer. In: _____. Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, p. 13-17.
- Freud, S. (1925). Ansiedade, dor e luto: um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade. *Análise leiga e outros trabalho*. Rio de Janeiro: Imago; 1925/2006. v.20.
- Galicioli, T.G.P., Lopes, E.S.de L.& Rabelo, D.F. (2012, ag.). Superando a viuvez na velhice: o uso de estratégias de enfrentamento. *Revista Temática Kairós Gerontologia*,15(4), pp.225-237. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.
- Geronasso, M., & Coelho, D. (2012). A influência da religiosidade/espiritualidade na qualidade de vida das pessoas com câncer. *Saúde E Meio Ambiente: Revista Interdisciplinar*, 1(1), 173-187. <https://doi.org/10.24302/sma.v1i1.227>
- Giacomin, K. C., Santos, W. J. dos., & Firmo, J. O. A. (2013). O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(9), 2487-2496. Retirado de: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000900002>> acesso em: 08 set 2017.

- Gil, A. C. (2002). Como elaborar projetos de pesquisa (4a. ed.). São Paulo, SP: Atlas.
- Hanus M. (2009). Les deuils au grand âge. *Études sur la mort*, 1(135):89-97
- Jerusalinsky, A. N. (1996). Psicologia do Envelhecimento.. Envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica.. Curitiba: [Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba - N° 20](#)
- Kastenbaum, R., & Aisenberg, R. (1983). *Psicologia da morte*. São Paulo: pioneira
- Kovács, M. J. (1992). Representações da morte; Medo da morte; Atitudes diante da morte. In: M. J. Kovács (org.), *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 1-13; 14-27; 28-47). São Paulo: Casa do Psicólogo Editora.
- Kovács, M. J. (2003). Educação para a Morte. *Temas e Reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kreuz, G., & Pereira Franco, M. (2017). O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69 (2), 168-186. Retirado de: <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229053873012.pdf>
- Kubler-ross, E. (2008). *Sobre a morte e o morrer*. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, Ed.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2004). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fonte.
- Linhares, J. (2007). *Entrevista com Colin Murray Parkes: A dor da morte*. Revista Veja.
- Maranhão, J.L. de S. (1987). *O que é morte*. São Paulo: Brasiliense.
- Melo, O. V. (2013). *Aposentadoria: prêmio ou castigo*. Passo Fundo: Berthier.
- Minayo, M. C. S. (2011). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 31 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, p.289-302.
- Mucida, A. (2009). *Escrita de uma memória que não se apaga: Envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Mucida, A. (2017). *O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Neimeyer, R. A. (2011). Reconstructing meaning in bereavement: summary of a research program. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 28(4), 421-426. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2011000400002>
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. Tradução de Maria Helena Franco Bromberg. São Paulo: Summus.
- Quintana, A. M. (1999). *A ciência da benzedura*. São Paulo, SP: EDUSC.

- Reis, C. G. da C. dos., Farias, C. P., & Quintana, A. M. (2017). O Vazio de Sentido: Suporte da Religiosidade para Pacientes com Câncer Avançado. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 106-118. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000072015>
- Ribes, G. (2000). De l'inconsolable à la veuve joyeuse. *Gérontologie et Société*, 95, 87-98.
- Rubio, M.E., Wanderley, K.S. & Ventura, M.M. (2011). A viuvez: a representação da morte na visão masculina e feminina. *Kairós Gerontologia*, 14(1), 137-147. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.
- Santos, E. M., & Sales, C. A. (2011). Familiares enlutados: compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. *Texto contexto-enfermagem*, 20(esp),214-222.
- Schumacher, B. N. (2009). *Confrontos com a morte*. A filosofia contemporânea e a questão da morte. Edições Loyola: São Paulo, BR.
- Silva, C. A., Carvalho L. S., Santos, A. C. P. O., & Menezes, M. R. (2007). Vivendo após a morte de amigos: história oral de idosos. *Texto e Contexto Enfermagem* 16(1), p. 97-104.
- Silva, A. S. A. da. (2012). Sussurros ao falar a morte: a significação da morte na senescência. *Revista Temática Kairós Gerontologia*,15(4). Online ISSN 2176-901X.
- Turato, E. R. (2013). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas* (6a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Venturini, I. (2015). Psicologia do envelhecimento: perdas e luto. Universidade regional do noroeste do estado do rio grande do sul – UNIJUI. Santa Rosa, dezembro. Retirado de: http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/3303/TCC_La%3ADs_Ang%C3%A9lica_Venturini.pdf?sequence=1
- Viorst, J. (2005). *Perdas Necessárias*. Editora: Melhoramentos, São Paulo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como limitação e demais interpretações possíveis da pesquisa, percebe-se que os familiares de alguns participantes, como filhos, amigos e companheiros, se colocavam como uma presença indispensável durante a realização das entrevistas e, muitas vezes, como um detentor do saber em relação ao sujeito idoso. Sendo uma opção também dos entrevistados, pode-se entender a nova dinâmica presente na vida desses, na qual o outro toma poder para falar de si (idoso) e passa assim a colar-se a sua identidade, a deter as suas ações e, ainda, as suas reflexões. Sendo assim, alguém que, em muitos casos, fala pelo sujeito e sobre ele. Presenciava-se, nessa lógica, na presente composição das relações uma percepção lançada acerca do idoso, a qual influenciava a sua autopercepção e o que ele julgava poder falar. Isso ainda apresentava reflexos na vivência do próprio luto, tendo em vista a forma como o outro, desde a sociedade e a família, possibilitavam ou não a manifestação dos sentimentos desse sujeito, como expressões de raiva e tristeza. Dessa maneira, demonstrava-se o não reconhecimento da subjetividade do idoso, impossibilitando, muitas vezes, a expressão do seu luto, o que se destacava nas dinâmicas de algumas entrevistas, bem como no diálogo apresentado pelos entrevistados.

Essas limitações expostas demonstram a importância de promover uma escuta a dinâmica familiar dos idosos, de modo a prover em demais estudos um olhar as suas relações e as suas conflituas na velhice. Por outro lado, como ponto positivo da pesquisa percebe-se que, através das indagações e direcionamentos da pesquisadora para o indivíduo do estudo, proporcionavam-se compreensões e posicionamentos de uma resposta diferente daquele que ditava sobre a sua história, de modo a emponderá-lo na relação e colocá-lo como protagonista da sua narrativa e das interpretações das suas experiências. Isso se confirmava, diante de questionamentos de alguns entrevistados em relação a ser isso mesmo que o pesquisador gostaria de estar ouvindo deles, de um pedido, autorização, para contar alguns pontos e problemáticas da sua história.

Considera-se assim como favorável a abertura de espaço e a possibilidade de contarem as suas histórias e de encontrarem um meio em que elas se tornam importantes, auxiliando nas lembranças das suas vivências e transformações. Tudo isso, provendo as ressignificações das suas dores, através da expressão e autorreconhecimento acerca das suas angústias e, assim, uma reconstrução simbólica de si e das suas experiências no envelhecer.

Frente ao exposto, compreende-se que todo o processo de se encontrar na velhice caracteriza a árdua apropriação desta fase como parte do indivíduo e da sua identificação com o ser e estar no mundo. Perdas que tocam simbolicamente o envelhecer, bem como perdas da ordem do real, exigem do sujeito idoso se haver com a ausência de referências que regiam as suas vidas até então, tornando necessário um processo de elaboração destas perdas, de modo a promover uma reconstrução do sujeito e consolidação de novos recursos simbólicos e referenciais para as suas dinâmicas e inter-relações. Diante das conflitivas apresentadas nesse embate, em alguns casos, torna-se difícil uma vivência acerca da dor e sofrimento, de forma a transformá-los em outros investimentos na vida do sujeito, tornando penosa a reconstrução de si na velhice. Levando isso em consideração, é imprescindível a abertura de meios sociais, sejam em diferentes grupos de terceira idade, de religião, famílias, bem como de serviços e locais de saúde, que permitam voz e escuta ao grupo de idosos, de forma a auxiliar na vivência de um envelhecer e um luto saudável, no que tange o acolhimento e ratificação das angústias e narrativas.

7. REFERÊNCIAS

AGICH, G. J. *Dependência e autonomia na velhice: um modelo ético para o cuidado de longo prazo*. São Paulo: Loyola, 2008.

ALVAREZ, A. M. et al. Do real ao ideal – o (des)cuidar da saúde dos idosos longevos. *Rev Bras Enferm*, v. 68, n.3, p. 343-349, 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672015000300398>

acesso em 12 jun 2017.

ANDRADE, M. A. R. Representação da morte na velhice: diferentes concepções a partir de histórias de vida de idosas. *Revista Puc SP*, 2012. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/downloadSuppFile/9672/546>> acesso em

13 jul 2017

ÁRIES, P. *A história da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias*. P, Áries. Trad. Siqueira, P.V. de. [Ed. Especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

AUGUSTO, M. C. N de A.; BARROS, M. N. dos.; PEREIRA, T. T. S. O. O cuidado em saúde: o paradigma biopsicossocial e a subjetividade em foco. *Mental*, v.4, n.17, p. 523-536, 2011.

AYRES, J. R. de C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. *Saúde soc.*, v. 13, n. 3, p. 16-29, 2004. Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000300003&lng=en&nrm=iso)

[12902004000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000300003&lng=en&nrm=iso)> . Acesso em: 04 mai. 2017

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARRETO, R. de. O. *Encontros e desencontros: um olhar sobre a velhice em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos*. 2012. Dissertação (Mestrado em administração) -

Universidade federal de Minas Gerais, Minas Gerais. 2012. Disponível em:
<<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-95GM2J>> Acesso em: 10 ago. 2017.

BASSORA, J.B.; CAMPOS, C. J. G. Metodologia clínico-qualitativa na produção científica no campo da saúde e ciências humanas: uma revisão integrativa. *Rev. Eletr. Enf*, v. 12, n. 4, p. 753-60, 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i4.5804>> Acesso em: 15 ago. 2017.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BEAUVOIR, S. de. *A Velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELATO, D. História da velhice. In: L. B., Dallepiane. *Envelhecimento Humano. Campo de Saberes e Práticas em Saúde Coletiva*. Ijuí: Unijuí, 2009.

BIRMAN, J. Terceira idade, subjetivação e biopolítica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.22, n.4, p.1267- 1282, 2015.

BRASIL. *Estatuto dos Idosos*. Lei nº 10.741 de 10 de Outubro de 2003, 2003.

BRASIL. *Estatuto do Idoso*. Lei nº10.741, de 1ª de outubro de 2003. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2009, 44p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2012, p. 54.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, Seção 1, 2016, 10p. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acesso em: 10 set 2017.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramentas para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev Bras Enferm*, Brasília (DF), v. 57, n. 5, p. 611-4, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>> Acesso em: 12 set 2017

CARNEIRO, J. B. *O sujeito no tempo da velhice*. 1aed. São Paulo: Zagodoni, 2017. 154p.

CAVALCANTE, V.; SANTOS, P. P. dos. Direito dos idosos e o resgate da cidadania através do Estatuto do idoso. *Jus.com [online]*, 2015. Disponível em <<https://jus.com.br/artigos/36964/direito-dos-idosos-e-o-resgate-da-cidadania-atraves-do-estatuto-do-idoso>> Acesso em: 10 set 2017

CHÉRIX, K.; JÚNIOR, N. E. C. O cuidado de idosos como um campo intersubjetivo: reflexões éticas. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 21, n. 62, p. 579-588, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/4439/5353>> Acesso em: 07 set. 2017

CORALLI, B. O silêncio coletivo: a morte na atualidade e o desconforto causado por ela. *Psicologia O portal dos psicólogos*, 2012. Disponível em <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0656.pdf>> Acesso em: 03 ago 2017

CORREA, M. R. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 125 p. Disponível em: <<http://www.mdh.gov.br/assuntos/bibliotecavirtual/pessoa-idosa/publicacoes-2009/pdfs/cartografias-do-envelhecimento>> Acesso em: 05 mai. 2017.

DAMINICO, J. G. S.; SANTOS, F. da. C. O mal-estar na velhice como construção social. *Revista pensar a prática*, v. 12, n.1, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/4439>> Acesso em: 10 set. 2017.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos*. Seguindo de "Envelhecer e morrer". Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ERIKSON, E. H. *O ciclo da vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FARIAS, K. G. Tecendo o luto: implicações sobre a representação de morte durante a velhice. *4º Congresso internacional de envelhecimento humano. Anais CIEH*, Campina Grande, PB, Brasil, 2015. Disponível em:

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/cieh/trabalhos/TRABALHO_EV040_MD4_SA3_ID448_27082015213013.pdf> Acesso em: 10 out. 2017.

FARIAS, A. R. R. L. de.; RODRIGUES, H. de. F. Além do corpo e das palavras: Por uma erótica do envelhecimento. *Anais do I Congresso Nacional de Envelhecimento Humano*, Natal, RN, Brasil, 2016.

FREITAS, M. C. de.; QUEIROZ, T. A.; SOUSA, J. A. V. de. The meaning of old age and the aging experience of in the elderly. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 44, n, 2, p. 407- 412, 2010. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342010000200024>> Acesso em: 15 set 2017.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990/1921. p. 89-179.

_____a. O Inconsciente. In: S. FREUD. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1915/2006, p. 214.

_____b. Reflexões sobre os tempos de morte e de guerra. In: S. FREUD (*Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1915), 2006. p. 306.

_____c. Luto e melancolia. In: S. Freud (*Edição standard das obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1917 [1915]), 2006.

GIACOMIN, K. C.; SANTOS, W. J. dos.; FIRMO, J. O. A. O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer.

Ciência & Saúde Coletiva, v. 18, n. 9, 2013. 2487-2496. Disponível em:
<<https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000900002>> acesso em: 08 set 2017

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDFARB, D. C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. Dissertação de mestrado de Psicologia Clínica, PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil, 1998. Disponível em:
<<http://www.portaldoenvelhecimento.net/artigos/corpo.pdf>> acesso em: 10 out. 2017.

GOMES, L.; LOUREIRO, A. M. L.; ALVES, V. P. O velho e a morte. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, v. 15, n. 4, p.117-132. ISSN 2176-901X.

HANUS, M. Les deuils au grand âge. *Études sur la mort*, v.1, n.135, p. 89-97, 2009.

HECK, D. M.; MEMENTO. O moribundo e a morte em as intermitências da morte, de Jose Saramago. *Revista do Mestrado em Letras - Linguagem, Cultura e Discurso*, v.6, n. 1, 2015. ISSN 2317-6911. Disponível em:
<<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/2259>> Acesso em: 17 set. 2017

HOFFMANN, L. A. A morte na infância e sua representação para o médico: reflexões sobre as pratica pediátrica em diferentes contextos. *Caderno de saúde pública*, v.9, n.3, p. 364-374, 1993.

IBGE. *Projeção da população do brasil por sexo e idade para o período 2000/2060*. Brasília – DF. Coordenação geral dos direitos do idoso, 2013.

JERUSALINSKY, A. A formação da imagem corporal. In: A. Jerusalinsky, *Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar*. 5ª ed. Porto alegre – artes e ofícios, 2010.

KOVÁCS, M. J. Representações da morte; Medo da morte; Atitudes diante da morte. In: M. J. Kovács (org.), *Morte e desenvolvimento humano* (pp. 1-13; 14-27; 28-47). São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, 1992.

KOVÁCS, M. J. Educação para a Morte. *Temas e Reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KOVÁCS M. J. Educação para a morte. In: P. S. dos, Santos (Org.). *Cuidados paliativos: discutindo a vida, a morte e o morrer*. São Paulo: Atheneu, 2009. p. 45-58.

KUBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer*. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, Ed, 2008.

LE BRETON, D. *Adeus ao corpo*. Antropologia e Sociedade. Campinas: Papyrus, 2003. p. 13-66.

MANDÚ, E. N. T. Intersubjetividade na qualificação do cuidado em saúde. *Revista latinoamericana de enfermagem*, v. 12, n. 4, 2004. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rlae/article/view/1926>> acesso em: 23 set. 2017

MANNONI, M. *O nomeável e inomeável: a última palavra da vida*. Editora: Jorge Zahar Editor, 1995.

MATOS, C. L. A. A juvenilização do idoso na cultura de consumo: construção de identidades e culto ao corpo. *Anais 18º REDOR da Universidade Federal Rural de Pernambuco*. Recife, PE, Brasil, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/1933/657>> Acesso em 12 jun 2017.

MATTEDI, M. A.; PEREIRA, A. P. Vivendo com a morte: o processamento de morrer na sociedade moderna. *Caderno CRH*, v. 20, n. 50, p. 319-330, 2007.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Agenda estratégica de prevenção do suicídio*, 2017. Disponível em: <<http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/Coletiva-suicidio-21-09.pdf>> acesso em: 25 set. 2017.

MINAYO, M. C. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, vozes. 2002, p.25.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 31 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOLLER, L. L. *Direito a morte com dignidade e autonomia*. 3ª reimpressão. Curitiba: Jurua, 2012. 186p.

MORAES, G. V. de. O. *Influência do saber biomédico na percepção da relação saúde/doença/incapacidade em idosos da comunidade*. Dissertação de Mestrado – Ciências na área de concentração Saúde Coletiva. Belo Horizonte, MG, Brasil, 2012.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 59-79, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000100009&lng=en&nrm=iso Acesso em: 14 out. 2017.

MUCIDA, A. *Escrita de uma memória que não se apaga: Envelhecimento e velhice*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2009.

MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

OLIVEIRA, S. C. F. *O olhar do idoso sobre a finitude*. Um estudo sobre as representações sociais da morte em idoso de uma cidade do sertão pernambucano. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Pernambuco - Recife, Pernambuco, 2008.

OLIVEIRA, K. D.; ALMEIDA, K. L. de.; BARBOSA, T. L. *Amostragens probabilísticas e não probabilísticas: técnicas e aplicações na determinação de amostras*. Jerônimo Monteiro, 2012.

OLIVEIRA, E. A.; SANTOS, M. A.; MASTROPIETRO, A. P. Apoio psicológico na terminalidade: ensinamentos para vida. *Psicol. Est.*, v. 15, n. 2, 2010, p. 235-244.

RABELLO, E. T.; PASSOS, J. S. Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento, 2002. Disponível em <<http://www.josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>> Acesso em: 15 out 2017.

RAMOS, R. R. A velhice no século XXI. In: R. R. A., Ramos (Org.), *Curso de direito do idoso*. São Paulo: Saraiva, 2014.

ROSA, C. M. Silêncio, exclusão e morte: o trabalho do negativo na velhice. *Polêmica*, v.13, n.1, pp. 929-944, 2014. doi:10.12957/polemica.2014.9656

SALLES, A. A. Transformações na relação médico-paciente na era da informatização. *Rev. bioét. (Impr.)*, v. 18, n.1, pp. 49-60, 2010.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos psicologia* (Campinas), v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000400013&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 09 maio 2017.

VILHENA, J. de.; ROSA, C. M. O silenciamento da velhice: apagamento social e processos de subjetivação. *Revista Subjetividades*, v. 16. n..2, pp. 9-19, 2016. Disponível em <<https://dx.doi.org/10.5020/23590777.16.2.9-19>> acesso em 09 mai 2017.

TURATO, E. R. *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: Construção teórico epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas* (6a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VIANNA, L. G.; LOUREIRO, A.M. L.; ALVES, V. P. O velho e a morte. Revista *Temática Kairós Gerontologia*, v.15, n. 4, pp. 117-132, 2012.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto. *Temáticas*, v. 22, n. 44, pp. 202-218, 2014.

WHO. *Active Ageing – A Policy Framework*. A Contribution of the World Health Organization to the second United Nations World Assembly on Aging. Madrid, Spain, April, 2002. ISSN 2318-0854.

ANEXO I – EIXOS NORTEADORES ÀS ENTREVISTAS

A condução da entrevista dar-se-á de forma semidirigida, na qual o pesquisador pode facilitar a direção da entrevista, através do estímulo para que se discorra sobre alguns assuntos (Turato, 2013). Dessa forma, os seguintes eixos norteadores irão compor as entrevistas com os idosos:

- Momento da vida a partir do qual começou a se sentir idoso;
- Diferenças entre ser idoso e ser jovem;
- Mudanças na velhice;
- Relações sociais antes de se considerar idoso e após;
- Percepções sobre a relação familiar;
- Percepções sobre relação paciente-profissional;
- Dependência e Independência;
- A perspectiva de futuro;



**ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA
PARTICIPANTES
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

Título do estudo: Narrativas de velhice: entrelaces do discurso acerca do luto.

Pesquisador responsável: Prof. Dr. Alberto Manuel Quintana

Instituição/Departamento: Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UFSM

Telefone e endereço postal completo: (55) 3220-9304. Avenida Roraima, 1000, prédio 74B, sala 3302, 97015-900, Santa Maria- RS.

Local da coleta de dados: Estratégia de Saúde da Família São José – Santa Maria, RS.

Prezado(a):

Eu, Alberto Manuel Quintana, responsável pela pesquisa “Narrativas da velhice :Entrelaces do discurso acerca do luto”, o convido para participar como voluntário desta nossa pesquisa. Assim, este documento vincula-se a um estudo que estamos realizando para elaboração de uma pesquisa em formato de Dissertação de Mestrado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Os objetivos dessa pesquisa consistem em compreender como os sujeitos idosos significam a velhice hoje e como percebem a ideia da finitude. Para tanto, serão realizadas entrevistas com idosos acima de 70 anos de idade vinculados a uma das Estratégias de Saúde da Família que mais possui demanda com essa fase da vida. Acreditamos que esta pesquisa seja importante em função da escassez de estudos científicos referentes aos aspectos emocionais e sociais que dizem da relação com o outro e a reflexão a partir do olhar dos idosos sobre a temática das perdas e da finitude.

Para a realização da pesquisa serão feitas entrevistas individuais, sendo a sua participação na pesquisa realizada por meio destas. A fim de dar a condução a esse estudo, faz-se necessário a sua autorização. Assim, este documento consiste na autorização da gravação em áudio das entrevistas, para que sejam registradas, transcritas e posteriormente analisadas. As

gravações e as transcrições garantirão o sigilo e privacidade sobre seus dados e ficarão armazenadas em um computador por cinco anos, sendo descartadas ao final desse período.

Após a análise dos dados, estes serão divulgados, de maneira a preservar sua identidade, na Dissertação de Mestrado, bem como em periódicos e eventos científicos, para que possa contribuir com conhecimento sobre o assunto. Em relação à entrega do relatório final para os participantes, é de responsabilidade dos pesquisadores, que estarão comprometidos com esta devolução.

É possível que surjam alguns desconfortos ou riscos, os quais não são distintos ou maiores que os resultantes de uma conversa informal. Contudo, você poderá se sentir desconfortável ao lembrar e falar de situações de sua vida, podendo assim a entrevista ser interrompida conforme a sua vontade. Em função disso, você terá direito, de uma assistência imediata e integral gratuita, através da Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria, para que possa conversar visando a minimização do foco de sofrimento provocado pela pesquisa. Os benefícios que se esperam com o estudo, não são imediatos e diretos a você, mas compreende-se que você estará proporcionando através da sua fala e vivência, crescimentos no conhecimento científico referente ao tema da pesquisa, de modo a possibilitar reflexões e uma melhoria na compreensão e inclusão social, bem como, na qualidade de vida dos idosos. Este estudo pode ajudar na construção de uma compreensão e formas de cuidado pelas equipes de saúde e familiares que se aproximem das demandas dos idosos.

Assim, a pesquisa se compromete a seguir a Resolução 510, de 07 de abril de 2016, segundo o Conselho Nacional de Saúde, que rege a Ética na Pesquisa envolvendo seres humanos nas ciências humanas e sociais. No decorrer de todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida e solicitar qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa. Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão e participação a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovados em decorrência da participação na pesquisa.

Observação: Este documento será apresentado em duas vias, uma permanecerá de posse dos pesquisadores e a outra, do participante.

Autorização:

Eu, _____, RG
N. _____ informo que fui esclarecido(a) da pesquisa, de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento ou coerção, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador, para esclarecer todas as minhas dúvidas. Estou suficientemente informado sobre os objetivos, os procedimentos aos quais serei submetido, os riscos e benefícios, bem como, a garantia de confidencialidade e os direitos como participante desta pesquisa. Declaro ter sido informado que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem prejuízos ou perda de qualquer benefício. Diante do exposto, expresso que aceito participar da pesquisa de forma voluntária e de espontânea vontade e assino este termo em duas vias, uma das quais me foi entregue.
Data: ____/____/2018.

Assinatura do participante

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato:

CEP/UFSM: Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 2º andar - Cidade Universitária - Bairro Camobi - Santa Maria – RS. Tel.: (55)3220-9362; e-mail: cep.ufsm@gmail.com.

Equipe de pesquisa: Coordenador, Prof. Dr. Alberto M. Quintana (Tel:3220-0931; e-mail: albertom.quintana@gmail.com);

Mestranda em Psicologia Luísa da Rosa Olesiak (Tel: 999907783, e-mail: luisa_drolesiak@hotmail.com)



ANEXO III – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Título do projeto: Narrativas da velhice: Entrelaces do discurso acerca do luto

Pesquisador responsável: Alberto Manuel Quintana

Instituição/Departamento: UFSM/Psicologia **Telefone para contato:** (55) 981294258

Local da coleta de dados: Estratégia de Saúde da Família São José

Os pesquisadores responsáveis por esta pesquisa comprometem-se a preservar o sigilo quanto aos dados dos participantes do estudo, os quais serão coletados por meio de entrevistas individuais semiestruturadas a serem gravadas em áudio, no período de março a junho de 2018, nas residências dos sujeitos vinculados à Estratégia de Saúde da Família São José, ou nos espaços disponibilizados por este serviço.

Aponta-se que as informações coletadas por meio das entrevistas e suas transcrições na íntegra serão utilizadas exclusivamente para fins de execução do estudo. Assegura-se a privacidade de todos os participantes, visto que todos os materiais provenientes das entrevistas somente serão divulgados de forma que os participantes não possam ser reconhecidos. Os registros serão mantidos no Centro de Ciências Sociais e Humanas da UFSM, Departamento de Psicologia, na Avenida Roraima, Santa Maria/RS, CEP 97105340, prédio 74B, sala número 3112A, pelo período de cinco anos sob a responsabilidade do Prof. Pesquisador Alberto Manuel Quintana. Após esse período, os dados serão destruídos. Esse projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em/...../....., com o número de registro CAAE: 81642117.5.0000.5346¹

Santa Maria, de de 2018

Alberto Manuel Quintana Orientador/ Pesquisador responsável. Professor Dr. Associado ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSM

ANEXO IV – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Prefeitura Municipal de Santa Maria
Secretaria de Município da Saúde
Núcleo de Educação Permanente da Saúde
e-mail: nepessantamaria@gmail.com – Fone (55) 3921-7201

AUTORIZAÇÃO

Vimos por meio deste informar que o projeto de mestrado intitulado “**Narrativa da velhice na contemporaneidade: Entrelaces do discurso acerca do cuidado e da morte**” de autoria da mestranda **Luisa da Rosa Olesiak**, do curso de Pós-Graduação em Psicologia da UFSM, poderá ser desenvolvido junto ao Serviço de Saúde de Santa Maria-RS, mediante aprovação prévia do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos – CEP da referida Instituição.

O projeto de pesquisa tem por objetivo geral compreender as significações atribuídas por sujeitos que se encontram na velhice em idade igual ou superior a 70 anos, acerca do envelhecer na contemporaneidade.

Ressaltamos que a coleta de dados somente poderá ser iniciada mediante apresentação do documento fornecido pelo CEP.

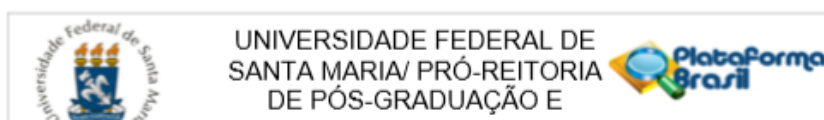
Na certeza de compartilharmos interesses comuns. Sendo o que tínhamos para o momento.

Santa Maria, 19 de dezembro de 2017.

Fábio Mello da Rosa
Núcleo de Educação Permanente da Saúde
Secretaria de Município da Saúde de Santa Maria

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA
SECRETARIA DE MUNICÍPIO DA SAÚDE
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO PERMANENTE DA SAÚDE
PORTARIA 0049/2007 SMS

ANEXO V – CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA
DE PÓS-GRADUAÇÃO E



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NARRATIVAS DA VELHICE NA CONTEMPORANEIDADE: ENTRELAÇOS DO DISCURSO ACERCA DO CUIDADO E DA MORTE

Pesquisador: Alberto Manuel Quintana

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 81642117.5.0000.5346

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.511.508

Apresentação do Projeto:

O projeto (dissertação/PPG Psicologia/UFSM) tem como objeto as "significações atribuídas por sujeitos idosos acima de 70 anos, vinculados a uma Estratégia de Saúde da Família, acerca do envelhecer na contemporaneidade, além da compreensão entorno do discurso interligado a ideia da morte e do cuidado, de modo a entender como presenciam esses fenômenos". O projeto, definido como "um estudo exploratório e descritivo, de cunho qualitativo, tendo como base o método clínico-qualitativo" ("Como pilares do método clínico-qualitativo se encontra a atitude clínica, de poder olhar para o sujeito que porta a dor, existencialista, de refletir sobre as questões humanas e, por fim, a atitude psicanalítica, de escutar o sujeito que vivencia as problemáticas. Dessa forma, promove-se um acolhimento das ansiedades e angústias do participante, a valorização das emoções e dinâmica mobilizadas na relação com os sujeitos pesquisados"), informa, também que o "contato e dados desses sujeitos serão disponibilizados pelos profissionais da ESF, mediante o acesso aos seus cadastros, sendo a partir de então contatados via telefone". Em termos epistemológicos, a base está na abordagem dialética, "que interpreta a realidade e o fenômeno em uma visão macrosocial, objetivando alcançar a compreensão de uma dinâmica do objeto em seus diferentes aspectos, considerando -os em contínuo movimento. Nessa ordem, se propõe a abordar o sistema de relações construído, a forma de conhecimento exterior ao sujeito, bem como, as representações sociais que retratam o mundo de significados entorno do fenômeno".

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar

Bairro: Camobi

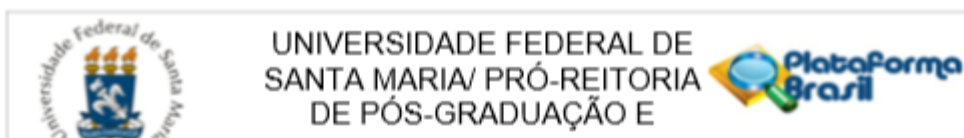
CEP: 97.105-970

UF: RS

Município: SANTA MARIA

Telefone: (55)3220-9362

E-mail: cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.511.508

Os dados serão coletados via "entrevistas semi-estruturadas com questões abertas", as quais serão compreendidas através da análise de conteúdo.

Os participantes têm mais de 70 anos, de ambos os sexos, vinculados a Estratégia de Saúde da Família da região Centro Leste de Santa Maria. O projeto prevê 14 participantes.

Objetivo da Pesquisa:

Compreender as significações atribuídas por sujeitos que se encontram na velhice, em idade igual ou superior à 70 anos, acerca do envelhecer na contemporaneidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A descrição de riscos e benefícios foi apresentada de modo suficiente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados de modo suficiente.

Recomendações:

Veja no site do CEP - <http://w3.ufsm.br/nucleodecomites/index.php/cep> - na aba "orientações gerais", modelos e orientações para apresentação dos documentos. ACOMPANHE AS ORIENTAÇÕES DISPONÍVEIS, EVITE PENDÊNCIAS E AGILIZE A TRAMITAÇÃO DO SEU PROJETO.

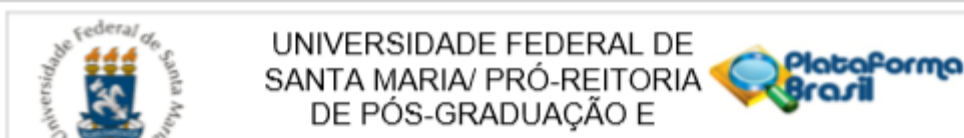
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.511.508

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1059289.pdf	08/02/2018 14:28:03		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autoriz_institucional.pdf	08/02/2018 14:24:15	Luísa da Rosa Olesiak	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_2475634.pdf	08/02/2018 14:22:14	Luísa da Rosa Olesiak	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AutorizacaoNEIS.pdf	08/02/2018 14:19:38	Luísa da Rosa Olesiak	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Dissertacao2018.pdf	08/02/2018 14:18:34	Luísa da Rosa Olesiak	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_dissertacao2018.docx	08/02/2018 14:16:25	Luísa da Rosa Olesiak	Aceito
Declaração de Pesquisadores	termo_de_confidencialidade.pdf	25/01/2018 15:50:22	Luísa da Rosa Olesiak	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	25/01/2018 15:48:08	Luísa da Rosa Olesiak	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	25/01/2018 15:47:47	Luísa da Rosa Olesiak	Aceito
Brochura Pesquisa	registro_Gabinete_de_Projetos.pdf	25/01/2018 15:45:11	Luísa da Rosa Olesiak	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	22/01/2018 16:17:03	Luísa da Rosa Olesiak	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA MARIA, 25 de Fevereiro de 2018

Assinado por:
CLAUDEMIR DE QUADROS
 (Coordenador)

Endereço: Av. Roraima, 1000 - prédio da Reitoria - 2º andar
Bairro: Camobi **CEP:** 97.105-970
UF: RS **Município:** SANTA MARIA
Telefone: (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com